


**unesp**  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Faculdade de Ciências e Letras  
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa  
Campus de Araraquara - SP

FÁBIO AUGUSTO ALVES DE OLIVEIRA

**BRASIL NAS LINHAS DA IMPRENSA:  
DIÁLOGO E POLÍTICA EM *FOLHA DE S.P.* E *LE  
MONDE***



ARARAQUARA – S.P.

2023

FÁBIO AUGUSTO ALVES DE OLIVEIRA

**BRASIL NAS LINHAS DA IMPRENSA:**  
DIÁLOGO E POLÍTICA EM *FOLHA DE S.P. E LE*  
*MONDE*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

**Orientadora:** Profa. Dra. Luciane de Paula

**Bolsa:** CAPES

ARARAQUARA – S.P.

2023

O48b           Oliveira, Fábio Augusto Alves de  
                  Brasil nas linhas da imprensa : Diálogo e política em  
Folha de S.P. e Le Monde / Fábio Augusto Alves de  
Oliveira. -- Araraquara, 2023  
                  117 p.

                  Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista  
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
                  Orientadora: Luciane De Paula

                  1. Estudos bakhtinianos. 2. Política brasileira. 3.  
Imprensa. 4. Enunciado. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**BRASIL NAS LINHAS DA IMPRENSA:**  
**DIÁLOGO E POLÍTICA EM *FOLHA DE S.P. E LE MONDE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

**Orientadora:** Profa. Dra. Luciane de Paula

**Bolsa:** CAPES

Data da defesa: 23/05/2023

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientadora:** Profa. Dra. Luciane de Paula (UNESP-Assis e UNESP-Araraquara)

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa Di Fanti (PUC-RS)

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Thiago Amparo (FGV)

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

## -AGRADECIMENTOS-

Mestrado, a meu ver, é uma formação cujos impactos são, por vezes, sentidos a longo prazo. Os resultados, portanto, vão além do documento aqui apresentado em forma de dissertação. Ao longo dos anos, aprofundei as teorias que baseiam meu pensamento desenvolvido aqui; conheci a docência em nível superior; expandi meu conjunto de referências teóricas. Eu poderia citar ininterruptamente tudo que contribuiu em minha formação geral no mestrado. Contudo, destaco, em especial, a relação com o ensino de português. Coincidiu o trabalho em escola pública com os momentos finais do mestrado. Toda a bagagem acadêmica é relevante porque auxilia a compreender materiais didáticos, conceitos teóricos, propostas e tendências de ensino. Como estou alinhado à corrente do Círculo, a perspectiva dialógica impacta a visão de ensino desenvolvida, em uma dinâmica pela busca dos sentidos nas produções de linguagem sociais, com participação ativa de estudantes. Defendo, portanto, a formação contínua e crítica de profissionais de educação; as ciências, especialmente as linguísticas; a universidade pública; e a educação crítica de qualidade. Agradeço, diante de toda formação em processo, citando os nomes que me tocaram e foram/são fundamentais nesse percurso:

Às amigas longínquas: *Geissiele de Paula, Camila Bonfim, Samara Silva e Camila Ferreira*, pela presença e doçura da distração.

Aos meus colegas de República: *Camila Lopes e José Lucas Damaceno*, que, crescendo juntos, ensinaram-me que, mesmo em um estado tenebroso, a luz necessária está próxima.

Às minhas amigas: *Gabriela e Daniela Nascimento*, que acreditaram e sempre me apoiaram, mesmo quando eu questionava o devido valor do amanhã.

Aos colegas do *GED*, pelas conversas e discussões sempre pertinentes. Em especial, à *Laura Pereira Teixeira*.

Às amigas de faculdade, sem as quais algo ou tudo em mim seria carente: *Marcus Vinícius Mazini, Carmem Simões, Vanessa Oliveira, Ana Maria Machado, Raiane Fava e Beatriz Mauad*.

Aos professores e às professoras da FCL/Assis, que me mostraram o sim e o não cabíveis. Em especial, *Lúcia Regiane Lopes-Damásio, Fabiano Rodrigo da Silva Santos e Rosana Lopes Messias*. Agradeço também às professoras da área de francês do Departamento de Letras Modernas da FCL/Assis: *Janaína Sales, Norma Domingos, Carla Cavalcanti e Daniela Callipo*, que direta e indiretamente estão nessa dissertação.

Ao Escritório de Pesquisa da FCL/Assis e à toda equipe STAEP.

À equipe da Seção Técnica de Pós-Graduação da FCL/Araraquara e ao PPG-Linguística e Língua Portuguesa.

Às/ao docentes: *Marina Célia Mendonça* (UNESP/FCLAr), *Elizabeth Sanches Rocha* (UNESP/FCBS) e *Fernando Azevedo* (UFSCar).

À Profa. Dra. *Luciane de Paula*, pela orientação e diálogo ao longo de todos esses anos. Rigor, método, olhar e sobretudo vida.

Ao *Bruno Meyerfeld*, pela conversa sobre o jornalismo no Brasil e na França.

À *equipe* da Escola Estadual Maria Cristina Schmidt Miranda, pelas conversas e ensinamentos sobre educação.

À *Camilla Rippi Moreno*, quem me ajudou e orientou há anos. Deu-me sinais de mim, de um eu possível. Com um trabalho sensível e sobretudo humano.

À minha família, pela ajuda, suporte, amor e motivação, por tudo que as palavras não conseguem dizer: *Nilton, Rita e Caio*.

À *Ana Carolina Siani Lopes*, por mostrar o valor da amizade e de tudo sagrado. Este mundo que nos é particular será eterno. Que saibamos a ele retornar em momentos de crise, decadência e também superação, porque o amor e a esperança muito nos ensinam humanos. Este texto e esta pessoa também têm teu nome. Ao *Wellington Siqueira*, também pois é uma dádiva, daquelas que te ameaçam a paz por te inserir no desconhecido. Muito obrigado, sobretudo, pela palavra, pelo poder do dizer: amo, amiga!

Ao *Guilherme Galvão* e à *Patrícia Galvão*, pela paciência, parceria, inteligência e amor. Que seja assim, então: uma vida inteira para estar ao lado e viver o bom, o melhor, o mais sábio dos amores. Muito obrigado, Guito.

À banca, *Glória Di Fanti* (PUC-RS) e *Thiago Amparo* (FGV) pela leitura e aceite, pelas palavras de incentivo e crítica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço, então, o financiamento, tão importante para a ciência no Brasil.

*...desencantadas de um futuro capital. A dor suprema de existir, na física imanente que perdura um segundo de consolo para um século de sofrimento. Quando em horas difíceis sangrentas e for teu dever a mim perguntar o que em ti mudara, direi solene que sim, que eras melhor, que és melhor. E logo saberás ver que nunca, dado horror subterrâneo, a memória te escapará, um sonho pleno de angústia. Mesmo cativa, fará de ti, alegria ou inverso, um ser caído nevrálgico nas estrelas, um andarilho em ruínas. Vulto à estreita, este teu passo clandestino que te finda valente também é, em paradoxo amável, teu terror íntimo. Na consequência, tu serás em certo o acúmulo doce que tu próprio sonharas ser. Então terás o peso indomável de ver através de teu ódio bruto um amor capaz de colher tarde a alvorada e forjá-la como trilha de misericórdia. As proposições em que crês aqui inscritas em um enigma óbvio, revelado, como tu foste amanhã. Da lâmina impetuosa que retalha ou da pedra mordaz que sufoca, resta a mão que te olha e resguarda os míseros casos de tua existência. E em seguida, lembra-te que ainda está aqui a razão sem lógica, a razão sem ciência de uma máquina que descobre o medo e a dor para compreender o mal.*

*-Autoria própria*



## RESUMO

O período entre 2018 e 2020 é tenso na política brasileira devido aos momentos saturados e polêmicos socialmente, como as eleições presidenciais, as urgências ambientais e a pandemia de Covid-19. Trata-se de um cenário social fundamental no Brasil, por ser um epicentro da vida política, principalmente 2018, pois é ano eleitoral e de turbulência política. A imprensa, em um jogo de interesse, participou desse contexto de diferentes maneiras. Ao focalizar esse panorama histórico, o objetivo desta pesquisa é analisar, de modo comparativo, o posicionamento que a imprensa nacional (representada, de forma delimitada, pelo jornal *Folha de S.P* em seu formato digital) e a internacional (especificamente, o jornal *Le Monde*, também em seu formato digital) fizeram, por meio da publicação de seus editoriais, sobre os processos envolvendo o, à época, ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O estudo, de caráter qualitativo-bibliográfico, mobiliza os conceitos de cronotopo, enunciado e ideologia, pensados pelo Círculo de Bakhtin, a fim de compreender, dialogicamente, os posicionamentos desses canais por meio de suas narrativas editoriais, em uma dinâmica exotópica. Os resultados revelam que os jornais se diferenciam pela formulação da crítica ao cenário e às figuras políticas brasileiras, especialmente Lula. O jornal brasileiro se concentra no valor democrático, aliado à regularidade e neutralidade da lei. Lula, assim, é condenado, inclusive pelo próprio jornal. *Le Monde* assume uma linha aberta à contradição e não insiste em condenar Lula, mas em criticar ferrenhamente e de modo constante o sistema brasileiro, lido como decadente e corrupto. Por fim, diante do quadro recente do Brasil, a justificativa e relevância da pesquisa é social, pois discute o jogo ideológico tenso entre política e jornalismo. Pensar a incidência desses editoriais, de maneira dialógica, contribui, de modo interdisciplinar, com os estudos da comunicação, da política e do discurso.

**Palavras-chave:** Estudos Bakhtinianos; Política Brasileira; Imprensa; Enunciado.

## ABSTRACT

The period from 2018 to 2020 witnessed tense moments in Brazilian politics, encompassing presidential elections, environmental emergencies, and the Covid-19 pandemic, which were socially saturated and controversial. This period held significant social importance in Brazil as it served as a focal point of political life, particularly in 2018, an election year rife with political turmoil. The press participated in this context, driven by varying interests. This research aims to comparatively analyze the editorial stances adopted by the national press (represented by the digital edition of *Folha de S. Paulo*) and the international press (specifically, the digital edition of *Le Monde*) concerning the processes involving the former President Luiz Inácio Lula da Silva at that time. Drawing on qualitative and bibliographical methods, this study utilizes the concepts of chronotope, enunciation, and ideology formulated by the Bakhtin Circle to comprehend the dialogical positioning of these media outlets through their editorial narratives in an exotopic dynamic. The findings reveal that the newspapers distinguish themselves through their critical appraisal of the Brazilian political landscape and its figures, particularly Lula. The Brazilian newspaper focuses on democratic values, aligned with the regularity and neutrality of the law, resulting in Lula's condemnation, including by itself. In contrast, *Le Monde* adopts an open approach to contradiction, refraining from insisting on Lula's condemnation directly but persistently criticizing the Brazilian system as decadent and corrupt. Given the recent state of affairs in Brazil, this research is justified and relevant socially as it examines the tense ideological interplay between politics and journalism. By adopting a dialogical approach to the incidence of these editorials, this study contributes in an interdisciplinary manner to the fields of communication, politics, and discourse.

**Keywords:** Bakhtinian Studies; Brazilian Politics; Press; Enunciation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Mais 4 semanas / Folha de S.P .....	40
<b>Figura 2-</b> L'avenir du Brésil au risque du bolsonarisme / Le Monde .....	40
<b>Figura 3-</b> Linha temporal / Autoria própria .....	59
<b>Figura 4</b> - Condenado / Folha de S.P.....	75
<b>Figura 5</b> - Au Brésil, une démocratie en déliquescence / Le Monde .....	79
<b>Figura 6</b> - Cumpra-se a lei / Folha de S.P.....	89
<b>Figura 7-</b> Brésil : la disgrâce d'un président / Le Monde .....	94

## SUMÁRIO

<b>1. BRASIL DA <i>FOLHA</i>, DO <i>MUNDO</i>, DA <i>CULTURA</i> .....</b>	<b>13</b>
<b>2. PROJETO E PRINCÍPIOS EDITORIAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>3. COLUNAS E DEBATES .....</b>	<b>58</b>
3.1 Por que não devemos ignorar o absurdo?.....	58
3.2 Não à Ideologia .....	63
3.3 Um só tempo, um só espaço .....	69
<b>4. O AQUI E AGORA DO BRASIL E DO MUNDO .....</b>	<b>75</b>
4.1 Da crítica sistêmica ao julgo final: ato primeiro .....	75
4.2 Da crítica sistêmica ao julgo final: ato segundo .....	89
<b>5. SEÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>110</b>

## 1. BRASIL DA *FOLHA*, DO MUNDO, DA CULTURA<sup>1</sup>

As relações estabelecidas entre a política e o jornalismo, enquanto esferas de atividade<sup>2</sup>, são variadas e de caráter também plural, em um processo dialógico de constituição. Ideológica, a linguagem tem papel central nesses processos e meios de comunicação, pois media as relações de sentido. A imprensa constrói narrativas<sup>3</sup> sobre os acontecimentos políticos, as quais, plenas de valor, impactam socialmente a percepção, a resposta e o contato com o ocorrido e criam, assim, uma realidade valorada.

Sob o princípio de que a ideologia reside no signo, conforme Valentin Volóchinov (2017), a linguagem e a vivência discursiva não são neutras. Por consequência, o jornalismo tem dimensionamento ideológico, construído pelo projeto de dizer de cada veículo de imprensa. Do grupo editorial ao papel do impresso, das ações mais gerais às específicas, o jornal constitui sua identidade, veiculando uma interpretação da vida

---

<sup>1</sup> Essa introdução, à moda editorial, está em primeira pessoa porque leva minha assinatura e diz respeito ao meu percurso formativo. Nos demais momentos da dissertação, entretanto, há uma mudança, devido a um aproveitamento das aberturas genéricas possíveis nesse *tipo relativamente estável* (BAKHTIN, 2011, p. 262), a dissertação. Assim, escrevi-a seguindo uma linha lógica de flexibilizar, mas sem perder rigor e seriedade, as estruturas, de tal modo que os capítulos se assemelham a espaços de um jornal. Por esse motivo, oscilam os sujeitos de discursos presentes, mas sempre explico o porquê daquele uso em conformidade ao objetivo do capítulo. Como, porém, trata-se de uma dissertação, oriunda de um meio acadêmico, precepei-me em apresentar as bases e escrever os requisitos fundamentais de teoria e método em cada capítulo, enquanto formulava escritas com características de um ambiente jornalístico. Outra posição importante e consequente é que escrevo o nome das referências utilizadas, para aproximar e ir além do sobrenome referencial. Na dissertação, há um “eu”. Mas, como no pensamento do Círculo, o “eu” é, sempre, constituído de outros, o que leva a um “nós”. Também posição fundamental, a pesquisa é escrita em primeira pessoa. Mesmo nos capítulos em que há mudança de tratamento de pronome, ainda é um “eu” à mostra. Parte dessa discussão e justificativa está no capítulo de metodologia: Projeto e Princípios Editoriais. Assim, fica estabelecido um diálogo entre diversos “outros” que me constituem e tecem a dissertação. Segundo Volochínov: “Afirmamos, decidida e categoricamente, que mesmo essas intervenções verbais íntimas são totalmente *dialógicas*, estão totalmente impregnadas com a valoração de um ouvinte potencial, de um auditório potencial [...]” (2013, p. 164, destaque do autor). Se mesmo o monólogo interior é essencialmente dialógico, a dissertação, gênero secundário, dada a sua complexidade, não é diferente. O “eu” está em interação constante com os “outros”, pois a alteridade o constitui de maneira única e singular. Comigo, há os “outros” com quem dialogo, debato, reflito e diante dos quais me posiciono.

<sup>2</sup> Compreendo aqui política e jornalismo como esferas/campos de atividade humana: “Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94). A partir de Volóchinov, penso que nelas há gêneros discursivos específicos, formas e relações de linguagem típicas e práticas sociais singulares, baseadas em valores também específicos.

<sup>3</sup> O sentido de narrativa com o qual trabalho na dissertação está baseado no desenvolvimento do Círculo sobre signo ideológico, e reflexo e refração da vida social. O signo representa algo da realidade por uma ótica de mundo, isto é, por uma materialidade sgnica que possui valor social. Na dinâmica da sociedade, as distintas vozes sociais incidem no signo de maneira particular, com valores e princípios próprios, devido à luta de classes. Assim, são distintos pontos de vista existentes no signo: “O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Assim, ao mencionar narrativa mobilizo o jogo dos signos e a diversa acentuação.

social nos diversos espaços que habita, processo que também é político. A marca estilística, os valores e preceitos do veículo reverberam em sua atuação jornalística.

Em relação ao campo político, a lógica se mantém, pois o jornalismo, produzindo notícias ou demais gêneros discursivos, faz demarcações ideológicas. São construídas, pelo trabalho da imprensa, valorações de figuras públicas, do contexto e dos eventos políticos<sup>4</sup>. Há, desse modo, avaliações de determinado ocorrido e narrativas, por meios de atos de linguagem, cuja tessitura em enunciados é responsiva e situada. Um caso do cenário recente brasileiro é o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, o qual, por ser um momento decisivo na política brasileira - afinal foi outra destituição presidencial na jovem democracia -, foi constituído sob tensão e polêmica na mídia. Legal ou não? É constitucional? Golpe? Trabalhos atestam essa incidência ideológica por meio da mídia no processo, como o de Ivana Jinkings, Kim Doria e Murilo Cleto (2016).

De um modo sintético, Fernando Azevedo (2018) apresenta que a grande imprensa (*O Globo, Folha de S.P e Estado de S.P*) participou dessa disputa política apoiando, em geral, o processo de *impeachment*: “Os três jornais cobriram de forma extensa e intensa a tramitação do processo de afastamento da presidenta ao longo de oito meses, entre o início de dezembro de 2015 e agosto de 2016 [...]”. (p. 45). O autor elenca editoriais dos três veículos e discute como cada um, considerando o processo histórico de sua identidade, viabilizou esse momento político.

Essa cobertura de que trata Azevedo é complexa e tensa. Houve um grande confronto de valores disputando a legitimidade e legalidade do processo. Os jornais se posicionam de maneiras diversas nessa seriação de conflitos e concatenaram vozes sociais. Ao endossar um posicionamento favorável ao *impeachment*, os veículos potencializam um espectro de aspirações sociais que objetivam a saída de Dilma Rousseff, já condenada de antemão pela mídia, que faz circular socialmente determinada visão. Assim, a imprensa é um sujeito social que interage (e interfere) na vida política.

Ainda na compreensão de Azevedo (2018), “Nas páginas editoriais, onde habita a alma política dos jornais, a grande imprensa definiu, com todas as letras, sua posição e seu

---

<sup>4</sup> A menção a evento é oriunda de Bakhtin (2017), em que o autor trata de um *existir-evento*, processo valorativo do ato do sujeito no contexto social. Em relação à temática da pesquisa, entendo que evento engloba não apenas, por exemplo, o dia 7 de outubro de 2018, primeiro turno eleitoral. Ao conceber essas temáticas enquanto eventos, todo o contexto está em jogo, devido à compreensão de que se trata de um processo que, embora finalizado, nunca está acabado na produção de sentidos. Tampouco, concentra-se apenas no âmbito político, já que, como no exemplo, as eleições foram e fomentaram pautas sociais bem antes e depois do primeiro turno, indo muito além da esfera política. Há uma relação valorativa complexa e singular no evento, entre os pontos arquetetônicos de valor, “eu” e “outro”.

lado em relação ao tema.” (p. 46). A relevância do estudo do editorial e de seu caráter político é a congregação de forças e tensões sociais<sup>5</sup>. As diferentes vozes sociais presentes no editorial estão relacionadas de modo sógnico, ou seja, a linguagem materializa essas vozes em construções enunciativas de valor. Essa incidência valorativa do enunciado, em interação com forças sociais diversas (grupos econômicos, capital internacional, tendências tradicionais e conservadoras etc.) é o foco do meu trabalho e debate comum entre os escritos do Círculo, em principal Mikhail Bakhtin (2011); Valentin Volóchinov (2017); e Pável Medvedev (2012).

Como o enunciado é social, sua arquitetura é constituída ideologicamente. *Le Monde* publicou em 26 de agosto de 2016, contexto do *impeachment*, um editorial<sup>6</sup> tratando do tema. O foco do enunciado é evidenciar a ironia no processo: os escândalos de corrupção do PT (Partido dos Trabalhadores) e as responsabilidades de Dilma Rousseff foram julgados por agentes políticos envolvidos também em casos de corrupção. Diferente dos jornais brasileiros citados, o francês já se orienta por outra perspectiva ideológica, a partir do mesmo processo político.

Em *Ceci n'est pas un coup d'Etat* (Isto não é um golpe de Estado) editorial presente nesse contexto e publicado em 30 de março de 2016, *Le Monde* interpreta com desconfiança a tese de defesa de Dilma Rousseff, um golpe de estado orquestrado pelas elites e mídias. As designações que caracterizam são *amalgame douteux* e *fâcheuse*<sup>7</sup>,

---

<sup>5</sup> Faço referência aqui à ideia de Bakhtin (1988) sobre forças centrípetas e centrífugas. Por suas características genéricas e sua posição no jornalismo, o editorial, assinado pela instituição jornalística, apresenta a voz do veículo. Entendo, assim, que nessa produção entram vozes e forças sociais complexas e em tensão (contrárias, contraditórias, discordantes, favoráveis e afins) que tanto procuram unificar, centralizar, quanto desunificar e descentralizar. Essa noção é aprofundada no capítulo de metodologia e fundamentação teórica.

<sup>6</sup> Disponível em: [La triste ironie de la chute de Dilma Rousseff \(lemonde.fr\)](http://www.lemonde.fr). Trecho do editorial: « L'ironie veut que si la corruption a fait descendre des millions de Brésiliens dans les rues ces derniers mois, ce n'est pas à cause d'elle que tombera Dilma Rousseff. Pire: les artisans de sa chute ne sont pas eux-mêmes des enfants de chœur. L'homme qui a lancé la procédure de destitution, Eduardo Cunha, ancien président de la Chambre des députés, est accusé de corruption et de blanchiment d'argent. La présidente du Brésil est jugée par un Sénat dont un tiers des élus font, selon le site Congresso em Foco, l'objet de poursuites criminelles. Elle sera remplacée par son vice-président, Michel Temer, pourtant censé être inéligible pendant huit ans pour avoir dépassé la limite autorisée de frais de campagne. ». Tradução nossa: “A ironia está no fato de que, embora a corrupção tenha levado milhares de brasileiros às ruas, não é causa da destituição de Dilma Rousseff. O pior: os articuladores de sua queda não são santinhos. O autor do processo, Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara dos deputados, é acusado de corrupção e lavagem de dinheiro. A presidenta do Brasil é julgada por um Senado do qual 1/3 dos eleitos é, segundo o Congresso em foco, alvo de processo criminal. Ela será substituída pelo vice-presidente, Michel Temer, ainda supostamente inelegível por 8 anos por ter extrapolado o valor limite de gastos na campanha.” Acesso em: 07. Mar. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: [Brésil : ceci n'est pas un coup d'Etat \(lemonde.fr\)](http://www.lemonde.fr). Trecho do editorial: « C'est pourquoi la rhétorique utilisée par la présidente brésilienne, Dilma Rousseff, son prédécesseur, Luiz Inacio Lula da Silva, et le Parti des travailleurs (PT) est fâcheuse. Poursuivis par la justice ou menacés de destitution,

construindo um contraste de foco e de opinião entre os posicionamentos do *Le Monde*. Este é um exemplo do impacto social da imprensa, que, enquanto sujeito concreto e ativo, também é constituída por forças e vozes sociais conflitantes.

Ainda no contexto francês, Thierry Guilbert (2020) analisa textos da mídia para discutir as evidências do discurso neoliberal. Na obra, entre outros pontos, destrincha-se o discurso midiático sobre o processo de naturalização das reformas da previdência: “A imprensa não é apenas um reflexo do que está acontecendo em um país. Com seu discurso, ela cumpre um papel ativo, por exemplo, na apresentação e na representação das ‘reformas’ neoliberais.” (p. 11). O trabalho de Guilbert demonstra como a imprensa, em artigos de opinião, editoriais, colunas e afins, possui objetivos e aspirações ideológicas, tecendo, nesse caso, uma realidade em que é urgente e necessária a reforma. De tom neoliberal, os enunciados funcionam socialmente dando sentido à vida política. Tanto no caso brasileiro, quanto no francês, a imprensa é um sujeito social complexo.

Os apontamentos que cito são exemplos da força social que a imprensa possui e exerce. É possível criar cenários em que a única saída é aquela defendida pelo jornal ou construir a necessidade de tal ação, em favor de uma reforma liberal. Nos eventos políticos, como o período de debate sobre o *impeachment* ou sobre a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula, a imprensa atua mediante interesses sociais, criando uma seriação ideológica, que circula socialmente como pauta, orientação e base das discussões sobre o evento.

Tal seriação é concreta e responsiva. Os agentes políticos envolvidos no julgamento de Dilma Rousseff são sujeitos constituídos socialmente por valores ideológicos. Nada em suas ações é casual ou despropositado, de tal modo que o evento político não é neutro. Trata-se de um conflito de intenções e aspirações ideológicas que não é direto, mas sim obtuso e opaco, como são o reflexo e refração na linguagem. Dessa situação, a imprensa interpreta, em novo processo de valoração, o acontecimento, ato que é ideológico e ininterrupto. A resposta da imprensa, em forma de editorial ou de outra maneira, é material e concreta. Está situada, portanto, historicamente e é fragmento da

---

acculés politiquement, ils dénoncent un « coup d’Etat », orchestré par les élites, les médias et des juges aux ordres. Certains dirigeants du PT vont jusqu’à parler d’un « coup d’Etat constitutionnel », parfait exemple d’oxymore ou de contradiction dans les termes. ». Tradução nossa: É porque a retórica utilizada pela presidente brasileira, Dilma Rousseff, seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, e o Partido dos Trabalhadores (PT) é infeliz. Perseguidos pela justiça ou ameaçados de destituição, encurralados politicamente, eles denunciam um “golpe de Estado”, orquestrado pelas elites, pelas mídias e por ordens de juizes. Alguns dirigentes do PT chegam a dizer até “golpe de Estado constitucional”, perfeito exemplo de um oxímoro ou de uma contradição de termos.” Acesso em: 15. Jan.2023.



vasta disputa sígnica. O enunciado editorial possui uma arquitetura material, que diz respeito ao projeto de dizer do jornal para aquele acontecimento específico e em consonância   narrativa política criada.

Na amplitude das rela es entre imprensa e jornalismo, das maneiras de interpreta o, focalizo a linguagem no processo amplo de interpreta o das rela es entre imprensa e jornalismo porque ela tem papel basilar nas rela es humanas. Há, assim, uma lente específica pela qual cada sujeito compreende e expressa os sentidos da dinâmica política. Com suporte teórico-metodológico no Círculo de Bakhtin, analiso editoriais, considerando as peculiaridades desse gênero discursivo no campo jornalístico, a fim de discutir os posicionamentos sobre a política brasileira na *Folha de S.P* e no *Le Monde*. Até o momento, essas generalidades formalizam as questões norteadoras: problema de pesquisa, objetivos, método e teoria. Mas antes de aprofundá-las,   preciso apresentar meu percurso de pesquisa e expor os caminhos teóricos e escolhas metodológicas adotadas para a arquitetura da disserta o.

O interesse pelo debate sobre política brasileira iniciou-se em 2018, de fato e com preocupa o de pesquisa, com a escrita de um artigo em parceria com minha orientadora, Luciane de Paula: *O signo "resistência" nas elei es presidenciais de 2018 no Brasil* (PAULA; OLIVEIRA, 2019). Discutimos no texto como, pautando-nos na concep o de signo ideológico, a resistência integrou narrativas políticas na época eleitoral, nas quais era uma arena de disputa ideológica. A partir da análise de enunciados que materializavam o signo, refletimos sobre a significa o da palavra e seu direcionamento pelas condi es sociais de produ o: o juízo de valor em "resistência"   alterado, pois há um embate de vozes, mediante uma configura o de linguagem, que constrói identidades e efeitos de pertencimento, e de crítica. Com a escrita do texto e sua publica o e as tensões políticas daquele momento, em 2018, elaboramos um projeto de Inicia o Científica sobre as dinâmicas s gnicas na política brasileira, do qual a resistência faria parte, junto aos outros signos, na o e ódio.

Na mesma dire o, dediquei-me a tratar das tensões e de embates políticos no contexto de "polariza o" discursiva. Preocupados em analisar e discutir tais movimentaaes pelas redes sociais, procuramos e selecionamos enunciados em *Facebook* e *Instagram* a fim de, nesses espaços digitais e relevantes politicamente, compreender parte da movimentaaes que ocorreu e ocorre ainda sobre na o, ódio e resistência, signos presentes nos embates sociais e políticos da histórica política no Brasil (2018-2019).

O processo, inicialmente, teve apoio de bolsa institucional do CNPq e Reitoria/UNESP. Finda essa etapa, ampliamos o debate com o apoio da FAPESP, a partir do detalhamento de referências e aprimorada a análise das materialidades enunciativas. Durante o período, elaborei essa proposta de mestrado sobre política brasileira, agora em dinâmica com o jornalismo. Estabeleci, então, o foco para investigar os posicionamentos da *Folha de S. Paulo* e do *Le Monde* sobre o processo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2018. A ideia germinal desta dissertação, portanto, desenvolveu-se ao longo dos anos de estudos bakhtinianos e preocupação de pesquisa com o cenário de cultura e política brasileiras.

A significação de enunciados, inseridos em esferas de atividade e orientados de modo social, é um debate corrente nos escritos do Círculo e a discussão teórica principal de meu problema de pesquisa. Ao analisar editoriais, que fazem, de modo responsivo, avaliações diversas sobre a política brasileira, discuto as construções de valor pela linguagem, uma vez que esses discursos são oriundos de maneira situada do jornalismo da *Folha* e do *Mundo*. Por esse motivo, penso em política brasileira e Brasil, assim identificados e sob uma significação dos jornais que, em última instância, são formulações que circulam socialmente e pertencem à cultura. Trato, portanto, de um Brasil interpretado pelo olhar da *Folha* e do *Mundo*.

Se o enunciado, para o Círculo, é social e valorativo, os editoriais, ao se referirem à política brasileira, esboçam, cada qual a seu modo, um valor sobre Brasil, que se torna signo na disputa socioideológica. Na grande disputa valorativa, o tom que constitui os editoriais, por sua vez, é determinado pela posição do veículo, no caso *Folha* e *Mundo*, que produzem, a partir desse gênero, sentidos e significações variadas para o signo. Desse modo, devido ao lugar exotópico, o “Brasil” do *Le Monde* diverge do visto na *Folha*, pois os eventos políticos são compreendidos sob óticas de sujeitos distintos, em processo único de referência dialógica.

O editorial é constituído, enquanto enunciado concreto, por forças e vozes sociais, que implicam na materialidade certo tom emotivo-volitivo, o qual, por sua vez, costura uma imagem específica de política, de escândalo midiático, de corrupção e de disputas, por exemplo. O signo ideológico participa dessa malha por mecanismo relacional de valores contrário-contraditórios. Assim, compreendo Brasil como signo e arena maior que contempla esse processo cultural de constituição de identidade e de narrativas.

Os sentidos de Brasil, dentro e fora da política e do jornalismo, são sociais e tecidos

por meio do olhar extralocalizado. Assim, a visão sobre a política é diversificada entre aquela do jornal brasileiro, fundado em solo paulista e a do francês, que contempla essas dinâmicas de um lugar distinto. A relação dos editoriais é um jogo entre olhares exotópicos, portanto. Tal dinâmica entre “eu” e “outro” está na base da construção cultural do valor.

Nos escritos do Círculo, quanto à cultura, é comum o apontamento social e relacional. Primeiro, para Bakhtin, em *Questões de Literatura e de Estética*: “Todo ato cultural vive por essência sobre fronteiras: nisso está sua seriedade e importância; abstraído da fronteira, ele perde terreno, torna-se vazio, pretensioso, degenera e morre.” (BAKHTIN, 1988, p.29). O princípio da relação está na base do contato fronteiriço. A cultura e suas manifestações se constituem no encontro de espaço-tempos distintos, sempre pontos articulatórios de valor discrepantes entre si, em um processo complexo, porque não há um sentido acabado na cultura.

Em *Estudos literários hoje* (BAKHTIN, 2011), o autor reitera o aspecto fronteiriço da cultura, além de pensá-la como *unidade aberta* (p. 364). A partir da literatura, Bakhtin demonstra a relação intrínseca entre enunciado/gênero e a cultura, pois se estabelecem as relações dialógicas no pequeno e grande tempo, de tal modo que, por meio desse processo histórico e cultural, o enunciado ganha sentido e camadas de significações: “Em cada cultura do passado estão sedimentadas as imensas possibilidades semânticas, que ficaram às margens das descobertas, não foram conscientizadas nem utilizadas ao longo de toda a vida histórica de uma dada cultura.” (BAKHTIN, 2011, p. 364-365). Assim, os contatos exotópicos entre culturas, esses espaços de fronteiras, são os momentos mútuos de constituição e de compreensão do sentido.

Mais ao final do texto, Bakhtin reforça a ideia da exotopia, pela qual as culturas se expandem. A distância entre posições singulares possibilita a penetração no sentido, a relação dialógica entre culturas e sujeitos. De fato, esse aspecto relacional da cultura, que é material e histórica, pauta minha discussão e justifica em método e teoria a escolha e a análise comparativa de jornais distintos, de culturas, em níveis complexos, variadas. O enunciado é a chave da compreensão, pois reúnem forças sociais que constituem os veículos de imprensa e condições materiais da cultura e do meio ideológico.

Já no entendimento de Volóchinov, “*O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta.*” (2017, p. 228, destaques do autor). O caráter histórico e material do enunciado e da linguagem de modo

geral, passa pela constituição cultural e pela interação social. A compreensão dialógica do enunciado só ocorre na cultura, por meio das relações de sentido historicamente tecidas. A construção de valor materializada em cada editorial é fragmento cultural, na medida em que expressa as posições do sujeito que enuncia. A linguagem é dialógica, viva e dinâmica devido à interação cultural entre sujeitos socialmente organizados num dado espaço-tempo. O enunciado, por sua vez, reflete e refrata uma interpretação da vida social. Assim, os editoriais expressam as posições dos jornais, seu ponto de vista sociocultural sobre determinado tema (no caso aqui estudado, valorações sobre a política brasileira).

Ao tratar de cultura para o Círculo, Hélio Pajeú e Valdemir Miotello (2018) apontam: “É somente pelo encontro de palavras da alteridade que a cultura se configura como a esfera simbólica dos atos humanos que, imediatamente, tem na sua imanência a dialogicidade que carrega em si ressonâncias e memórias de atos precedentes.” (p.782). O fator relacional é destaque, pois se confrontam mundos distintos. Nos editoriais, os valores e referências mobilizados para criar uma interpretação dos eventos são culturais, porque nascem do encontro humano socialmente inserido. Plenos de significação, os editoriais estão submersos na cultura, porque são posições de sujeitos concretos frente a eventos políticos.

Em *O método formal nos estudos literários*, Medviédev, ao conceituar meio ideológico, afirma: “O homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de ‘objetos-signos’ dos mais diversos tipos e categorias [...]” (2012, p. 56). Pensando em cultura, é possível afirmar que o sujeito pensado pelo Círculo é social e vive em uma teia de valor e de fenômenos ideológicos. A linguagem, por sua vez, tem papel central, porque media tais fenômenos e representações culturais. O editorial, em sua particularidade genérica, apresenta constituição predominantemente verbal. Isto significa que os sentidos se fundamentam na engenharia das palavras empregadas. Dessa forma, a mudança do significado estático na língua para relação dialógica ocorre porque a palavra vive a dinâmica cultural, constituindo valor, realidade e verdade por meio de sujeitos sociais.

Em outro referencial e lugar teóricos, Roque Laraia (2006), ao tratar da construção epistemológica do conceito de cultura, disserta: “Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro.” (p. 87). Pensando com o Círculo, o contato cultural não encerra os sentidos e não os esgota. As relações de fronteira se enriquecem pelo diálogo entre as lógicas singulares das culturas. E como meu trabalho se situa nesse ambiente de fronteira, não há esgotamento, mas sim

ampliação dos sentidos, da mesma forma como os trabalhos que já se debruçaram sobre o tema. Todos se inserem em uma cadeia de respostas que investigam aspectos desse contato. Aqui, particularmente, procuro ampliar o debate sobre as concepções de valor na imprensa entre culturas distintas sobre a vida política no Brasil.

Stuart Hall (1997) discute a posição do conceito de cultura nas ciências, alegando que ocorre uma “revolução cultural”, devido ao fato de que várias áreas do conhecimento assumiram posturas diferentes e entendem as ações sociais e seus significados inseridos na cultura e na linguagem: “A ‘virada cultural’ amplia esta compreensão acerca da linguagem para a vida social como um todo”. (p. 10). O autor insere, assim, o debate sobre linguagem, a partir da qual são construídos e tecidos os discursos em diversos campos, porque são perpassados pela significação.

A noção de cultura desenvolvida por Hall (1997) parte da relação entre o sentido e a linguagem, em interação social. Os atos de linguagem, enunciado na acepção bakhtiniana, são culturais na medida em que significam na formação socio-histórico-cultural, na interação entre sujeitos. A perspectiva de Hall coaduna com a do Círculo pois ambos compreendem discursivamente a constituição da vida social: “Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas.” (HALL, 1997, p. 8). Em conjunto, entendo que os eventos políticos possuem dimensões culturais, ideológicas e sociais, pois partem de uma lógica e identidade oriundas do processo histórico da constituição do sistema político.

Ainda na ideia de Hall: “[...] toda prática social *tem condições culturais ou discursivas de existência*. As práticas sociais, na medida em que dependam do significado para funcionarem e produzirem efeitos, se situam ‘dentro do discurso’, são ‘discursivas’.” (1997, p. 14, destaques do autor). A publicação dos editoriais são práticas de discurso inseridas na cultura, de tal modo que a imagem de Brasil construída está em interação com sujeitos e vozes sociais, a partir das quais há significação. As diferentes culturas, em seus níveis distintos e complexos, incidem nessa significação constituindo uma imagem específica de Brasil e da vida política brasileira. Por reflexo e refração, são construídas discursivamente e culturalmente imagens distintas que identificam o cotidiano político, os agentes sociais, os eventos e acontecimentos. *Le Monde* e *Folha*, a partir de seus lugares singulares, tecem narrativas que se diferem e, assim, há realidades distintas sobre a disposição política.

Na compreensão de Bakhtin: “No campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade [...] aos olhos de outra *cultura*.” (2011, p. 366, destaque do autor). Como o autor aponta, a cultura se estabelece por meio da relação entre “eu” e “outro”, via alteridade. Nessa dinâmica, os valores entram em contraste. Por tal razão, entendo que analisar editoriais da vida política brasileira em um jornal nacional e outro estrangeiro é enriquecedor, pois o “outro”, europeu, com formações históricas distintas, compreende a política brasileira, de modo diferente do que o “outro”, nacional e inserido (e por vezes, sujeito em questão no debate) na vivência política. Assim, adensam-se os sentidos produzidos, ao ver em contraste as visões de jornais distintos, de dois “outros” sobre uma mesma dinâmica política.

São quatro editoriais que compõem o *corpus* da pesquisa<sup>8</sup>, cujo foco é o posicionamento socialmente construído, por meio da linguagem, nesses enunciados:

#### **Processo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva**

Folha { *Condenado*, 25 de janeiro de 2018<sup>9</sup>  
*Cumpra-se a lei*, 07 de abril de 2018<sup>10</sup>

Le Monde { *Au Brésil, une démocratie en déliquescence*, 27 de janeiro de 2018<sup>11</sup>  
*Brésil : la disgrâce d'un président*, 07 de abril de 2018<sup>12</sup>

O problema de pesquisa, por sua vez, é a relação geral entre enunciado e ideologia. No desenvolvimento da pesquisa, o cerne das análises é o contato entre os editoriais, isto é, a manobra analítica se concentra, com apoio teórico, na relação de sentidos produzidos pelos jornais. A força significativa e dialógica da fronteira, como pensa Bakhtin (2011), é meu norte de investigação, análise e interpretação. Os objetivos, desse modo, são divididos em geral e específicos, conforme

<sup>8</sup> Os editoriais estão em anexo ao final da dissertação.

<sup>9</sup> Disponível em: [Condenado - 25/01/2018 - Opinião - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.uol.com.br/opiniao/2018/01/25/condenado-25-01-2018-opiniao-folha/). Acesso em: 25. Out. 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: [Cumpra-se a lei - 07/04/2018 - Opinião - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.uol.com.br/opiniao/2018/04/07/cumpra-se-a-lei-07-04-2018-opiniao-folha/). Acesso em: 25. Out. 2022.

<sup>11</sup> Disponível em: [Au Brésil, une démocratie en déliquescence \(lemonde.fr\)](https://www.lemonde.fr/brasil/article/2018/01/27/au-brasil-une-democratie-en-deli-quescence_4791182_1811388.html). “No Brasil, uma democracia em declínio/decadência”. Acesso em: 25. Out. 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: [Brésil : la disgrâce d'un président \(lemonde.fr\)](https://www.lemonde.fr/brasil/article/2018/04/07/brasil-la-disgrace-d-un-president_4791182_1811388.html). “Brasil, a desgraça de um presidente”. Acesso em: 25. Out. 2022.

**Geral:** Discutir o posicionamento, as valorações e os juízos sociais sobre os processos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2018), presentes em editoriais *online* da *Folha de S.P* e do *Le Monde*, em um movimento de análise dialógica focada na relação entre enunciados, discutindo o cenário geral da política brasileira.

**Específicos:** **1)** Evidenciar quais aspectos e mecanismos de linguagem são usados para a construção de dada realidade, por meio de um juízo de valor específico em cada editorial dos veículos; **2)** refletir sobre a posição dos jornais, buscando identificar quais os valores que norteiam seu raciocínio editorial; **3)** comparar as visões dos editoriais sobre a realidade de Brasil e da vida política brasileira, a partir dos processos em torno de Luiz Inácio Lula da Silva.

A justificativa e relevância da pesquisa é o debate social acerca da atuação jornalística no e sobre o Brasil hoje (2018) e os desdobramentos ao longo dos anos na política brasileira. Situado em um contexto tenso, marcado por desinformações, discursos autoritários e de morte, e por uma disputa política acirrada, o trabalho está pautado na investigação das significações que consolidam “verdades” nos jornais. Nessa pesquisa, desenvolvo uma visão concreta de problemáticas para uma compreensão de mundo teórica e socioculturalmente.

No capítulo seguinte, sobre metodologia (Projeto e princípios editoriais), faço dois momentos de explanação. O primeiro é sobre os critérios de delimitação do tempo-espço (2018), dos jornais (*Le Monde* e *Folha*), do gênero (editorial) e dos enunciados (quais editoriais selecionados). Com apoio teórico nos pressupostos do Círculo de Bakhtin e em demais produções, destaco a relevância desse recorte específico para análise. Ainda, discuto questões de metodologia nos estudos bakhtinianos: faço um apanhado sobre suas perspectivas metodológicas e assumo um lugar nessa seriação enunciativa, pensando que o Círculo possibilita uma abertura de tratamento na pesquisa. A segunda parte é dedicada à contextualização geral das problemáticas de pesquisa. A metodologia é o primeiro capítulo porque explana muitas questões presentes ao longo da dissertação. É, portanto, a base de onde parto.

Já no capítulo posterior (Colunas e debates), o de fundamentação teórica, cada seção trata de um conceito, respectivamente, enunciado, ideologia e cronotopo. Trato especificamente de alguns assuntos em cada conceito, em associação com referências distintas. Não há, assim, uma discussão canônica de estado da arte sobre, mas uma reflexão com o conceito, colocado no interior das problemáticas da pesquisa. O capítulo

de análise (O aqui e agora do Brasil e do Mundo) está dividido pelos temas, em duplas dos editoriais. Ainda que as análises comecem de modo separado, o foco é tratar da relação dos editoriais e aprofundar esse contato, em conformidade ao pensamento do Círculo de Bakhtin. A separação, contudo, é necessária para contemplar particularidades dos editoriais e, em seguida, serem postas em contato.



## 2. PROJETO E PRINCÍPIOS EDITORIAIS<sup>13</sup>

Neste Projeto Editorial, estão dispostas ao Público<sup>14</sup> as escolhas editoriais de nossa Casa. Explicamos o porquê e como atuamos, além de expor os princípios que regem nossa filosofia investigativa. Organizamos o percurso em duas direções principais: **A)** o primeiro demonstra os critérios e os motivos das atividades desenvolvidas; explana o princípio filosófico do ofício; e explica como tais proposições teóricas são levadas ao enunciado concreto. No segundo, **B)** apresentamos uma contextualização geral do período e das questões pertinentes à problemática. Com respaldo no diálogo<sup>15</sup>, nosso pilar ético e histórico, esperamos que o Público compreenda os funcionamentos editoriais da Casa.

A política brasileira é ampla e complexa. Para compreendê-la, trabalhamos com as ocorrências de 2018, este é o primeiro critério de delimitação de nosso *corpus*: o temporal. Acontecimentos, nesse contexto, antes e depois, são “previsíveis”, em conta dos seus impactos sociais, imaginaria o Público. De fato, há vários eventos nessa margem que impactaram a política brasileira, entre os quais são foco desta pesquisa (segundo critério metodológico de delimitação do objeto a ser trabalhado: o temático): a) Processo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; b) Pré-eleição; e c) Eleições presidenciais de 1º e 2º turnos em 2018. O primeiro passo, portanto, é expor nossa decisão editorial por investigar os jornais, *Folha de S.P* e *Le Monde*, a partir de um gênero singular, o editorial. Com o objetivo de compreender o posicionamento de jornais diferentes sobre a política brasileira,

---

<sup>13</sup> Este capítulo explora a metodologia, em que 1) apresento os procedimentos de busca e seleção de enunciados para a pesquisa; 2) falo de concepções metodológicas, baseando-me principalmente, nos escritos do Círculo de Bakhtin; 3) comento os procedimentos de análise e de interpretação. Para a confecção do capítulo, troco de “pessoa” e escrevo com a assinatura de “nossa Casa”, seguindo o estilo de escrita jornalística adotado desde a seção inicial. A escrita flui entre o “nós”, pronome utilizado em maior parte, quando a Casa trata do Projeto e “ele”, nas breves autocitações. Aqui, é o sujeito Casa, uma companhia editorial, que apresenta seu Projeto e Princípios Editoriais ao Público. Com base em Assunção Cristóvão (2012), entendo o projeto editorial também como um gênero do campo/esfera jornalística. Assim como os projetos que a autora analisa, aqui tenho o objetivo de demonstrar os valores e os princípios metodológicos da dissertação.

<sup>14</sup> Público está em caixa alta ao longo do texto porque é o sujeito com quem a Casa dialoga e para quem expõe o Projeto. É substantivo próprio, porque é sujeito de discurso no desenvolvimento do Projeto e um destinatário no grande tempo da cultura. Não um sujeito genérico, mas um que vive e é constituído pelos sistemas sociais de dominação. Por fim, Público aqui tem os sentidos como explica Bakhtin: “Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo [...] ele também pode ser um *outro* totalmente indefinido, não concretizado (em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional).” (BAKHTIN, p. 301, 2011, destaque do autor).

<sup>15</sup> A referência a diálogo não diz respeito à conversa cotidiana. Trata-se de um teor filosófico e um princípio de constituição da linguagem e da vida social (BAKHTIN, 2011). Na segunda parte de nosso Projeto, damos mais ênfase e apresentamos as razões pelas quais o diálogo é nosso pilar.

especialmente sobre o processo do ex-presidente Lula, seguimos orientações de impacto e de circulação sociais. Assim, já desenvolvemos um importante critério de seleção e de discussão, o impacto discursivo.

Os números da *Folha*<sup>16</sup> e do *Le Monde*<sup>17</sup> justificam a escolha dos jornais. Ponto principal é a circulação *online* dos veículos, já que nosso trabalho é feito em editoriais que circulam de modo digital, pois entendemos que dessa forma a circulação e a recepção são amplas e potencializadas. Portanto, são grandes jornais, no Brasil e na França, com números e impacto expressivos. Investigar opiniões de grandes jornais é relevante pois a visão de mundo, materializada em editorial, circula e impacta mais, não apenas no sentido de convencimento direto, mas principalmente de dialogar, em sentido bakhtiniano. Compreendemos que os valores construídos pelos jornais se difundem e entram em diálogo tenso com demais posicionamentos sociais em circulação.

No caso da *Folha*, a relação polêmica com o governo Bolsonaro, como abordam Rafaela Martins e Silvia Leite (2021), também é fator de justificativa para nossa escolha, já que o veículo em questão foi/é alvo de ataques do governo e de uma parcela da sociedade em geral. A relevância da *Folha* também é atestada historicamente pelos estudos que a tocam, como o de Oscar Pilagallo (2012). No caso do *Le Monde*, a tradicionalidade e a relevância no jornalismo francês são fatores de impacto, como expõem Matías Molina (2007), Anita Hoffmann (2012) e Patrick Eveno (2004).

Por tais razões, diante do cenário de complexos conflitos em 2018 (epicentro dialógico), a efervescência e a saturação sociais na/da política brasileira são interesses também internacionais. Os jornais estrangeiros, diferentes dos nacionais, possuem um lugar que está fora e extralocalizado. Há, de tal modo, um “eu” que contempla valorativamente a dinâmica política brasileira, sobre a qual se posiciona. Nesse período discutido, não estavam alheios, pois produziram valor nessa rede tensa de respostas. Ao se direcionar ao público também estrangeiro, o jornal o faz com um tom volitivo: contemplar o “outro”, em sua cultura, compreendê-lo e analisá-lo ideologicamente. É, portanto, um choque de visões de mundo, de um “eu” extralocalizado.

Veículos de imprensa são sujeitos sociais complexos, constituídos nas dinâmicas sociais. Em interação, produzem discursos de diversa natureza, a partir de uma gama plural

---

<sup>16</sup> Disponível em: [Maior jornal do Brasil, Folha consolida crescimento digital - 26/06/2020 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br). e [Conheça o Grupo Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br) Acessos em: 24. Out. 2022.

<sup>17</sup> Disponível em: [Les audiences du « Monde » \(lemonde.fr\)](https://www.lemonde.fr) e [Pour ses 77 ans, « Le Monde » s'offre un record de 500 000 abonnés \(lemonde.fr\)](https://www.lemonde.fr). Acessos em: 24. Out. 2022.

de gêneros. Como Bakhtin pontua, “No campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade [...] aos olhos de outra *cultura*.” (2011, p. 366, destaque do autor). A análise de editoriais sobre um acontecimento, o processo de Lula na margem de janeiro a junho de 2018, expande a leitura e aprofunda a interpretação sobre o processo e suas razões. Há um processo de valor construído continuamente pelo discurso jornalístico, que comunica, a um público multifacetado, uma (a sua) interpretação da realidade em circulação como “fato”/“realidade”/“verdade”. Na compreensão de nossa Casa, jornais também são afetados pela/na interação social. A ideia que queremos derrubar é a de que a imprensa está à parte das problemáticas e questões sociais, apenas as espelhando ao público. De modo tenso, ela participa dessas relações como sujeito ativo, na atividade valorativa do reflexo e da refração do mundo (VOLÓCHINOV, 2017; 2019).

Os apontamentos acima demonstram a justificativa de nossa Casa em trabalhar com jornais. Inseridos socialmente e orientados de modo ideológico, são veículos de comunicação que produzem “verdade” e valor na história. O editorial, por sua vez, é o gênero que melhor explora o tom valorativo do jornal sobre os eventos políticos. Expomos, agora, o motivo do editorial.

Há uma grande literatura que trata da relação entre editoriais e a política, como os bons exemplos aqui citados. Entretanto, nosso trabalho se destaca por três motivos: i) o recorte temporal e temático: sobre 2018, nosso objetivo é discutir o processo de Lula, mas considerando o cenário político como um todo; ii) a análise, interpretação e comparação de editoriais oriundos de jornais distintos: o contraste da investigação é um fruto potencial que auxilia a compreender de modo mais profundo as posições defendidas pelos veículos; iii) o tratamento dialógico focado na linguagem: ao conceber tais visões de mundo como materializadas discursivamente, o trabalho se diferencia pelas discussões que focalizam aspectos fundamentais do sentido, como a força valorativa da língua.

Conforme Francisco Marques e Camila Mont’Alverne (2015), “O editorial, espaço opinativo reservado à instituição jornalística, no qual a empresa apresenta suas posições acerca de diversos assuntos, é, provavelmente, o gênero que melhor ilustra a tensão entre interesses públicos e privados no Jornalismo.” (p. 122). Portanto, as características desse gênero nos dão condições de analisar o posicionamento do jornal, já que o editorial formaliza o estilo e o viés ideológico do veículo de imprensa. Tais tipos

de enunciados são assinados pelos jornais, que os identificam de forma particular, mediante um estilo próprio.

Bakhtin, no ensaio *Os gêneros do discurso*, aponta que “[...] sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, *jornalismo político*, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem.” (p. 294, 2011, destaques nossos). Na direção que Bakhtin percorre, o enunciado é uma unidade de sentido na cadeia comunicativa, que é sempre plena de valor. O autor cita o *jornalismo político* como exemplo de centro irradiador de significações, como a ciência e a arte. Essa importância social do jornalismo, discutida, disputada e polemizada ainda hoje (2022, no Brasil), também é justificativa para nosso trabalho investigativo.

Na amplitude dos conteúdos e gêneros jornalísticos *online*, e diante do período proposto, qual o melhor espaço para investigação do que aquele que concentra a voz, a autoria e a opinião do jornal, constituído na dinâmica das forças sociais (centrípetas e centrífugas)? Portanto, o editorial nos responde muito bem. Marques de Mello e Assis (2016) dissertam sobre a classificação dos gêneros/classes: “Pouco há de diferente, externamente, entre os formatos editorial, artigo e comentário. O primeiro talvez seja o que mais se distancia, pelo fato de não trazer assinatura de um autor, já que registra um posicionamento institucional.” (2016, p. 52). Importa à nossa Casa a ideia de que o editorial, diferente dos outros gêneros, possui um posicionamento institucional, que, em nossa compreensão, é o fator primário e decisivo para escolha e trabalho.

Com a ideia de que a atividade humana passa pela linguagem, Bakhtin afirma então que “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são *correias de transmissão* entre a história da sociedade e a história da linguagem.” (p. 268, 2011, destaques nossos). Pelo caráter social, o gênero funciona conforme as condições específicas em dado contexto, em alinhamento a um objetivo social. Volóchinov (2017) também argumenta que as produções discursivas estão condicionadas socialmente. Pela visão dos autores, compreendemos que o gênero discursivo implica prática social. No caso de nosso trabalho com editoriais, o gênero relaciona as tensões sociais e a opinião institucional do veículo de comunicação.

Para Bakhtin ainda, “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (p. 262, 2011, destaques do autor). O campo jornalístico possui vários gêneros caracterizados pela opinião explícita,

como o editorial, artigo de opinião e resenha, que são diferentes de outros também de caráter opinativo, como um artigo científico, presente em outra esfera de atividade, a ciência de modo geral. Os gêneros possuem características, funções e práticas que lhes são peculiares, portanto.

O editorial é a manifestação do jornal sobre determinado tema e leva a assinatura institucional. Gênero secundário, na distinção de Bakhtin, o editorial é proveniente de um lugar específico da esfera jornalística. Volóchinov destaca o “[...] *aspecto hierárquico* nos processos de interação discursiva e a influência poderosa da organização hierárquica da comunicação nas formas do enunciado.” (2017, p. 109, destaque do autor). O editorial, portanto, é proveniente de altos patamares da hierarquia na empresa/instituição jornalística. Por tal fator, a produção, circulação e recepção são distintas em relação às notícias. Exemplo disso é o editorial possuir espaço dedicado tanto no material impresso, quanto no *online*.

A partir das considerações de Bakhtin (2011, p. 263) sobre o gênero, compreendemos que o editorial habita um espaço complexo de constituição, um entrecaminho de forças e tensões sociais, como questões políticas, de mercado, exigências sociais e os próprios interesses do jornal. Em nossa visão, funciona como síntese de valores e congregação de vozes sociais. Síntese no sentido de contatar visões de mundo em um ponto, desdobrando-as, mas sem haver resolução ou fim daquela disputa social. Congregação pois tanto se baseia em vozes e aspirações ideológicas, quanto se indispõe e se aproxima delas. Embora o editorial não tenha o impacto e a regularidade de leitura como as notícias, seu caráter complexo de tensão social o torna um espaço conflituoso.

O estudo e a análise do editorial, compreendido como expressão da empresa/instituição jornalística, permitem discutir o impacto e a responsabilidade do jornalismo na vida sociopolítica. Afinal, concentram-se tensões nesse tipo relativamente estável: “Cada enunciação concreta do sujeito constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e desunificação cruzam-se nesta enunciação [...]” (BAKHTIN, 1988, p. 86). As disputas sógnicas de classes e grupos sociais presentes nos editoriais de forma peculiar também estão dispostas em outros enunciados e demais produções discursivas na vida social. Consideramos que o editorial, portanto, concentre essas vozes e tensões sociais. Ainda que se posicione a favor em tal evento político, o editorial, por suas características genéricas, lida a todo momento com vozes e aspirações contrárias e contraditórias.

Destacamos, então, justamente esse caráter de síntese e congregação editorial.

Ainda que nossa Casa discorde, por trabalhar com uma visão bakhtiniana de gêneros discursivos, de José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016) sobre o modo de classificação e tratamento dos gêneros jornalísticos, os autores apontam que o surgimento e/ou consolidação dos gêneros (ou classes, como dissertam os autores) estão relacionados historicamente às demandas sociais. A afirmação dos autores de que “Jornalismo e sociedade passam por processos evolutivos concomitantes.” (p. 50) muito se aproxima de nossa interpretação, pautada no Círculo, sobre o jornalismo/imprensa e as relações sociais que os enlaçam. Jornalismo, em nossa visão compartilhada, também experimenta as mudanças e as tensões sociais.

A leitura de Oscar Pilagallo (2012) sobre a história da imprensa paulista demonstra as transformações sociais em São Paulo, as quais eram também vividas pelo jornalismo. A produção discursiva da imprensa, enquanto sujeito social, sempre esteve, está e estará associada à vida social. A produção da comunicação tem implicações ideológicas, que se complexificam no desenrolar da história. Até mesmo as interpretações e as conceituações sobre imprensa e a comunicação em geral são produzidas a partir de um contexto valorativo e social em que estão inseridas.

Ana Regina Rêgo e Maria Isabel Amphilo (2010) tratam do denominado gênero opinativo, por meio de uma contextualização e sistematização em formatos. Também em ponto de divergência com nossa Casa sobre a classificação, as autoras expõem que: “Outra afirmação recorrente é a de que todo discurso jornalístico é, por natureza, um discurso opinativo, mas não necessariamente um gênero de opinião.” (2010, p. 95). Nossa Casa compreende, como já afirmado, que a linguagem é ideológica porque é produto e processo da interação humana situada. É um ponto importante, pois todo enunciado apresenta teor ideológico. Mas editoriais, da natureza como tratamos aqui, ainda se direcionam ao debate político, construindo “verdades”. Embora os enunciados sejam ideológicos, nem todos têm a característica opinativa, de estrutura argumentativa a defender uma tese, como são os editoriais.

Nessa direção, Medviédev (2012) aponta que: “A avaliação social *determina* todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro, porém, ela encontra a expressão mais pura e típica na *entonação expressiva*.” (p. 185, destaques nossos). No grande movimento discursivo da vida social, o sujeito concreto se situa a partir de sua entonação expressiva (e avaliativa): o ato de linguagem tem dada arquitetura em relação ao contexto vivido.

Desse modo, traz a visão de mundo do sujeito materializada em um mecanismo tenso e complexo de produção discursiva. As palavras, enquanto signos, circulam e habitam campos de valores que lhes são particularmente significativos, de modo que liberdade e democracia são signos plenos de significação e de saturação.

Com esses apontamentos, pensamos que a discussão entre dois editoriais é rica, pois confronta dois universos de valores: “O acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos.*” (BAKHTIN, 2011, p. 311, destaques do autor). Todo esse debate sobre a função do editorial se complexifica à medida que compreendemos conjuntamente os editoriais e suas visões de mundo. E, desse modo, expomos que o trabalho de análise é composto por 4 (quatro) editoriais, divididos igualmente, da seguinte forma, entre os veículos estudados: 2 (dois) para a *Folha de S.P* e 2 (dois) para o *Le Monde*:

#### A) Processo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva

*Folha* { *Condenado*, 25 de janeiro de 2018<sup>18</sup>  
*Cumpra-se a lei*, 07 de abril de 2018<sup>19</sup>

*Le Monde* { *Au Brésil, une démocratie en déliquescence*, 27 de janeiro de 2018<sup>20</sup>  
*Brésil : la disgrâce d'un président*, 07 de abril de 2018<sup>21</sup>

Com o recorte temporal realizado (2018), nosso trabalho foi, primeiramente, investigar e escavar o site do *Le Monde* à procura dos editoriais. Um fato metodológico consequente é que o jornal francês publica poucos editoriais sobre a política brasileira. Os enunciados, de gêneros variados, sobre o Brasil são produzidos ora por correspondentes, ora são assinados com a denominação “*Le Monde avec AFP / Agence France- Presse*”<sup>22</sup>. Assim, já ocorre uma seleção temática por consequência: o jornal escolhe o que se torna ou não tópico editorial. Diferente da *Folha*, que publica editoriais *online* diariamente sobre

<sup>18</sup> Disponível em: [Condenado - 25/01/2018 - Opinião - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 25. Out. 2022.

<sup>19</sup> Disponível em: [Cumpra-se a lei - 07/04/2018 - Opinião - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 25. Out. 2022.

<sup>20</sup> Disponível em: [Au Brésil, une démocratie en déliquescence \(lemonde.fr\)](#). “No Brasil, uma democracia em declínio/decadência”. Acesso em: 25. Out. 2022.

<sup>21</sup> Disponível em: [Brésil : la disgrâce d'un président \(lemonde.fr\)](#). “Brasil, a desgraça de um presidente”. Acesso em: 25. Out. 2022.

<sup>22</sup> Disponível em: [Pourquoi certains de nos articles sont signés « Le Monde avec AFP » \(lemonde.fr\)](#). Acesso em: 13. Abr. 2022.

eventos e ocorrências políticas e sociais.

O levantamento dos editoriais do *Le Monde* foi realizado com a ferramenta de busca disponível no site do jornal. Seguimos uma lógica de procura mês a mês (janeiro a dezembro de 2018), com atenção aos períodos de saturação mais crítica, para sondar a produção editorial dos jornais. O foco, contudo, é o primeiro semestre de 2018, porque é o tempo em que o processo contra Lula se desenvolve. A palavra-chave principal para o filtro de busca em todo o período foi *Brésil* porque condensa assuntos e serve de orientação às publicações do jornal. Mesmo que, por exemplo, seja uma matéria sobre aspectos culturais da Amazônia, sem uma ligação política direta, o termo *Brésil* está presente no enunciado como elemento de identificação linguístico-discursiva.

Na *Folha*, foi utilizado o mesmo procedimento, com a ferramenta de busca, cuja configuração foi: período personalizado > *seções* editoriais > *editoriais* de opinião. Com esse recurso, procuramos os editoriais mais próximos aos do *Le Monde*, considerando, a questão temporal e, principalmente, a temática. O estilo dos editoriais da *Folha* facilitou a busca, pois apresentam fotos preto e branco (PB) e títulos curtos, além de serem identificados com a expressão “O que a Folha pensa”.

Usando os termos *democracia* e *Lula* (principalmente), chegamos a *Condenado e Au Brésil, une démocratie en déliquescence*, enunciados selecionados. No percurso de pesquisa na *Folha*, porém, antes da seleção final, encontramos *Lula, 2º Instância*<sup>23</sup> e *A ficha de Lula*<sup>24</sup>, enunciados que se aproximavam temporal e tematicamente. *Condenado* é escolhido pois trata do caso de maneira mais incisiva, partilhando com o editorial francês alguns pontos, como a politização do processo. *Le Monde* aborda o caso de Lula como mote principal a uma crítica ao sistema político brasileiro, com uma visão mais geral. Além disso, ambos os editoriais, em contato, apresentam uma ampla carga axiológica sobre o caso e os agentes políticos.

Ainda, o editorial *Brésil: la disgrâce d'un président* focaliza o processo de Lula, identificando-o na vida política brasileira. Em consonância, o editorial brasileiro escolhido foi *Cumpra-se a lei*, que apresenta um percurso semelhante: trata de Lula e do aspecto político e social do caso. Juntos, os editoriais ofertam valores díspares sobre o caso, os quais, em análise dialógica, tecem a rede discursiva sobre o processo de Lula e suas fases até então.

---

<sup>23</sup> Disponível em: [Lula, 2ª instância - 24/01/2018 - Opinião - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 27. Abr. 2022.

<sup>24</sup> Disponível em: [A ficha de Lula - 28/01/2018 - Opinião - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 27. Abr. 2022.



O material que analisamos foi publicado pelos jornais. Nossa Casa não tem influência sobre a produção, já que vivem a dinâmica social de modo independente. Todavia, somos integralmente responsáveis pelas relações que tecemos. Cada critério estabelecido nos diz respeito, pois foi executado por nós. Nesse ponto, os “dados” aqui dispostos foram pensados e coletados por nossa Casa. As relações dialógicas entre os editoriais já existiam antes, mas nosso empenho lhes dá outro nível de sentidos, ao serem aprofundadas. Por esse motivo, construímos nossos “dados”, a partir de um olhar específico para compreender relações estabelecidas por tal ótica. Apesar de estarmos em contato com um material de pesquisa já produzido e publicado por outros sujeitos, fora do contexto da pesquisa, nós também o produzimos na medida em que estabelecemos critérios de coleta e tecemos relações, portanto.

Como pensam Bakhtin e Volóchinov, a produção discursiva é ininterrupta. O período de trabalho (2018) poderia ser ampliado, ação que mudaria o jogo relacional na análise. É possível expandir, por exemplo, ao ano de 2005, época do Mensalão, o qual é caracterizado por personagens e narrativas específicas. Hoje, Lula e PT atraem tais eventos e narrativas discursivamente, enquanto sujeitos de discurso, via signo ideológico. Cada alteração, responsivamente feita, mudaria o curso e o conjunto de relações construído.

Exposto e comentado nosso percurso de trabalho para coleta e delimitação do objeto de pesquisa, cabe-nos agora debater como tais enunciados serão interpretados. Em outras palavras, detalharemos o olhar e o manejo (ou ainda, o *método*) a partir dos quais os editoriais serão lidos, descritos, analisados e interpretados. Os estudos bakhtinianos são nosso fundamento de compreensão, cujas ideias teóricas e filosóficas direcionam nosso modo de analisar (o percurso teórico-metodológico, portanto) o jogo tenso entre sujeito, sociedade e história, presente nos discursos editoriais.

Por tais motivos, o trabalho com os escritos do Círculo de Bakhtin é essencial, pois nos possibilita compreender as relações situadas em seus campos sociais de constituição. O conceito de ideologia, compreendido como juízo de valor, permite discutir as construções enunciativas como, sobretudo, visões de mundo materializadas. O conceito de enunciado nos coloca diante do emaranhado responsivo dos editoriais e suas respectivas relações dialógicas. A noção de cronotopo também nos oferta chaves de compreensão, uma vez que um enunciado é produzido num tempo-espço e esfera de atividade, com um peso singular e é marcado por lutas específicas de sentido (e, por isso,

ideologicamente histórico e irrepetível). Propomos ao Público uma breve navegação sobre as obras<sup>25</sup> do Círculo com o intuito de destacar apontamentos metodológicos importantes. Em seguida, apresentamos nossa posição. Assim, torna-se mais claro nosso caminho de trabalho. Permita-nos a demonstração da lógica.

Afirmamos até então que o diálogo é o princípio. Mas o que isso implica? A resposta mais geral e, ao mesmo tempo, mais específica está na relação. Porque, em primeiro lugar, nossa Casa compreende diálogo, assim pensado pelo Círculo (BAKHTIN, 2011; VOLÓCHINOV, 2017), como a lógica que rege a complexa gama responsiva de atos de linguagem nos momentos da história. No sentido específico, discutimos as relações entre os enunciados editoriais: o que há de um no outro, em formas plurais. Salientamos que não há uma separação estrita, afinal esses “níveis” ocorrem de modo conjunto e concomitante no diálogo geral. Como razão de ofício, o diálogo permite compreender em profundidade a vida política, e as relações tensas entre política e jornalismo.

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2017) faz um debate filosófico com o pensamento da época, principalmente com Kant e a Escola de Marburgo (os neokantistas, em especial, Cassirer). Teoria, cultura e vida social são partes desse diálogo, diante do qual o pensamento bakhtiniano defende uma conceituação de sujeito inserido social e concretamente no existir-evento: “Somente do interior do ato real, singular – único na sua responsabilidade – é possível uma aproximação também singular e única ao existir na sua realidade concreta; somente em relação a isso pode orientar-se uma filosofia primeira.” (BAKHTIN, 2017, p. 79). Em sua proposta filosófica, Bakhtin argumenta em prol da concretude e da singularidade discursiva, entendida como modo de compreensão da arquitetônica do mundo. A filosofia bakhtiniana faz um movimento de compreensão do ato e do existir-evento, preocupando-se com as especificidades do sentido entre os sujeitos e contextos sociais.

Nessa direção, Bakhtin nos oferta uma posição metodológica: a concretude e a singularidade. São aspectos de base na discussão do Círculo, não apenas aqui, mas também em outros pontos teóricos, como a estética e a criação ideológica. A concretude, nessa perspectiva dialógica, é característica importante para a constituição do sujeito, do cenário social, da linguagem e da história, de tal modo que não há abstração ou

---

<sup>25</sup> Para este percurso, consideraremos três obras: *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2011); *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2017); e *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017).

imaginação metafísica. A concretude se realiza na singularidade, na medida em que a interação com o “outro” singular produz sentidos únicos e concretos na vida social. Pela relação com o “outro”, o “eu” sai da abstração e entra na singularidade concreta do existir.

A construção do pensamento no Círculo, como filosofia da vida, é regida por tais preposições de concretude, singularidade e ainda responsabilidade. Na compreensão dos escritos de Círculo como uma teoria do discurso, nossa Casa parte da ideia de que não apenas os signos, os enunciados e a linguagem são de tal maneira concretos e singulares, mas igualmente a posição analítica para os fenômenos sociais de linguagem. Em nossa visão, há uma exigência de lidar com o enunciado de modo dialógico e relacional, como método, e ainda, de compreensão singular decorrente da posição de pesquisador. Apenas nossa Casa, diante de tal construção editorial, pode produzir sentidos específicos sobre os enunciados em questão. Outras visões produziriam compreensões distintas, também concretas e singulares. Sobretudo, trata-se de nos reconhecer como sujeito de pesquisa que interage com o material de análise e se posiciona inteiramente diante do problema de trabalho.

Ao final de *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin faz considerações teóricas, com as quais analisa uma poesia de Pushkin sobre um espaço-tempo singular, ocupado e valorado unicamente pelo “eu” e o “outro”. Na compreensão de Bakhtin, os sujeitos envolvidos no enunciado atribuem valores e sentidos distintos a um “mesmo” espaço, a Itália. A relação dessa análise e da proposta da obra reside no olhar arguto ao evento da vida social. Desse modo, Bakhtin destaca uma linha lógica na qual o enunciado é vivo e peculiar, construído no jogo de valores da alteridade. A relação com o espaço-tempo está condicionada, portanto, aos sujeitos em questão, que vivem o acontecimento, em interação com a diferença constitutiva e valorativa do “outro”.

O foco metodológico principal presente no movimento analítico de Bakhtin e cultivado nesse trabalho é compreender as relações vivas e tensas do enunciado. Quando Bakhtin demonstra a diferença de realidades e de vivências entre os sujeitos, a partir de marcas linguísticas, nossa Casa é convicta de que o procedimento metodológico está pautado na relação, em diferentes níveis, entre materialidades e complexidades, do qual deriva uma característica geral do Círculo: o estudo apurado das relações de sentido.

Já na reunião de ensaios presentes *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2011), o texto *Arte e responsabilidade* trata da unidade de sentido e da conjunção entre arte, vida e ciência. No pensamento bakhtiniano, a responsabilidade tem papel central, porque é base

de muitas reflexões filosóficas do grupo. A causa é a vivência: o existir-evento responsável conclama sujeitos e suas singularidades em constituição tensa, não mecânica. Um aspecto metodológico necessário aqui presente é a posição, pela qual respondemos. Este trabalho tem a marca de nossa Casa e nada nos é alheio. Com isso, estamos por inteiro no ofício, que carrega uma visão específica sobre os escritos do Círculo e sobre a problemática de investigação.

No ensaio *Metodologia das ciências humanas* (BAKHTIN, 2011), o autor disserta sobre a força motriz do sentido, atribuída ao contato, visto que a interpretação e a compreensão enunciativa são dialógicas e ocorrem na interação. Os sentidos de determinado discurso se movimentam e se relacionam entre si no percurso histórico da sociedade. A análise profunda dessas relações demanda um olhar dialógico, pautado no cotejo. No caso desta pesquisa, uma forma de cotejamento por nós adotada é a seleção e a busca entre os editoriais da *Folha* para a aproximação analítica. A posição bakhtiniana se encontra no modo de constituição deste trabalho: o diálogo entre editoriais de jornais e culturas distintos.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2017), no debate sobre ideologia e marxismo, defende a existência de uma filosofia dos signos, cujo objetivo é a investigação concreta da materialidade cognoscível ideológica do enunciado. Para o autor, não se pode isolar a ideologia da consciência, da realidade do signo e da concretude da comunicação social. A implicação metodológica é o tratamento singular dos enunciados como fragmentos de discursos situados, em dado contexto de valor. Isso, para nossa Casa, significa analisar a manifestação complexa da ideologia na linguagem de cada instituição/sujeito, em interação com dada organização sócio-histórica.

Volóchinov ainda defende três pontos pensados por ele como exigências metodológicas (2017, p. 110). A primeira, a indissociabilidade entre signo e ideologia; a segunda, a não separação do signo das formas de comunicação social; a terceira, por fim, o não isolamento da comunicação de sua base material. Em todas as exigências, o autor pensa, de modo geral, que não se pode isolar ou separar o aspecto social e material da produção discursiva. Esse é nosso caminho de investigação. Compreendemos, portanto, que cada editorial só se torna fragmento ideológico de linguagem enquanto estiver na categoria de ato social situado.

Encarada também como processo de linguagem, a ciência é ideológica, composta por sujeitos (que refletem e refratam determinadas vozes) sociais e suas preocupações

determinadas. No campo bakhtiniano e para a nossa Casa, a pesquisa é responsiva, responsável e ética. Todas as formas, decisões, materiais e métodos estão dispostos à autoria que, em seu lugar singular, escolhe e decide os procedimentos, pautando-se em princípios e motivações singulares. A ciência e a filosofia como propostas pelo Círculo se opõem ao teorismo vago e defendem a singularidade responsável. Afinal, as verdades científicas experienciam, de maneira refletida e refratada, as disputas sociais e os embates de valor.

Anna Benite (2020) comenta momentos históricos em que as ciências deram aval a práticas racistas, criticando a lógica científica desenvolvida por um sujeito universal. Discutindo, por meio de Bakhtin, o que a docente chama ciência binária, compreendemos a necessidade de um olhar amplo e aberto ao jogo de contrários e contraditórios na pesquisa científica, a fim de lhe enriquecer as respostas, as questões e os pontos em suspenso. Uma ciência diversificada e plural é espaço de defesa e de cruzamento entre Benite, Círculo de Bakhtin e nossa Casa.

Nessa direção, Ramón Grosfoguel (2016) disserta que há uma estrutura desigual na consolidação do saber, a qual diferencia as epistemes segundo uma lógica racista e sexista. Dessa forma, um saber específico, o do homem ocidental, tem prestígio e poder de “verdade” nas áreas do conhecimento. Em contrapartida, saberes do sul, de populações não-brancas ou fora do Ocidente passam por uma desqualificação, oriunda de processos históricos, culturais e econômicos. Tais processos, genocídios, conforme argumenta o autor, acompanhados de um epistemicídio, ou ainda de roubo e apagamento culturais, como aponta Benite, teceram, ao longo da história, uma consciência científica hegemônica, pautada na vivência e na filosofia do homem ocidental.

Diante de tal estrutura desigual de poder e saber, Grosfoguel critica esse determinado conhecimento ocidentalizado, nascido de uma tradição filosófica para qual há um “Eu” basilar e universal das proposições científicas, como no caso de *Penso, logo existo*, de Descartes. Assim, são desconsideradas outras formas e modos de vida que se distanciam dos previstos na lógica colonial.

O ponto fulcral que nossa Casa quer destacar com tal discussão reside na formulação epistemológica e ontológica do “Eu” do conhecimento: “A principal implicação disso seria o desmoronamento da pretensão de um ‘Eu’ capaz de produzir certeza em um conhecimento isolado nas relações sociais com outros seres humanos.” (GROSFOGUEL, 2016, p. 29). Como apontam Benite e Grosfoguel, a partir de outras

ólicas de saber, as produções de sentido e de verdade são modificadas. Assim, o sujeito supremo do conhecimento ganha tons, cores, saberes plurais, saindo de uma categoria discursiva de neutralidade e de universalidade, construída e legitimada ao longo da história.

Ao romper com um “Eu”, historicamente preponderante, os movimentos de reflexão trazem ao centro outras consciências e outros “Eu(s)” na tessitura tensa e hierárquica da consolidação científica. Nesse ponto, compreendemos que há uma relação forte com o pensamento bakhtiniano, face às críticas diversas feitas a dadas tradições científicas, que compreendem um “Eu”, soberano e universal. Em contraste, o Círculo de Bakhtin preza e discute um sujeito ativo e singular, existente somente com os sentidos possíveis em determinado contexto.

Por dispor de modos particulares de compreensão e de questionamento da vida social, o saber bakhtiniano é um alicerce possível na construção de uma ciência pautada em outra “lógica”, esta plurissignificativa. Nessa luta constante, o Círculo de Bakhtin possibilita analisar e interpretar tensões, hierarquias e estruturas sociais, a partir de uma leitura dialógica de sujeitos e da linguagem. Ao focalizar o primado do diálogo, o Círculo preconiza narrativas complexas, em que vozes diversas tecem o saber. Conseqüentemente, há uma urgência de abertura, como dizem Benite e Grosfoguel, a outros *corpos políticos do conhecimento*, cujas vozes contemplam outras realidades e presença de mundo.

Sobre esse debate acerca da relação entre pesquisa e sujeito, Marília Amorim (2004) diz que: “Análise e manejo das relações com o outro constituem, no trabalho de campo e no trabalho de escrita, um dos eixos em torno dos quais se produz o saber.” (p. 28). A autora introduz o debate sobre a alteridade no trabalho científico, com a compreensão de que há sempre relações significativas envolvidas nesse processo, pois os objetos de pesquisa não são “objetos dados”, mas sim em construção dialógica. Mais à frente (p. 120), a autora expõe que o enunciado é social e sempre repleto de vozes valorativas. Nossa Casa compreende, então, que é fruto dessa visão ampla de pesquisa um tratamento singular do material de análise. Por tal relação entre pesquisador e material, a alteridade permite o jogo tenso, contraditório e complexo, que vai da coleta à análise.

Em *Palavras e contrapalavras*, obra organizada pelo Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (2012) e dedicada à discussão metodológica no Círculo de Bakhtin, João Wanderley Geraldi aponta que: “Interpretar é construir um sentido para um discurso, para um texto, e a validade desta interpretação se mede por sua profundidade e pela

consistência e coerência de seus argumentos.” (p. 34). A publicação dos editoriais não significa que o material de análise seja dado. Nessa situação, nossa Casa compreende que as relações por nós pensadas fazem parte do processo de pesquisa e significam nosso olhar para o problema de questão. Não se trata de uma “produção de dados”, como por exemplo uma entrevista, mas de uma relação entre enunciados no percurso histórico discursivo, pela qual somos responsáveis enquanto agentes de pesquisa.

Na mesma obra, sobre o pensamento do Círculo de Bakhtin, Marina Mendonça pontua: “Assim, esses escritos podem ser considerados base para uma atividade analítica (do discurso) que coloque em primeiro plano o papel do sujeito e da alteridade.” (p. 115). A autora centraliza a relação de alteridade no desenvolvimento da pesquisa dialógica, na qual os sujeitos estão contextualizados. A interpretação e os sentidos construídos no trabalho científico são oriundos de uma relação de alteridade entre sujeitos de pesquisa e material de análise. Nessa ótica dialógica, com o trabalho da alteridade, não há “Eu” neutro e maior do conhecimento, já que o sujeito está situado em um sistema desigual de constituição social e possui aspirações ideológicas.

Nesse terceiro momento do Projeto, detalhamos ao Público nossa orientação por um modo de abordagem construído por: 1) descrição das materialidades, com destaque aos campos lexicais, aos tipos de orações, conjunções e afins mobilizados pelos editoriais; 2) interpretação e análise dos enunciados, com a escavação de sentidos expressos pelas relações arquitetadas pelos “dados” do primeiro passo, em busca da visão de mundo defendida pelas editoriais; 3) diálogo entre os “resultados” relacionados a cada evento político sobre os quais trataram os jornais, a fim de compreender, em outra escala, as relações entre a *Folha* e o *Le Monde*.

Os editoriais sobre o 1º turno eleitoral para a presidência em 2022 são nossos exemplos breves desse processo de abordagem. Em todo desenvolvimento da pesquisa, nossa missão não é demonstrar qual jornal tem a opinião “correta” ou mais “adequada”, mas sim confrontar tais posicionamentos políticos com o propósito de compreender parte dessa dinâmica valorativa. Na mesma lógica apresentada, de tempo (*Folha* 02/10/2022 e *Le Monde* 05/10/2022) e tema, os editoriais avaliam a situação política após a apuração:

*Figura 1- Mais 4 semanas*

EDITORIAL · O QUE A FOLHA PENSA

# Mais 4 semanas

Haverá segundo turno; economia favorece Bolsonaro e exige definição de Lula

Fonte: *Folha de S.P.*<sup>26</sup>

*Figura 2 - L'avenir du Brésil au risque du bolsonarisme*

## L'avenir du Brésil au risque du « bolsonarisme »

Après le premier tour de la présidentielle, dimanche 2 octobre, Jair Bolsonaro a cédé peu de terrain à la gauche. Son score, 43,2 %, suggère que son message empreint de morale religieuse et de valeurs sociétales rétrogrades s'enracine dans le pays.

Fonte: *Le Monde*<sup>27</sup>

Para essa exemplificação, consideramos apenas essa entrada dos editoriais, que já apresenta a síntese da tese defendida pelos jornais. *Folha* constrói um título sucinto que coloca a tensão eleitoral para o futuro próximo, em *Mais 4 semanas*. Em seguida, *Haverá* dá continuidade a essa ideia de tempo, pela qual Lula e Bolsonaro são citados em relação à economia, o primeiro no estado da exigência, o segundo do favorecimento. *Le Monde*, por sua vez, também trabalha com a ideia de futuro, em *avenir(futuro)*, caracterizando-o com um risco, o bolsonarismo. Na descrição seguinte do jornal francês, Bolsonaro é citado em relação à esquerda na disputa eleitoral. A porcentagem de Bolsonaro é mencionada para fazer uma possibilidade (*suggère*), na qual moral religiosa e valores sociais retrógrados são características do político em questão. *S'enraciner(enraizar-se)* é o termo que faz tal ligação de valores de Bolsonaro ao Brasil.

Nesse primeiro momento, preocupamo-nos em descrever e apontar os termos e

<sup>26</sup> Disponível em: [Mais 4 semanas - 02/10/2022 - Opinião - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.com.br/opiniao/2022/10/02/mais-4-semanas-02-10-2022). Acesso em: 09. Out.2022.

<sup>27</sup> Disponível: [L'avenir du Brésil au risque du « bolsonarisme » \(lemonde.fr\)](https://www.lemonde.fr/brasil/article/2022/10/02/l-avenir-du-brasil-au-risque-du-bolsonarisme_1814186_1814186.html). Acesso: 09.Out.2022. “O futuro do Brasil sob o risco do bolsonarismo – Depois do primeiro turno para a presidência (domingo, 02), Jair Bolsonaro cedeu pouco espaço à esquerda. A porcentagem, 43,2%, sugere que sua mensagem, impregnada de moral religiosa e de valores sociais retrógrados, enraíza-se no país”.



construções que formam as relações de sentido ainda num nível linguístico. Aspectos e circunstâncias (tempo, causa, consequência, condicionalidade etc), designações (por adjetivos, advérbios) e nomeações (direta pelo nome, por aposto, por orações) são pontos buscados e explanados nessa primeira fase.

Em um segundo momento, compreendemos que a *Folha* faz uma constatação valorativa do contexto ao afirmar que haverá segundo turno. Porém, mobiliza um valor, a “economia”, que faz uma diferenciação entre os sujeitos presidenciáveis. Na ideia do jornal, economia *favorece* Bolsonaro, ao passo que *exige definição* de Lula. Ocorre uma imagem positiva de Bolsonaro, porque é o sujeito favorecido e assim recebe traços de sentido ausentes em Lula, como definição. Para o candidato do PT, exigência de definição, o que constrói uma imagem em trânsito, ainda sem resolução em relação ao valor mobilizado. Desse modo, Bolsonaro está mais próximo do valor e melhor desenhado.

No *Le Monde*, a narrativa é de perigo para o valor “futuro do Brasil”. O fator de ameaça está diretamente relacionado a Bolsonaro, pela designação *bolsonarisme*. A imagem, portanto, é negativa desde o título. Lula, nesse momento, não é mencionado. Após contextualizar a votação, aponta que Bolsonaro cedeu pouco espaço à esquerda (por consequência, Lula aqui se insere). Na mesma sequência, a porcentagem de Bolsonaro é mencionada para fazer a relação com *enraizar* valores negativos no Brasil. No geral, *Le Monde* se coloca contrário a Bolsonaro, por entender que representa perigo ao futuro do Brasil (valor mobilizado).

O terceiro momento, o de travar relações entre as materialidades descritas e interpretadas, permite discutir como os jornais se organizam: um elencando a economia (*Folha*) e outro, o futuro do país (*Le Monde*) como valores de atribuição e de diferenciação identitária. As imagens de Lula e Bolsonaro coexistem e estão em conflito, pois no jornal brasileiro, pela situação construída, Bolsonaro se sobressai a Lula. No *Le Monde*, porém, a lógica é outra, e perigo é a característica maior de Bolsonaro. De acordo com Bakhtin: “Por isso aqui não só compreendemos o significado de cada palavra enquanto palavra da língua como ocupamos em relação a ela uma ativa posição responsiva – de simpatia, acordo ou desacordo, de estímulo para a ação” (BAKHTIN, 2011, p. 291). Os termos mobilizados, longe de serem meros substantivos na língua, são valores no âmbito da significação discursiva. Expressam, assim, o ponto de vista do jornal.

Ainda que estruturados (sistematicamente) e parciais (não tratamos do editorial por completo), os apontamentos demonstram nosso trajeto de investigação dos editoriais, com

o intuito de compreender as posições ideológicas dos jornais em cada enunciado, de modo relacional. O percurso discutido é realizado de modo conjunto, para atingir justamente aquele contato significativo entre os editoriais, a fronteira valorativa que existe em todo contato entre “eu” e “outro”.

O Círculo, sobre a produção discursiva, pensa que o enunciado é social e possui elementos extraverbais. Não de modo aleatório e direto/determinista, tais elementos determinam e constituem de maneira tensa e complexa a estrutura enunciativa, já que a linguagem não é reflexo puro de um dado real. Nessa direção, Bakhtin entende que “O enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro.” (2011, p. 313). Consideração geral no Círculo à época, o estudo das relações de sentido não está no domínio estrito da linguística, mas, como afirma Bakhtin (2011, p. 278 e 320) no da metalinguística.

Volóchinov (2017), mais centrado na conceituação de signo ideológico, teoriza que o processo comunicativo está em íntima relação com o contexto e suas condições materiais. Propondo uma filosofia dos signos para questões problemáticas sobre a abordagem da ideologia, Volóchinov (2017, p. 114) também entende que o estudo dos sentidos e das significações socialmente construídos extrapolam o conceito de linguística à época posto. Bakhtin e Volóchinov, porém, não excluem ou condenam o fato de que as relações dialógicas entre os enunciados ocorrem nas línguas e nas demais linguagens, pois se dão sempre em uma base material.

A estrutura do enunciado é social e somente constrói relações de sentido na interação concreta e material com demais produções de linguagem: “Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto.” (p. 183, destaque do autor). Esse posicionamento teórico é nossa âncora no movimento de análise, pois nos coloca firmes à materialidade enunciativa para compreender os sentidos sociais que os editoriais mantêm na cadeia discursiva. Afinal, como propomos, nosso trabalho se difere pelo foco na linguagem, dialogicamente compreendida.

Nessa direção, a metalinguística e as considerações que Bakhtin (2011) lhe faz são fundamentais ao trabalho de nossa Casa. Não se trata de uma metodologia rígida, mas sim de caminhos e direcionamentos para o estudo do sentido no terreno social: “A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e

multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem complementar-se mutuamente e não fundir-se.” (p. 181). Quando mencionamos, então, a metalinguística, o intuito é fundamentar, justificar e direcionar nosso trabalho para o fenômeno que torna a língua uma estrutura que constrói valor socialmente em interação com sujeitos concretos.

Após a primeira parte, que tratou das escolhas, procedimentos e métodos, passamos agora às questões contextuais sobre a problemática em questão, os posicionamentos ideológicos distintos adotados pela *Folha* e pelo *Le Monde*. Como o foco é o primeiro semestre de 2018, faremos uma retomada contextual.

No Brasil, 2013 e 2014 foram anos tensos politicamente, por causa dos protestos de rua, denominados como Jornadas de Junho, e das eleições presidenciais, marcadas pela disputa entre os partidos PT e PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). O ano de 2016, ainda, é outro momento relevante, pois ocorre o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. O que nos faz, assim, optar pelos temas e pelo período delimitados? Ora, uma vez que tais acontecimentos são por nós compreendidos na lógica do diálogo, não há separação ou isolamento, mas sim um processo tenso de respostas contínuo.

Em nossa compreensão, há um epicentro dialógico da vida política brasileira contextualizado pelo período entre 2018 e 2020, que congrega tensões anteriores, como os protestos de rua de 2013; as eleições de 2014 e o processo de *impeachment* de 2016. Em especial, 2018 é a centralidade, iniciado pelo processo e prisão de Lula. Além dessa confluência de acontecimentos, esse período é marcado também por uma singularidade tensiva: o caso judicial controverso de Luiz Inácio Lula da Silva; as eleições de 2018, calcadas em uma onda de desinformações (*fake news*); posteriormente, os atos bolsonaristas no governo; urgências ambientais; e a pandemia de Covid-19. Todo esse complexo entre acontecimentos que anteriores e decorrentes justifica a delimitação desse período.

No contexto das manifestações em 2013, Camila Rocha (2018) compreende que esse momento foi importante à formação da nova direita no Brasil, originária do auge do lulismo por grupos de discussão e militância na *internet* (p. 16), cuja novidade, como a autora explana, é a junção entre ultraliberalismo econômico e pautas conservadoras: “Porém, ainda que Junho de 2013 possa ter permitido um avanço considerável no processo de formação da nova direita, sem sombra de dúvidas a oportunidade política

*crucial* foi a reeleição de Dilma Rousseff.” (p. 162, destaque da autora). Trata-se de um ano político importante e tenso, especialmente pois, como pensa nossa Casa, mostrou a força e o impacto político das mídias digitais.

Para Raquel Rolnik (2013), a metáfora que contempla as manifestações é o terremoto, pois “[...] perturbou a ordem de um país que parecia viver uma espécie de vertigem benfazeja de prosperidade e paz, e fez emergir não uma, mas uma infinidade de *agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos*.” (p. 8, destaques nossos). Nesse jogo complexo de que fala a autora, estão na base disputas sociais pelos sentidos, na qual vozes sociais rivalizaram as narrativas. É um período histórico de tensões, porque estavam em voga conflitos internos, como o esgotamento do sistema político e crise econômica global, como pontuam Rosana Pinheiro-Machado e Adriano Freixo (2019).

Os autores também entendem que os ciclos de manifestações em 2013 foram significativos para a política brasileira, pois trouxeram duas novidades ao cenário político: ausência de protagonismo do PT (alvo, inclusive, de muitos dos protestos) e ocupação da direita, multifacetada, nas ruas. Mais à frente, os autores tratam das eleições presidenciais em 2014. Eleita Dilma Rousseff, houve, já nos primeiros meses de mandato, manifestações contra o governo, diante das ações da Operação Lava Jato, da oposição dos grandes meios de comunicação e da piora da crise econômica. (PINHEIRO-MACHADO; FREIXO, p. 13).

Tratando de conservadorismo e evangelismo no contexto político, Ronaldo de Almeida (2019) disserta que a crise brasileira está associada aos protestos de rua em 2013, às eleições de 2014, ao *impeachment* em 2016 e à eleição da extrema direita via a vitória de Bolsonaro, em 2018. Sob uma linha dialógica da compreensão, tais eventos, como aponta o autor, estão interligados. O sentido de um se renova e se expande no acontecimento seguinte e/ou concomitante, no desenrolar dos tempos da cultura. Forma-se uma teia de relações entre os acontecimentos, na qual estão imbricados antipetismo, ascensão de extrema direita, liberalismo e fragilização democrática e afins.

Do ponto de vista da linguagem e do discurso, defendemos, a partir dos apontamentos teóricos, que as disputas sociais ocorrem no signo ideológico, assim pensado por Volóchinov (2017, 2019; 2013). As narrativas, seja de movimentos conservadores, seja de caráter progressista, e suas respectivas ramificações e complexidades, são organizações coesas de signos, vozes e discursos que formalizam

materialmente uma interpretação da realidade. Isto ocorre porque, como explana o autor, o conflito de classe (e de grupos sociais) está presente na linguagem.

A relevância desse momento histórico, em 2013 e 2014, é o intenso jogo entre forças centrípetas e centrífugas e, conseqüentemente, os impactos sociais e discursivos na vida política em diante. “O signo se cria, de fato, entre indivíduos, no ambiente social, na sociedade.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 195). De modo relacional, confrontam-se valores históricos, com menções ao passado e ao futuro, via as memórias da cultura. A partir do apontamento de Volóchinov, compreendemos que, nesse momento histórico, estão tensionadas importantes forças sociais constitutivas do sistema político, jurídico e midiático no Brasil.

Em 2016, ocorre o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Como presente na atmosfera social e política no Brasil, os sentidos do processo são disputados, entre as concepções de legalidade, de justiça e de constitucionalidade, como aborda Alvaro Bianchi (2019). Dessa conjuntura, que chamou atenção internacional, as disputas de narrativas sobretudo escancararam que o aparelhamento jurídico e as disposições legais são maleáveis e condicionadas de maneira ideológica. De mesmo modo, as mídias também desempenham papel fundamental na dinâmica política, pois criam, endossam e viabilizam interpretações e narrativas sociais. Por consequência, nossa Casa compreende que no julgamento participaram muito além dos supostos “crimes de responsabilidades” de Dilma Rousseff, justamente porque o conflito entre grupos sociais e suas demandas é complexo em sua materialidade enunciativa. Há, em nosso entendimento, uma saturação discursiva e ideológica que determina esse momento de crise.

Em 2018, no início do período delimitado por nosso trabalho, o processo de Luiz Inácio Lula da Silva é julgado e motivado por interesses que vão muito além das “causas legais”. De caráter político e partidário, posição compreendida pela Casa a partir de Volóchinov (2017) e Jessé Souza (2019), o processo se desenvolveu por meio de um enorme acontecimento midiático. Trata-se de um julgamento de um ex-presidente que governou por oito anos e se tornou/torna sujeito político-discursivo relevante no cenário social brasileiro, em virtude do impacto ideológico de seus atos. Com a leitura de André Singer (2009), que investiga os sentidos do lulismo, compreendemos que há um fenômeno político singular em torno da e na figura de Lula, assim como ocorre, com outros valores e para outro grupo, a construção de Bolsonaro.

No âmbito da Lava Jato, Luiz Inácio Lula da Silva foi processado, de modo geral, por corrupção e lavagem de dinheiro, em três casos: Triplex, Sítio de Atibaia e Instituto Lula. As denúncias se iniciam entre 2016 e 2017: em julho de 2017, Lula é condenado no caso Triplex e, em janeiro de 2018, em segunda instância, com pena aumentada. Em abril de 2018, Lula é preso. Já em fevereiro de 2019, é condenado no caso do Sítio de Atibaia. Também em 2019, após 19 meses, o Supremo Tribunal Federal altera a decisão de 2016 sobre prisão em segunda instância, fato que deixa possível a soltura de Lula. As acusações sobre Lula ficam, assim, anuladas, pois o STF entende que a 13ª Vara da Justiça Federal de Curitiba não tem competência, passando a responsabilidade à Justiça Federal do Distrito Federal. Em fevereiro de 2021, o processo do Instituto Lula fica em suspenso<sup>28</sup>.

Esse apanhado temporal demonstra de modo sintético os processos em torno de Lula, polêmicos e controversos. Devido à saturação política desse momento, que se arrastou ao longo dos anos, nossa Casa compreende que é fundamental, pensando em 2018, a discussão de um período conflituoso, no campo jurídico, político, social e midiático. Ano eleitoral, 2018 se inicia, assim, com esse debate.

São inevitáveis as disputas no signo. No contexto brasileiro, tais conflitos são ainda mais densos, por se tratar de um período de crise. Sobre o episódio da prisão de Lula, Flávia de Souza aponta que “[...] se tornou extremamente midiático, não só por conta da projeção política mundial do ex-presidente brasileiro, mas também devido à massiva estratégia de divulgação promovida pela chamada Operação Lava-Jato [...]”, (SOUZA, 2019, p. 2). De modo intrínseco, o processo se desenrola nas mídias e na política, saturando os sentidos de legalidade e de justiça.

Rosana Pinheiro-Machado (2019), a propósito da Operação Lava Jato, diz que: “Assim, em um momento oportuno, tirava-se da disputa presidencial o candidato que aparecia consistentemente em primeiro lugar nas pesquisas.” (p. 119). Os eventos políticos, então, mantêm entre si uma relação de sentido, como um epicentro relacional e dialógico. A Operação além de impactar outras áreas da vida social brasileira, como a economia, mudou o cenário eleitoral de 2018.

A linguagem situada na interação é o laço valorativo entre os eventos políticos: “O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento

---

<sup>28</sup> Referências para construção da contextualização dos processos e as datações: [Cronologia: processos e condenações de Lula na Lava Jato | Paraná | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/parana/noticia/2019/08/11/juiz-autoriza-soltura-de-lula-apos-decisao-do-supremo-08/11/2019-poder-folha.uol.com.br), [Juiz autoriza soltura de Lula após decisão do Supremo - 08/11/2019 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/poder/imprensa/2019/07/11/supremo-volta-a-barrar-prisao-apos-a-2a-instancia-e-lula-poderá-ser-solto-07/11/2019-poder-folha.uol.com.br), [Supremo volta a barrar prisão após a 2ª instância, e Lula poderá ser solto - 07/11/2019 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/poder/imprensa/2019/07/11/supremo-volta-a-barrar-prisao-apos-a-2a-instancia-e-lula-poderá-ser-solto-07/11/2019-poder-folha.uol.com.br) e [Supremo Tribunal Federal \(stf.jus.br\)](https://stf.jus.br). Acesso em: 01. Maio. 2023.

social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios ideológicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação [...]” (BAKHTIN, 1988, p. 86). Como pontua Bakhtin, o ato de linguagem quando produzido no terreno social se insere na cadeia ideológica do discurso, de modo que os eventos políticos, compreendidos sobretudo como expressão de linguagem de sujeitos concretos em um jogo de valor, estão intimamente relacionados. A ideia de epicentro nos dá uma base para compreender a densidade de fios, eventos e discursos em um curto período (2018-2020). Assim, os sentidos são renovados e recuperados a cada evento da vida política, na dinâmica dialógica da produção de sentidos.

Entre 2017 e 2018, os processos do ex-presidente são debates sociais, que passam pelo crivo da imprensa. Com vistas ao ano eleitoral, houve discussões sobre Lula e seus direitos políticos. Ainda com Souza (2019), a autora pontua, por meio de análises de capas de revistas impressas, que o debate eleitoral já estava presente nas discussões sobre a condenação de Lula, no início de 2018. A tensão sónica em torno dos processos de Lula recebe outros revestimentos e complexidades sociais e políticas conforme o período eleitoral se aproxima. Há uma confluência desses embates no período eleitoral que desenvolvem mais saturações discursivas.

Nesse entremeio, Jair Bolsonaro ganha destaque, desde o início dos anos 2000. Presente nas mídias, o político, cujos discursos antipetista e anticomunista são fatores identitários importantes, rivaliza com o PT e Lula, a partir de uma narrativa antissistema e fora do “politicamente correto”. A saturação discursiva é oriunda desse embate político e midiático, do qual nascem narrativas diversas. Tais interpretações desse confronto social tecem e agrupam valores em prol deste ou daquele objetivo ideológico.

Tanto Pinheiro-Machado (2019), quanto Victor Piaia e Raul Nunes (2018), em quem a autora se pauta, consideram Bolsonaro um fenômeno midiático. Ambas as referências discutem que o político de extrema direita cresceu e teve visibilidade nacionalmente a partir de polêmicas e do entretenimento em programas de auditório: “De 2016 a 2018, vimos seu nome se fixar na memória do povo, sempre por meio de polêmicas que despertavam amor ou ódio.” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 139). Com presença superior à de outros políticos, Bolsonaro, conforme pensam os autores, teve espaço para a divulgação e normalização de ideias polêmicas.

Tatiana Dourado (2020) contextualiza o uso de *fake news* e mídias digitais na política, a partir de um panorama mundial, em que debate que Estados Unidos, França,

México, Reino Unido, Índia e por fim o Brasil experimentaram o esquema da propagação de desinformação. A pesquisadora aponta que 2018 no Brasil se insere em um “[...] contexto de reconfiguração da paisagem informativa, com o surgimento de novos líderes de opinião e novos movimentos sociais, bem como de processos de acirramento e radicalização da política mais do que em qualquer outro período da história recente.” (p. 4). Nas eleições de 2018 no Brasil, portanto, reuniram-se fatores diversos que a tornaram um grande evento político na história brasileira, como o antipetismo, tendências à direita, maquinaria da desinformação e instabilidade política.

Nas eleições presidenciais de 2018, Bolsonaro se torna presidente. A dinâmica política de 2019 em diante é nova, pois se trata de uma configuração governamental diferente, construída e interligada pela figura de Bolsonaro e pelo discurso bolsonarista, por seu estilo característico reacionário. Dentre as inúmeras mudanças, as interações entre governo e mídias se destacam, dada a sua singularidade polêmica e o percurso midiático de Bolsonaro até então. Por esse motivo, 2019 inicia um período fundamental, dado o contexto anterior saturado de *impeachment* e das eleições presidenciais em 2018.

Sobre Bolsonaro e seu discurso, para Armando Boito Junior (2020), “Trata-se, então, de um movimento neofascista e de um governo predominantemente neofascista, mas não, pelo menos até aqui, de uma ditadura fascista.” (p. 112). Com críticas às ideias descritivas e restritivas, Boito Junior (2020) compreende que fascismo é um conceito geral que diz respeito a um *movimento reacionário de massa* (p. 115). Partindo das noções de gênero e espécie na Biologia, o autor discute contextos históricos para afirmar que, em relação aos cenários alemão e italiano no século XX, o bolsonarismo e o governo Bolsonaro podem ser lidos como neofascistas.

Fazendo um apanhado historiográfico sobre o conceito, Demian Melo (2019) aponta que Bolsonaro professa ideologia fascista, no caráter preconceituoso e militarista. “Além disso, Bolsonaro engendra um *movimento* baseado numa *mobilização* que interpela setores médios e setores subalternos movidos por um grande ressentimento social.” (p. 7, destaques do autor). Nesse caminho, Melo discute ainda a relação do (neo)liberalismo e do nacionalismo na conjuntura bolsonarista, destacando as diferenças com o fascismo histórico. Ainda que Melo e Boito Junior façam caminhos distintos, ambos chegam a um ponto comum: forte constituição fascista em Bolsonaro e no bolsonarismo.



Nossa Casa defende a posição de que Bolsonaro é o maior líder político dos movimentos e fenômenos da extrema direita no Brasil, em 2022, além de ser um fenômeno de discurso, sociopolítico e midiático complexo. Gestado por décadas, desde os anos no Exército, essa figura política reacionária congrega, nesse processo, tensões sociais na sociedade brasileira, como o antipetismo, a aspiração anticorrupção/antissistema, fundamentalismo religioso e conservadorismo em pautas sociais. Além de comandar um grupo social que lhe é fiel, ordena também um espectro amplo de tendências extremas.

Em fevereiro de 2020, é registrado o primeiro caso de Covid-19 no Brasil, ocorrido em São Paulo<sup>29</sup>. Era o início da escalada trágica e evitável de 650 mil mortos, momento em que nossa Casa escreve este Projeto Editorial<sup>30</sup>. Esse cenário de pandemia instaura uma crise sanitária, na já tensa e complexa conjuntura da política brasileira. O debate sobre modos eficazes de combate à pandemia é saturado pelas disputas sociais do signo ideológico: no Brasil, o uso do “Kit Covid<sup>31</sup>” e o de máscaras, seus tipos e composições, e discussões sobre as “essencialidades”. Grupos sociais diversos, pautados em suas respectivas valorações, concebem determinadas realidades sobre a pandemia: invenção midiática, ataque comunista chinês, acontecimento grave de saúde pública e afins. Nossa Casa compreende que há uma saturação também nesse momento tenso, que mescla disputas na ciência, na política e nas mídias. A política, então, relaciona-se intimamente com esse momento de pandemia. As ações governamentais e internacionais são, sobretudo, práticas políticas, que lidam com sujeitos e são movidas por valores sociais.

Maria da Penha Alves (2020) disserta que constitui-se um cronotopo pandêmico, marcado por crises, política, sanitária, social e afins. A partir das formulações de Bakhtin, Alves (2012; 2020) defende que esse cronotopo está inserido, como processo de significação, na linguagem e nas relações dialógicas entre sujeitos sociais. Fora do terreno dialógico, o cronotopo se torna apenas uma referência espaço-temporal e perde seu poder constitutivo de visões de mundo. Na ideia de que o cronotopo revela um determinado sujeito, a autora caracteriza o espaço-tempo de pandemia, em vista das relações singulares e específicas provenientes desse cenário, como cronotopo pandêmico.

---

<sup>29</sup> Disponível em: [Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença - Notícia - UNA-SUS \(unasus.gov.br\)](https://www.unasus.gov.br/pt-br/boletim-informacao/2020/03/24/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca). Acesso em: 24. Mar. 2022.

<sup>30</sup> Disponível em: [Coronavírus Brasil \(saude.gov.br\)](https://www.saude.gov.br/pt-br/boletim-informacao/2020/03/24/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca) e [Brasil ultrapassa 658 mil mortes por Covid; mídia móvel volta a ficar abaixo de 300 | Coronavírus | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2020/03/24/brasil-ultrapassa-658-mil-mortes-por-covid-19-midia-movel-volta-a-ficar-abaixo-de-300-coronavirus-g1.globo.com). Acesso em: 24. Mar. 2022.

<sup>31</sup> Disponível em: [Bolsonaro desdenha de vacina e enaltece 'kit Covid' um dia após CPI lhe atribuir 9 crimes na pandemia - 21/10/2021 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/brasil/2021/10/21/bolsonaro-desdenha-de-vacina-e-enaltece-kit-covid-um-dia-apos-cpi-lhe-atribuir-9-crimes-na-pandemia-21/10/2021-poder-folha.uol.com.br). Acesso em: 04. Out. 2022.

Já Luciane de Paula e Ana Carolina Siani (2020) interpretam Bolsonaro no projeto histórico de necropolítica (MBEMBE, 2016) no Brasil. As autoras dissertam que, analisando declarações de Bolsonaro no contexto da pandemia, há ecos de eugenia no discurso bolsonarista, que preconiza determinada parcela social por condições de raça, gênero, classe, em detrimento de outras: “De acordo com um dado dizer-fazer, enunciado-ato, o discurso bolsonarista evidencia axiologias atreladas a um necropoder, como articulado a um ‘deixar morrer’, calcado em seu menosprezo frente à gravidade da crise pandêmica.”. (PAULA, SIANI, 2020). A política, então, se relaciona intimamente com esse momento de pandemia. Como dito, as ações governamentais e internacionais são, sobretudo, práticas políticas, situadas em um cronotopo pandêmico. (ALVES, 2020)

Nossa breve contextualização da política, com foco em 2018, demonstra uma complexidade e imbricamento de eventos. São diversos os trabalhos, em áreas também plurais, a tratar desse período, em diferentes perspectivas. É posição de nossa Casa, diante desse emaranhado, ofertar, a fim de engrossar e compreender ainda mais essa malha discursiva, uma outra ótica de leitura: os tons ideológicos presentes em editoriais, atos de linguagem sobre a política brasileira (em especial, casos sobre o processo de Lula).

O posicionamento dos jornais é uma forma importante de contextualização: em seus sites, os jornais expõem valores fundamentais sobre a própria filosofia de trabalho e sobre a concepção e a identidade de jornalismo. Por essa razão, com apoio em Bakhtin (2017) e em Hall (2005), analisamos<sup>32</sup> enunciados que materializam justamente esses valores identitários para compreender como funcionam e pensam os jornais. Assim, discutimos os valores que fundamentam os jornais enquanto mídias e em qual direção apontam ao se autodescreverem e apresentarem seus princípios. Fazemos dois movimentos: um breve apanhado teórico sobre identidade e como esse conceito se aplica à atividade pretendida, em contato com esfera jornalística, na construção de uma identidade de jornal; outro de investigação de enunciados e o porquê de compreendê-los assim.

Para Bakhtin, a alteridade é o processo no qual as identidades são construídas. Cada sujeito em seu lugar singular interage com o outro, chocando-se as suas visões de mundo. Se é proveniente da alteridade, que não cessa, a identidade, assim, é processo infindo e mutável: “De fato o meu ato (e o sentimento como ato) se orienta justamente sobre o que é condicionado pela unicidade e irrepitibilidade do meu lugar.” (2017, p.

---

<sup>32</sup> Neste momento, como faço uma análise breve, o “nós/Casa” fica menos aparente, para dar foco à análise.

104). Com base no que defende Bakhtin, a identidade é singularizada nesse espaço único, mas também entra em contato social na interação.

O percurso jornalístico de produção de sentido implica, considerando que há uma instituição/empresa/sujeito em atuação, uma dada identidade. Em relação com outros jornais, em processo de alteridade e diferença, a *Folha de S.P* e o *Le Monde* constroem um determinado modo de produção, compreendido desde o material do impresso à disposição geral da redação, em pequena e grande escala. O ponto, assim, é a identidade, a maneira como o jornal constrói e faz circular uma visão de si.

De modo mais centrado, trata-se aqui de uma identidade jornalística, face às práticas discursivas, à produção de sentido e circulação de valor que são típicas de um modo de fazer, o jornalismo. Como grandes empresas de comunicação, *Folha* e *Le Monde* partilham dessa cultura construindo uma identificação particular, em relação de diferença com outros jornais e grupos de comunicação.

Na ideia de Hall, a identidade: “É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (2005, p. 13). Assim como em Bakhtin, identidade aqui é processo social e ininterrupto, de modo que as identidades são maleáveis e relacionais entre si. Jornais possuem identidades diversas que os constituem, a depender do contexto e dos sujeitos em interação. Empresa, instituição, agentes políticos, veículo comunicacional são algumas identidades que os jornais possuem na dinâmica social: “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2017, p. 13). Estas coexistem, pois, de modo tenso na construção dos jornais.

Parte do jogo discursivo, as identidades não são abstrações de um “eu”, mas sim materialidades constitutivas de dinâmicas sociais. Como processos de valor, estão relacionadas a alguma manifestação do sujeito na linguagem. Em nosso caso, as identidades dos jornais são materializadas em enunciados nos quais se autodescrevem e apresentam seus princípios e modos de funcionamento.

Em um movimento de permanência e mudança, as identidades estão materializadas de modo único e plural nas variadas formas de apresentação e de existência dos jornais na vida social. Assim, entendemos que a identidade não está fixa nesses enunciados, mas presente de modo parcial, trazendo à tona fragmentos desse processo complexo de formação identitária de um grande jornal. Mesmo essa parcialidade não deve

ser lida como a totalidade desse processo identitário, tamanha a complexidade do movimento social.

Portanto, os enunciados que destacamos são artigos dos próprios jornais em que tratam da dinâmica interna e expõem os valores que regem seu trabalho. Identidade também está presente nos editoriais que analisaremos, mas de outro modo e com outra faceta. Entendemos, porém, que esses enunciados materializam parte importante da identidade do jornal, porque são descrições de si e do próprio jornalismo que realizam.

No primeiro caso, o da *Folha de S.P.*, o enunciado selecionado é o Projeto editorial<sup>33</sup>. O objetivo é analisar a construção identitária do canal paulista, destacando os valores e procedimentos discursivos mobilizados para a ideia de um *jornal a serviço da democracia*. Com isso, temos uma compreensão (não total e estática) do que a *Folha* preconiza e prega em suas apresentações.

No título, há uma metáfora para “jornalismo profissional”, em que a *Folha* se enquadra indiretamente. É no sentido de “antídoto” que o jornal constrói essa primeira imagem de combate à notícia falsa e à intolerância, pontos negados e em oposição ao valor citado e atribuído ao jornal. Com isso, o jornal se coloca como ação importante no combate de algo nocivo. Cria-se uma associação de nocividade, e assim, disfórica, para “notícia falsa, intolerância” e, em última escala, para falsidade/não-verdade/mentira. “Profissional” e “antídoto” demarcam, positivamente, essa concepção de jornalismo como “cura para um mal” e “combativo”.

Os princípios fazem parte de uma *atualização* de compromissos em um tempo especificado (em uma era de mudanças de hábitos dos leitores). Nessa construção, é possível aferir uma caracterização positiva da *Folha*. Esse processo de atualização implica um saber-fazer/poder-fazer anterior aos princípios, mas presente neles. A *Folha* reconhece esse traço da “mudança” de “leitores” e modifica seu estado. Ocorre, em seguida, um outro processo, focalizado na exposição dessa mudança e acompanhamento. Entendemos que os hábitos mudaram, a *Folha* reconhece e se atualiza e agora expõe esse processo ao público, colocando-se como próxima às mudanças.

Nesse sentido, mudança é valor constituinte, pois orienta os compromissos do jornal e é determinante à modificação de seu estado. Nesse ponto, é possível destacar um traço “+ antenado/+ ciente” ao jornal, pelo reconhecimento/saber da “era de mudança” e

---

<sup>33</sup> Disponível em: [Introdução - Projeto Editorial - Folha de S.Paulo - Projeto Editorial da Folha - Folha de S.Paulo \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 17. Out. 2022.

pelo fato da mudança de estado. O enunciado dos princípios já opera dando continuidade a esse esquema de atualização, com o objetivo de expor a mudança e de criar uma aproximação do sujeito de valor, os leitores. A designação temporal em “era” implica um teor histórico, em *aqui e agora*. Pela caracterização dada pela *Folha*, esse tempo é instável e se insere na categoria da “mudança”. Os princípios se orientam nessa perspectiva, quando focalizam uma “não-rigidez/estaticidade” e uma “dinamicidade”, e tecem predicacões que ressoam em si.

Com autorreferência, o jornal trabalha na ideia do “jornalismo profissional” ser combativo. Agora, o saldo positivo é a nitidez da distinção entre “notícia” e “falsidade”. Nesse caso, “notícia” entra no campo da verdade/não-falsidade, preconizado pelo jornal. “Nitidez” no sentido de “observável” e “compreensivo como” é atribuição e responsabilidade do jornal, designação que a *Folha* atribui a outros e a si mesma.

Em um movimento que recupera a narrativa do título, a *Folha* expõe um contraponto entre “jornais pautados pelo diálogo pluralista” e a “intolerância que assola as redes sociais”. O jornal recupera a noção do combate a um mal, a algo nocivo, mas agora revestido de outros sentidos e referências. A demarcação de intolerância como “acentuada pela recente onda internacional de populismo nacionalista ultraconservador”, além de aprofundar a negatividade já posta em “intolerância” também exalta o trabalho do jornalismo como contraponto. O “diálogo pluralista” é a chave aqui, também na mesma base de “jornalismo profissional”, pois ambos se opõem à “notícia falsa” e “intolerância”. O trabalho de jornais, em um empenho conjunto, desse modo, é fundamental, mas aqueles orientados pelo valor elencado, a exemplo da própria *Folha*.

Devemos apontar que o processo de demarcação positiva do jornalismo até então obedece ao esquema: jornalismo é/está (demarcação positiva: “profissional”, “antídoto”, “contraponto”) em oposto a algo negativo, pois falso/não-verdade (“intolerância”, “notícia falsa”). Esse processo recebe, como visto, distintas demarcações, mas permanece na mesma estrutura e percurso valorativo.

Em seguida, o jornal, em caixa alta, cor e com sublinhado, mobiliza uma ordem/pedido, construído no imperativo: “VEJA COMO ASSINAR A FOLHA E APOIAR O JORNALISMO”. Após a narrativa de o jornalismo ser “contraponto” e “antídoto”, a *Folha* faz uma interpelação de assinatura e apoio. O público é direcionado a outro endereço, no qual há apresentações de diferentes modos de assinatura da *Folha*.

O jornal também apresenta uma demarcação temporal (*Desde o início dos anos 1980*) na exposição de seus Princípios, caracterizados como espaço de análise do “ambiente” de atuação, além ainda de renovação. Como no título, entendemos aqui a valoração positiva da atualização e da análise criteriosa. O jornal mantém, em outro momento, o caráter atualizado e atento às mudanças sociais. Na mesma direção, explica a novidade que é a apresentação de 12 princípios, síntese dos compromissos do jornal. Na sequência, comenta algumas mudanças do atual Projeto.

O primeiro ponto é o reconhecimento, fator que recai na designação de consciência ativa do jornal frente às mudanças ocorridas. “Demanda” é o cerne de tal reconhecimento, alvo de valor para o qual se direciona o jornal. As características de “demanda” são aquelas preenchidas e presentes na construção do próprio jornal. O segundo ponto, por sua vez, é “sugestão” de gênero: a reportagem mais conclusiva, apontando prós e contras das soluções de problemáticas. Também aqui o jornal trabalha na direção resolutiva da questão. Colocando-se como criteriosa e pluralista, o fator de “dois lados”, “pró e contra” são pontos presentes nessa construção identitária do jornal. O terceiro, por fim, trata da publicidade, cujos novos formatos são pela *Folha* considerados legítimos. Essa legitimação também se orienta pelo caráter atualizado do jornal, ao se abrir ao “novo”, nesse caso aos conteúdos patrocinados. Define, entretanto, que não se trata de conteúdo jornalístico, pregando pela clareza de distinção entre publicidade e jornalismo.

A *Folha* se coloca como liberal na economia, na política e nos costumes. “Liberal”, então, é um valor constitutivo do pensamento e identidade do jornal. Na sequência, caracteriza o jornalismo que procura praticar: “crítico”, “apartidário” e “pluralista”. Os quatro valores apresentados de modo nominal e direto funcionam na base do jornal, em sua dinâmica jornalística. Na mesma direção, focaliza a “dimensão analítica, interpretativa e opinativa” na iluminação dos fatos. O jornal, ainda, inicia a consciência de autocrítica que se desenvolve nos princípios.

Esse preâmbulo introduz muitas questões de identidade do jornal, antes mesmo de apresentar os princípios. Os valores, o posicionamento em problemáticas mencionadas e as autorreferências são partes desse percurso identitário em análise. Destacamos as distintas formas de colocar o jornalismo em oposição à falsidade/não-verdade, além das demarcações “criteriosa”, “analítica”, “atenada”, “atualizada” e sobretudo “liberal”. Nos princípios a seguir o jornal detalha ponto a ponto as bases e as diretrizes jornalísticas.

No parágrafo introdutório, a *Folha* apresenta que a difusão de “informações” e de “opiniões” “estimula o exercício da cidadania” e “contribui ao desenvolvimento das ideias e da sociedade”. Nesse percurso, informação e opinião têm atributos importantes para o desenvolvimento social. “Qualificado” e “confiável” são demarcações que determinam o tipo desse estímulo e contribuição. No mesmo modo de atribuições positivas, o jornalismo, agora marcado como informação e opinião, é relevante e benéfico à sociedade. Esta é a base na qual os princípios são apresentados.

Os princípios se organizam de modo vertical, em seriação numérica e estão dispostos de cima para baixo, com verbos no infinitivo, que implica uma condição de existência desses valores e do esquema narrativo. Há um entrelaçamento dos princípios seguindo a ordem numérica: o primeiro mais geral, seguido por uma especificação gradual e maior do fazer/ser/dever da Folha.

Há, nesse sentido, um *continuum* do mais geral e independente aos mais específicos e interdependentes. O primeiro, que diz respeito à veracidade, é seguido de outro que descreve a prática jornalística e assim por diante. O que é dito nos princípios anteriores, como forma de desdobramento, segue uma lógica, portanto, da disposição textual, criando uma interdependência.

Nos princípios, entendemos que há uma exigência de ser e de expô-lo ao público, com um percurso que constrói uma visão de jornal plural e crítico e apartidário. O *slogan* da *Folha* constrói um modo de existência discursiva, em prol de um valor específico, a democracia. A predicação, *a serviço de*, coloca o jornal em condição de existência para esse valor, que justifica e identifica a *Folha*. Em torno desse valor, são tecidos esquemas argumentativos e persuasivos em busca de assinatura, público e engajamento.

No caso do jornal francês, o enunciado selecionado é *Le Monde, un média généraliste et indépendant*<sup>34</sup>/ *Le Monde, uma mídia generalista e independente*. Presente na rubrica *Le Monde & Vous / Le Monde & Você(s)* e na seção *Notre identité / Nossa identidade*, o enunciado detalha quem é o jornal, como trabalha e funciona sua disposição jornalística. Assim, apreendemos um fragmento identitário desse grande jornal.

No título, o apostrofo traz uma definição do jornal: mídia generalista e independente. De imediato, *Le Monde* mobiliza dois valores de base em sua apresentação e definição. Na sequência, explana melhor como tais valores se desdobram na atuação: o primeiro diz respeito à garantia aos leitores de informação “de qualidade, precisa, verificada e

<sup>34</sup> Disponível em: [« Le Monde », un média généraliste et indépendant](#). Acesso em: 17. Out. 2022.

equilibrada”; o segundo, à constituição de um princípio (com destaque a *jalousement / preciosamente*, que determina o modo precioso e a relação que o jornal mantém com o valor) defendido por 500 jornalistas da redação.

Os dois valores citados até o momento implicam em demais designações ao jornal. O caráter das informações produzidas pelo jornal também recai sobre ele enquanto veículo comunicacional. Desse modo, “de qualidade, precisa, verificada e equilibrada” são atribuições indiretas que o jornal recebe de si. Independência, em nossa compreensão, é o cerne, devido ao percurso histórico do jornal, apresentado ao longo do enunciado. A descrição do jornal também atribui fatores de apreço a esse valor: *jalousement e défendu / preciosamente defendido*. Em conjunto, mostram ao público como *Le Monde* preconiza a independência. No primeiro termo, a intimidade e a proximidade; no segundo, a quantidade para expor um prol comum entre os jornalistas.

O jornal faz uma apresentação de si, colocando-se como *média français d’information générale/mídia francesa de informação geral*, que veicula atualidades diversas, nacional e internacionalmente. Com detalhes ao modo de atuação, *Le Monde* expõe uma consequência do valor *généraliste*, a equipe com 500 jornalistas (número que retorna como fator de argumento) presentes em todos os continentes. Com isso, forma-se uma cobertura caracterizada como exaustiva em vários suportes de atuação, impresso ou na *internet* e nas redes sociais.

A postura inicial do *Le Monde* traz consigo um leque de características imbricadas nos valores citados. O perfil das informações e o modo de organização são exemplos dessa verticalidade identitária. Há uma demarcação positiva da amplitude do jornal, preveniente da explanação de que há uma cobertura feita por jornalistas mundialmente dispostos, tratando de temas diversos. Tanto a preocupação com atualidades mundiais, quanto a presença de jornalistas (argumento usado antes no valor da independência, agora no de generalista) ao redor do mundo constituem essa demarcação.

*Le Monde* cita o momento de sua própria fundação, em 1944, pelas mãos de Hubert Beuve-Méry. O teor histórico se mantém quando o jornal afirma ser referência e ocupar um espaço singular, desde a criação, no cenário midiático da França. Baseia-se em sua Carta de ética e de ontologia/conduta para expor novamente o perfil das informações preconizadas. Esse movimento de recuperar a fundação objetiva mostrar e evidenciar ao público uma tradicionalidade e relevância do jornal, cultivadas desde o seu nascimento. Do mesmo modo, ao reiterar o perfil das informações que produz busca a



confiabilidade, argumentada também quando diz que os temas diversos passam pelo crivo da redação generalista e especializada, em parceria com a rede de correspondentes. Na sequência, apresenta que a linha editorial é pautada por expertise, investigação e pedagogia, também valores que constituem a identidade jornalística do *Le Monde*.

Até o momento, o jornal busca o reconhecimento como veículo de comunicação amplo e diversificado. As características que expõe vão na direção de moldar a imagem de atento mundialmente ao fenômeno da notícia, processo que passa por um aval da grande redação. *Généralista / generalista* e *indépendant/ independente* são os valores de base nos quais perpassam as demais demarcações construídas.

*Le Monde*, entrando no debate social, expõe que defende valores humanistas e progressistas. Defende a democracia contra as todas as formas de autoritarismo. Com esse posicionamento, o jornal esboça uma preocupação social em que pese o valor de jornalismo que preconiza. Demais questões sociais, como direitos humanos, pluralismo de ideias e respeito ao meio-ambiente são citadas na construção dessa imagem de causa social. Também declara que não possui ligações com partidos políticos. Ao final, coloca-se como importante na formação de opinião, como respaldo que o leitor encontra para refletir.

A atribuição “jornalística” à identidade permite pensar essa construção de modo dinâmico e em consonância à produção, circulação e recepção do jornal e suas diversas atuações. A partir dos valores reincidentes e principais, a identidade jornalística é constituída e tecida ao longo da vivência discursiva dos jornais, a partir da alteridade e do processo tenso entre o lugar singular e as dinâmicas sociais.

Findo este Projeto, esperamos que o Público nos confie a credibilidade crítica atribuída somente a organizações bem estabelecidas e respeitadas. Nesse percurso, objetivamos demonstrar como realizamos nosso minucioso trabalho editorial de investigação do sentido em jornais de grande circulação e expomos nossos princípios de ofício. O diálogo, como base filosófica, orienta-nos a estabelecer critérios firmes de apuração de materiais, todavia nos possibilita também a liberdade de manejo e de realização do estudo científico. Abrimos ao Público uma janela ampla, raramente vista em demais companhias editoriais, pela qual estão habilitadas vozes diversas a nos criticar, tecer apontamentos, relatar erros e acertos no terreno complexo da linguagem.

### 3. COLUNAS E DEBATES<sup>35</sup>

Nesta seção, o Público encontra a opinião de nossos articulistas sobre temas e tendências do momento. Os artigos em destaque são: *Por que não devemos ignorar o absurdo?*, em que se discute, com uma visão relacional e histórica, o peso da fala de Bolsonaro na votação pelo *impeachment* de Dilma Rousseff. Já o artigo *Não à ideologia* introduz um olhar discursivo do Círculo de Bakhtin na esteira da discussão sobre o campo ideológico, com destaque ao papel da linguagem nesse processo. A seção *Um só tempo, um só espaço* relaciona um conceito literário, com raízes nas ciências matemáticas, ao campo político contemporâneo, destacando a interdisciplinaridade teórica do conceito de cronotopo.

#### 3.1 Por que não devemos ignorar o absurdo?<sup>36</sup>

Porque normaliza a barbárie em um país cuja história é escrita com sangue de genocídio; dá espaço a vozes totalitárias que uniformizam a diversidade; corrói o sistema democrático historicamente fragilizado; perpetua as bases violentas do racismo e da desigualdade de gênero; condiciona um estado de ódio e de empobrecimento social; prega o extermínio da diferença; relativiza valores básicos de humanidades e sociedades.

O absurdo em questão a que me refiro é um conjunto de falas de Jair Bolsonaro<sup>37</sup>, à época, deputado federal pelo Rio de Janeiro, proferidas na votação na Câmara pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016. Repercutida ora com apoio estrondoso, ora com repúdio chocante, a manifestação de Bolsonaro remeteu à tortura (menção a Carlos Alberto Ustra), exaltou Eduardo Cunha, pregou valores como Deus e liberdade, e ainda se

---

<sup>35</sup> Este é o capítulo de fundamentação teórica. Os conceitos discutidos são: enunciado (princípio de resposta, contextualização, historicidade e diálogo); ideologia (determinação social da estrutura enunciativa); e cronotopo (contexto do ato de linguagem e sua indissociável separação do tempo-espaço na cultura). Para discutir tais conceitos, a escrita está próxima àquela feita em artigos de opinião e em colunas. Há, portanto, uma linguagem jornalística mesclada à científica. As referências são feitas por nota de rodapé, em vez de citações diretas. Os textos de fundamentação vivem a fronteira, entre a necessidade teórica de tratar decentemente um conceito filosófico e o debate opinativo e formativo realizado em colunas de jornal. Nos três textos de fundamentação, construí referências distintas e alterei em partes o estilo da escrita, a fim de simular a diferença autoral dos “artigos teóricos de opinião”.

<sup>36</sup> O propósito neste subitem é tratar da noção bakhtiniana de enunciado. Para tanto, uso como mote a fala de Bolsonaro na votação pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016. Debato, mobilizando o conceito, como o discurso de Bolsonaro se orienta em uma série de repostas ao longo da história, compondo relações dialógicas. Defendo a tese de que é preciso combater falas absurdas, como a de Bolsonaro, que desenvolve e fomenta um fio de respostas preconceituosas e intolerantes. Nesse combate, o princípio responsivo do enunciado é fundamental porque dimensiona as teias produtivas de certa seriação no diálogo.

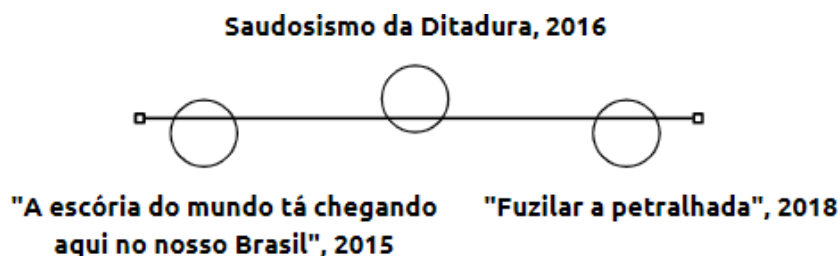
<sup>37</sup> Disponível em: [Bolsonaro cita Ustra no voto pelo impeachment de Dilma Rousseff - YouTube](#). Acesso em: 12. Jul. 2022.

opôs ao PT e ao comunismo. Não apenas essa, mas um grande número de falas públicas e demais posicionamentos constituem um conjunto de absurdo de Bolsonaro ao longo dos anos.

Os pensadores do Círculo de Bakhtin compreendem que a comunicação ocorre por meio de atos de linguagem, que possuem uma estrutura de relações sociais, como na expressão de Volóchinov (2017, p. 177, destaques do autor): “[...] *para um falante, a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível.*” A língua, puramente estrutura imutável, não é capaz de produzir sentido, portanto. A ideia do Círculo, sintetizada na citação de Volóchinov, é pensar que a língua é mutável e participa socialmente da produção de sentidos na interação.

De modo mais palpável, são exemplos as falas em questão, bem como filmes, séries, canções, peças publicitárias, *podcast* e afins. Todos são enunciados, atos de linguagem, que apresentam uma lógica particular e são produzidos e compreendidos com uma dada finalidade por sujeitos concretos e reais na vida social. E esses enunciados, unidades de sentido, não estão isolados, já que os discursos estão historicamente relacionados, princípio chamado de diálogo no pensamento do Círculo. Logo, as falas de Bolsonaro que destaco são enunciados situados na história e exemplos possíveis dessa relação dialógica entre enunciados. Cronologicamente, centralizo três asserções (de 2015, 2016 e 2018) de Bolsonaro, que dão dimensão temporal da escalada:

**Figura 3 - Linha temporal**



Fonte : Autoria própria

Cada fala nessa pequena linha temporal tem um contexto específico de criação<sup>38</sup>, pois o enunciado é sempre situado sócio-historicamente. Assim, cada fala está direcionada a alguém (usuários de *internet*, outros políticos, filiados partidários, etc) e é compartilhada de variadas formas, circulando em mídias e esferas diversificadas. Todo o movimento de produção, circulação e recepção discursiva abarca um processo de resposta, que confere às declarações de Bolsonaro novos sentidos, porque há sempre novas reações a tais discursos. Na ideia de Bakhtin (2011, p. 298, destaque do autor), “A expressão do enunciado, em maior ou menor grau, *responde*, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado.” Os marcos nessa linha, sempre interligados, são também fragmentos da ampla série que demarca a atuação política hostil de Bolsonaro. Ter essa perspectiva dialógica dos acontecimentos possibilita compreender como se relacionam os dizeres desse sujeito, quais os valores defendidos e as narrativas por ele desenvolvidas.

Mas por que são absurdos? Pois o que baseia, em 2015, a fala de Bolsonaro é uma ideia preconceituosa e higienista, que despreza populações estrangeiras em nome de um projeto obsoleto de nação. Em 2016, porque faz homenagem a um torturador e dita à sociedade um único e excludente valor de família, liberdade e religião. Em 2018, devido ao discurso de ódio, prega o “fuzilamento” da diferença e incentiva uma lógica de intolerância. A linha do tempo vista possibilita compreender parte do percurso histórico dos absurdos de Bolsonaro.

Os pensadores do Círculo argumentam que as produções de linguagem são feitas em um contexto específico, por sujeitos concretos. Como aponta Medviédev (2012, p.183-184), “O enunciado já não é um corpo nem um processo físico, mas um acontecimento da história, mesmo que seja infinitamente pequeno. Sua peculiaridade é a peculiaridade de uma realização histórica em determinada época e com determinadas condições sociais.” Os enunciados, em suas variadas e complexas formas, são respostas entre si ao longo da história. Quanto, então, ao discurso de Bolsonaro de 2016, ele caracteriza-se como um elo responsivo a outros discursos, pois recupera momentos tensos do passado da política brasileira, projetando-os ao futuro. Ainda que meu foco seja a manifestação no processo

---

<sup>38</sup> 2015 – Disponível em: [Setembro de 2015: Bolsonaro chama refugiados de "escória do mundo" | Exame](#). Acesso em: 12. Jul. 2022;

2016 – Disponível em: [Bolsonaro cita Ustra no voto pelo impeachment de Dilma Rousseff - YouTube](#). Acesso em: 12. Jul. 2022;

2018 – Disponível em: [No Acre, Bolsonaro fala em 'fuzilar a petralhada' e enviá-los à Venezuela - 1º.set.2018 - YouTube](#). Acesso em: 12. Jul. 2022.

de *impeachment*, a pequena linha do tempo demonstra como esse processo é feito e ainda centraliza características e valores comuns, como a intolerância entre os enunciados.

As falas de Bolsonaro, como as que me servem de exemplo, estão situadas em um contexto específico (determinadas por onde e por que foram ditas, quem estava presente, quando etc). Por tal motivo, tornam-se irrepetíveis diante desses fatores. Porém, estão em relação contínua e dialógicas entre si (falas de Bolsonaro) na comunicação social em geral (imprensa, televisão, conversas do cotidiano etc). A natureza das relações é diversificada, pois a compreensão dos grupos sociais ocorre de modo singular. Não se trata, logo, de meras falas em tons grosseiros, mas sim da materialização de uma visão de mundo arcaica e preconceituosa. Dizer, não apenas por palavras, significa se posicionar.

Proferidas por Bolsonaro, as falas são únicas em comparação às demais manifestações. O voto de Eduardo Cunha<sup>39</sup>, também na votação do *impeachment*, cita Deus, mas de modo diferente de Bolsonaro, porque parte de um outro sujeito social, ainda que situados no mesmo contexto de produção. Também porque está em relação com outras referências não citadas por Cunha. Historicamente situado, o voto de Bolsonaro se insere na teia de respostas, a qual é centro inconcluso de valor.

O enunciado expressa uma visão de mundo do sujeito, já que, segundo Medviédev (2012, p. 187), “[...] a língua é criada, formulada e se desenvolve ininterruptamente nos limites de determinado horizonte de valores. Por isso, grupos sociais profundamente diferentes não podem dispor de um único e mesmo arsenal linguístico.” Bolsonaro em 2019 utiliza “glória para o povo brasileiro” para conceber o dia da votação e “terror de Dilma Rousseff” para designar Ustra. Muito além de termos e expressões aleatórias, a construção da fala é determinada pela visão de mundo de Bolsonaro diante de tal evento político. Trata-se da estrutura social dos atos de linguagem, pois há sempre relações de sentido só compreendidas no contato social. A linguagem (verbal, visual e sonora)<sup>40</sup> dispõe de recursos, os quais ganham vida na comunicação pelo uso social. Isso ocorre porque o sujeito se insere no movimento tenso sobre os valores debatidos e se posiciona com seu ponto de vista, com base nas construções da linguagem.

Os termos de caracterização e os valores defendidos por Bolsonaro nas falas expressam a visão de mundo por ele defendida e pelos grupos que representa. Em meio à

---

<sup>39</sup> Disponível em: [Voto de Eduardo Cunha \(PMDB-RJ\) na sessão do impeachment - YouTube](#). Acesso em: 07. Out. 2022.

<sup>40</sup> Menção direta ao que desenvolvem Luciane de Paula e José Antonio Rodrigues Luciano (PAULA; LUCIANO, 2020a, 2020b, 2020c), quando tratam da concepção de linguagem do Círculo como tridimensional.

votação, o posicionamento favorável ao *impeachment* está repleto de relações significativas, das quais é possível compreender o valor que Bolsonaro atribui ao contexto político e aos sujeitos envolvidos. Além de expressar concordância com o *impeachment*, o posicionamento de Bolsonaro expõe sua relação com Dilma Rousseff, com Eduardo Cunha, com os demais políticos, com o PT e afins. As palavras que compõem os discursos de Bolsonaro são, portanto, em nível particular do discurso, expressões de valor diante da situação política.

Justamente por não ser fala vã, adquire sentidos no processo relacional de compreensão. Cada sujeito responde e assim ocorre um encontro de visões de mundo, como neste caso, minha escrita de crítica também constitui uma resposta. Mas não necessariamente de modo imediato e verbal. O silêncio, a vaia, o aplauso, o grito são formas de linguagem possíveis que expressam posição e são, pois, respostas. As falas de Bolsonaro funcionam, dessa maneira, como encontro de passado e de futuro.

Esse breve extrato (o discurso em 2016) formaliza, junto a outras falas, atos discursivos que caracteriza a “figura” Bolsonaro, pois constroem uma imagem identitária desse sujeito e essa série lhe impacta a leitura: para alguns, um político salvador, um “Messias” que se sacrifica pelo país; para outros, uma voz aglutinadora de valores da extrema direita. E não é um processo direto e estático. De modo complexo, tal processo é multidirecional, pois tanto recupera discursos do passado quanto demanda respostas futuras, que envolvem sujeitos, tempo-espacos e valorações nesse diálogo. Tal processo demonstra o aspecto ideológico do enunciado, concebido de modo distinto pelos grupos sociais. No caso do enunciado ilustrativo, Dilma Rousseff, lembrada por sua vivência na Ditadura como inimiga e Eduardo Cunha, ovacionado pela condução do *impeachment*. As menções e as referências presentes na fala de Bolsonaro representam sua posição ideológica e uma interpretação de mundo que responde a outras, tanto semelhantes quanto contrárias a ela.

As falas são produzidas e recebidas em dado cenário. No caso específico, estão direcionadas aos/às deputados/as, à Dilma Rousseff, à população favorável ao processo e afins. O direcionamento do enunciado é sempre complexo e dinâmico, de tal modo que não é imóvel no contexto específico. Não foi apenas um “sim” ao *impeachment*, mas uma resposta valorativa de Bolsonaro à situação político-social mais ampla do país à época. Desse modo, a votação se torna um dia histórico também por ser cenário produtivo de uma grande teia de relações de respostas. Aqui inseridas, as falas de Bolsonaro se relacionam,

decretando uma posição, com vastas manifestações, favoráveis ou não.

Em 2016, Bolsonaro fundamentava mais um episódio dessa longa seriação de respostas (e absurdos). Não foi o primeiro, nem o último ponto. Mas se destaca porque expõe, em um momento político crucial, a lógica e a face de um político e sua estratégia valorativa. Intensificava-se, com essa declaração de 2016, no espaço-tempo em que foi proferida, essa escalada negativa de respostas, que constituem a imagem pública do político Bolsonaro. De 2018 em diante, da campanha eleitoral presidencial à vitória nas urnas, diversos outros pronunciamentos desse mesmo tom foram proferidos (e tolerados).

A vitória de Bolsonaro e seu estilo de fazer política demandam respostas, nem sempre imediatas (pelas variadas mídias, elite empresarial, classe artística, profissionais da educação, da saúde, cientistas e outros participantes ativos nesse grande processo histórico-discursivo de respostas). Seja a configuração de apoio, seja a rejeição à política bolsonarista, uma rede reativa é tecida constantemente em resposta.

O princípio do diálogo pensado pelo Círculo de Bakhtin demonstra como o discurso e as ideias se formam ao longo do tempo no interior da cultura por meio da atividade linguageira de sujeitos e grupos sociais. Como movimento interativo, a linguagem possibilita compreender as localidades tensas, as referências e as polêmicas valorativas das falas, como fragmentos de construção histórica viva. Antes, em e depois de 2016, a série de polêmicas abertas e veladas instituídas pelo discurso bolsonarista se intensifica, amargamente tolerada. E essa é uma lição, porque não devemos ignorar o absurdo.

### 3.2 Não à Ideologia<sup>41</sup>

Há bastante tempo, vejo em redes sociais, na TV, em jornais, nos discursos políticos e científicos um debate sobre ideologia, por vezes, confuso e curioso. Confuso porque mescla erroneamente concepções e resulta em um “dizer maldito”, de tom pejorativo. Curioso também devido à negação de algo sobre o qual nada ou pouco se sabe. Mas por que esse assunto é interessante e importante no cotidiano brasileiro? Para sair de um local cômodo de leitura do mundo, tão cheio de informações, disputas e conflitos, com

---

<sup>41</sup> No título, utilizo a estratégia do *clickbait*, mecanismo de comunicação cujo objetivo é engajar o público por meio de títulos, manchetes e descrições sensacionalistas. Não nego a ideologia e entendo que não há como fazê-lo, devido ao modo como o Círculo de Bakhtin a compreende. O propósito neste subitem é tratar da noção de ideologia tecida na estrutura enunciativa. No desenvolvimento do texto, defendo a tese de que a ideologia constitui a língua/linguagem, exemplificando por meio de breves recortes de anúncios construídos a exemplo sobre as eleições de 2018.

uma noção mais profunda dos processos sociais, diante dos quais se posicionar concretamente.

Por meio de leituras marxistas<sup>42</sup>, o Círculo de Bakhtin, grupo de pensadores russos do século XX composto principalmente por Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, trabalha com um conceito de ideologia atrelado à língua. Concebem que o uso linguístico expressa uma posição ideológica do sujeito nos contextos específicos de comunicação. Não só a língua, mas também outras materialidades (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94; PAULA E LUCIANO 2020a; 2020b; 2020c), como as dimensões visual e vocal, também expressam esse posicionamento ideológico em uma unidade de sentido organizada socialmente, o enunciado. Por consequência, em interação social, o sujeito está em contato com um mundo de valores materializado nas linguagens. O entendimento radical do Círculo é que a ideologia só pode ser compreendida e estudada a partir das materialidades em situação de comunicação. Na sequência, adentro rapidamente o pensamento dos três principais autores do Círculo para detalhar o que pensam sobre a questão, como coro pensante (MEDVIÉDEV, MEDVIÉDEVA, 2014).

Volóchinov (2013; 2017) é autor de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2019), cuja parte inicial é dedicada ao problema do tratamento da ideologia. Crítico de tendências da psicologia e da linguística à época, Volóchinov entende que produtos ideológicos refletem e refratam a realidade, de modo que não estabelecem uma relação direta e literal na construção do real, mas sim com inversões, desvios e imprecisões. A grande diferença que o autor propõe é situar a ideologia no signo, materialmente significativo, seja no som, seja nas cores, seja na palavra. Para o autor (2017, p. 93, destaque do autor): “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sígnica.*” A discussão se baseia, portanto, no quesito da representação, pois o signo representa a vida social a partir de uma gama de valores.

---

<sup>42</sup> Entendo que o Círculo faz leituras de Marx de modos distintos. Ainda que Bakhtin não faça uso de termos e referências diretas, há um debate marxista nas ideias, em principal nas proposições de valor do enunciado e do movimento dialógico da linguagem, como pensam Luciane de Paula, Marina Figueiredo e Sandra de Paula (2011). Volóchinov e Medviédev, porém, constroem relações diretas com o marxismo, inclusive propondo ideias e soluções teóricas à época (FARACO, 2009). Tratar de ideologia recupera, na memória, os escritos de Karl Marx, a quem comumente é associado o conceito. O crítico do capital compôs uma linha de raciocínio em que ideologia opera universalizando uma particularidade, por um processo de naturalização, com o intuito de manter a hegemonia de dada classe (dominante). Por isso, também estão em jogo a alienação e a falsa consciência imbricadas com a questão da força de trabalho e sua mais-valia, num processo de embate de juízos de valor que se concretiza, no mundo capital, segundo o filósofo alemão, pela economia. (MARX; ENGELS, 1998).



A consciência do sujeito só é assim construída mediante a formação tensa e complexa a partir dos signos ideológicos e suas implicações. Mas esse processo somente ocorre em situações de comunicação social e, por esse motivo, por estar inserido em contextos sociais, é ininterrupto. Para Volóchinov (2017, p. 95): “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social.” O sujeito se constitui a todo momento em contato com um universo de valores: a ideologia está na consciência que é materializada nas formas da linguagem, por meio também de um processo ativo e tenso.

Com essa postura, Volóchinov entende que o signo é, sobretudo, ideológico e está inserido na dinâmica social dos conflitos de classe. O uso da linguagem é ideológico, pois é feito por sujeitos, pertencentes a classes sociais e inseridos em lutas dos sistemas de dominação, como o patriarcado e o racismo<sup>43</sup>. Todo esse sistema de constituição passa pelo lugar único que cada sujeito ocupa na vida social. Também não há uma relação direta ou determinista aqui, isto é, a ideia de que um sujeito pertencente a grupo X expressará eternamente X valores. O olhar de Volóchinov para essa tensão social é complexo e contempla as contradições na constituição social do sujeito.

Já Bakhtin, no ensaio *Os gêneros do discurso*, diferencia as noções de oração e enunciado por alguns fatores, entre os quais a ligação social é essencial e consequente. Centrado na materialidade verbal, Bakhtin pontua que o enunciado, diferente da oração, tem uma relação constitutiva com o contexto em que foi produzido, a partir da interação social com sujeitos concretos. Nesse cenário, os enunciados recebem o tom ideológico dos sujeitos que os produziram. A estrutura enunciativa está condicionada, portanto, à situacionalidade do sujeito no contexto social: “[...] – as palavras e as orações – carecem de expressão pela própria natureza, são neutras. Por isso servem igualmente bem a

---

<sup>43</sup> Para esse desenvolvimento, inicialmente, menciono Karl Marx e Friedrich Engels, em *A ideologia alemã*: “Foi então que surgiu pela primeira vez a divisão da população em duas grandes classes, divisão essa que repousa diretamente sobre a divisão do trabalho e os instrumentos de produção.” (1998, p. 55). Nesse momento da obra, Marx e Engels mencionam o contexto da divisão entre cidade e campo. Trata-se de um cenário distinto do que vive o Brasil em 2022, mas ainda penso que classe, como também pontua Volóchinov, seja uma chave de interpretação de questões sociais contemporâneas. Mas não a única. No trabalho de doutoramento, Ana Carolina Siani analisa a saga *Harry Potter* a partir do nó raça-gênero-classe, pautando-se, entre outros, em Angela Davis (2016) e Heleieth Saffioti (2004). No percurso, Siani analisa a narrativa com foco em tais clivagens e como se materializam produzindo identidades e diferenças no mundo mágico. Este é um exemplo de que a raça, gênero e classe estão imbricados nos conflitos sociais. Penso que é produtivo pautar essa reflexão junto ao que desenvolve Volóchinov sobre conflito de classe, uma vez que se amplia a lente de compreensão das relações e das tensões dialógicas, e suas materializações na linguagem.

quaisquer juízos de valor, os mais diversos e contraditórios, a quaisquer posições valorativas.” (BAKHTIN, 2011, p. 296). O tom ideológico, como pensa Bakhtin, dá vida e movimento aos enunciados, pois se relacionam uns com os outros ao longo da história. As palavras no sistema abstrato da língua não possuem essa expressividade ideológica, somente adquirida no intercâmbio comunicacional. Portanto, nesse pensamento, a relação com o cenário social e a interação entre sujeitos são requisitos para a formação dos fenômenos ideológicos.

Medviédev (2012) propõe, mais ligado à literatura, um estudo/método que compreenda questões dos diversos campos da criação ideológica. Fazendo, como Volóchinov, um debate direto com o marxismo, Medviédev também parte da ideia de que os enunciados só têm sentido quando situados em contexto de comunicação. Na ideia do autor (2012, p. 186), “Ao escolher as palavras, suas combinações concretas, sua localização na composição, o poeta escolhe, compara, combina justamente as avaliações nelas contidas.” A avaliação social também constitui o enunciado internamente, atribuindo-lhes os sentidos singulares em aberto à dinâmica social. O autor ainda argumenta que a ideologia não é abstrata, mas sim materializada na língua, pela qual os sujeitos estão em interação. Nessa direção, o autor aborda a literatura como criação ideológica fundamental na construção da vida social, em virtude da peculiaridade empreendida no fazer artístico-literário.

Assim como Volóchinov, Medviédev argumenta que a consciência se forma na interação, que é ideológica: “O meio ideológico é o meio da consciência. Somente por meio dele e com seu auxílio a consciência humana abre caminho para o conhecimento e para o domínio da existência socioeconômica e natural.” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 56). Assim, o autor destaca a relação entre sujeitos para construção dos valores na vida social, por considerar concreta tal constituição da consciência.

Para não me deter nos escritos teóricos, posso explicá-los com alguns exemplos: as eleições presidenciais de 2018. Como é possível abordar um momento tão conturbado da política? De maneiras diferentes e cada uma terá um sentido específico. Mudando a estrutura dos enunciados, o sentido se altera, para atingir determinados fins, todos ideológicos. O impacto vai além de uma simples mudança de termo e está na narrativa que cada enunciado constrói. Acompanhe, gentilmente:

- 1) *Bolsonaro ganha as eleições de 2018*
- 2) *Haddad perde as eleições de 2018*

No primeiro caso (1), *Bolsonaro* é o sujeito enunciativo e *eleições*, o objeto-valor “ganho”. Ocorre uma ocultação de quem perdeu/não-ganhou as eleições e, por isso, o foco é a vitória de Bolsonaro. No segundo (2), a estrutura se inverte e o foco é a derrota de *Haddad*, enfatizada pela ocultação de quem é o ganhador/vencedor das eleições. Em cada asserção, a narrativa é distinta porque o ator e o modalizador verbal mudam. Ainda que a estrutura sintática das duas afirmações seja idêntica gramaticalmente, há uma alteração de sentido, marcada pelos verbos distintos e pela troca dos atores discursivos. Assim, esses enunciados podem caracterizar duas maneiras de sintetizar o anúncio eleitoral, cada qual de modo particular, visto que focam em pontos de narrativas diferentes.

### 3) *Bolsonaro triunfa sobre PT nas eleições de 2018*

Nesse caso (3), a troca de *Haddad* por *PT* e de *ganhar* por *triunfar* altera profundamente o sentido. Não é mais o sujeito Fernando Haddad que perde, mas sim o partido político, contra Bolsonaro (o sujeito, e não o seu partido). Embora *PT* e *Haddad* partilhem determinados sentidos, como “esquerda/progressista”, a mudança traz as cargas históricas em torno do partido, que são distintas das presentes em *Haddad*. A palavra *PT*, que se torna signo na interação, traz, portanto, referências como as disputas políticas desde o nascimento, as rivalidades e aproximações com demais partidos, as associações nas mídias e afins, ausentes na palavra *Haddad*. Com essa mudança, o adversário derrotado de Bolsonaro agora é o partido político e tudo aquilo que ele representa.

Mudança importante também é o verbo *triunfar*, distinto de *ganhar* porque sinonímias não são idênticas semanticamente, por isso a troca lexical revela uma valoração/ideologia diferente, de uma ação mais passiva (ganhar) a uma ativa gloriosa (triunfar). No caso, *triunfar* possui um traço que remete a glória ou ato grandioso. Assim, a vitória de *Bolsonaro* sobre o *PT* é algo brilhante e ganha um tom específico contra o adversário político, colocado de maneira coletiva e, portanto, aparentemente, mais expressivo porque não personificado. As *eleições*, agora, são o cenário da vitória, não mais o objeto-valor, como nos primeiros exemplos. Além disso, há uma gradação entre *Bolsonaro* e *PT*, uma vez que não se encontram no mesmo nível, mas um superior/acima (sobre) do outro, inferior (perdedor, diminuído). Um último caso também mostra a força

da singularidade de cada estrutura enunciativa:

#### 4) *Extrema direita avança no Brasil com as eleições de 2018*

Como no caso anterior, de *Haddad* para *PT*, aqui a mudança de *Bolsonaro* para *extrema direita* também parte de uma especificidade para um caso geral. *Extrema direita*, substitui ideologicamente *Bolsonaro* porque partilham alguns sentidos, como o “radicalismo”. Entretanto, *extrema direita* mantém, enquanto movimento/fenômeno, outras relações no contexto brasileiro. Diferente de “político conservador” em *Bolsonaro*, *extrema direita* se enquadra em acontecimentos globais da política, como a ascensão de tendências extremistas no globo. Desse modo, há outra gama de referências complexas em questão, nas quais *Bolsonaro* está inserido por representar esse movimento.

A mudança verbal, de *ganhar/perder, triunfar* para *avançar*, demarca também uma narrativa do crescimento extremista no *Brasil*. Ainda, coloca em cena já uma existência prévia de *extrema direita* que ganha força. *Eleições* agora é o propulsor do avanço, não mais o objeto-valor. *Brasil*, por sua vez, se torna o cenário onde ocorre tal avanço. O sentido do verbo, assim, também altera o sentido geral e atribui outros aos demais termos da construção, criando essa estrutura enunciativa que é ideológica.

Diante das possibilidades paradigmáticas, a seleção sintagmática do sujeito, mais que estruturar um tópico frasal, revela valorações/ideologias sócio-histórico-culturais. O Círculo propõe de modo geral analisar esse movimento e essa faísca sociais presentes na ordem da língua, do sistema abstrato ao fenômeno discursivo, como exercício metodológico-interpretativo de sua filosofia da linguagem. Nesse percurso, em que o sujeito se posiciona, há sempre uma busca de possibilidades entre as quais há aquela (tese 1) que mais se adequa, que mais está em conformidade ao modo como o sujeito compreende, valora e se posiciona no mundo, em resposta a outras (antíteses 1, 2, 3 etc, que, ao assumirem os atos de fala discursivos, tornam-se tese 2, 3 etc, num jogo sem conclusão).

Comentei brevemente os exemplos criados para discutir a ideologia na comunicação. Entretanto, o fenômeno ideológico da linguagem é mais complexo. Faltaria detalhar como a entonação, o modo como o sujeito diz, também afeta o sentido. Do mesmo modo, é imprescindível destacar o local em que tais enunciados são veiculados, se na imprensa de causa operária ou de um conglomerado comunicacional. Outro ponto

importante é a função da linguagem visual, como as cores, formas e tipologias dos textos, que também fundamentam o sentido nos enunciados. Assim, mencionei apenas uma questão presente nesse imbróglcio do fenômeno ideológico, para discutir a presença inevitável da ideologia na comunicação, em seus diversos níveis e configurações.

Pense, agora, nesse processo em grande escala, acontecendo a todo momento, em cada gesto de linguagem. Incrível, não? As formas, as opções, os mecanismos e as escolhas são determinadas pelos atos discursivos dos sujeitos, que, por estarem inseridos em um grupo social, num tempo e num espaço, expressam valores compartilhados, em resposta, a partir de seu lugar único no mundo.

As eleições ocorrem, as sondagens de votos são feitas, as campanhas são tramadas. Em todo esse percurso, os discursos com os quais interagimos passam pelos juízos de valor, e jornalistas, comunicadores, analistas, sempre opinam, embora, às vezes, isso seja pouco explícito. Mas não haja engano: a imprensa não detém o privilégio da ideologia. E o que isso importa? Simplesmente nada que circula, nem mesmo as correntes “verídicas” do *WhatsApp*, é pura e crua realidade. Tudo aquilo que expressamos ou recebemos está repleto de outras vontades e, inevitavelmente, de valores. E por incrível que pareça ou por mais que se negue, a vida é ideológica.

### **3.3 Um só tempo, um só espaço<sup>44</sup>**

O Círculo foi um grupo de intelectuais de distintas naturezas, como apontam Glória Di Fanti, Luciane de Paula e Luciano Ponzio (2021). Uma organização, de fato, interdisciplinar. E para debatê-la, o conceito de cronotopo é exemplar, pois está baseado, em partes, em preceitos das ciências matemáticas, como diz Bakhtin (1988, p. 211): “Esse termo [cronotopo] foi empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade de (Einstein).” Meu intuito, pois, é discutir, indo além do debate literário em Bakhtin, o cronotopo na análise de editoriais.

Bakhtin, ao falar de literatura, também trabalha com a interpretação e o valor do espaço-tempo e chega ao conceito de cronotopo, que interliga tempo e espaço como expressão de relações sociais específicas. Nessa imbricação, espaço e tempo estão ligados

---

<sup>44</sup> O propósito neste subitem é discutir o conceito de cronotopo (contexto do ato de linguagem e sua irredutível relação com o espaço-tempo social na cultura). Para explicar sobre o conceito, faço remissão a Bakhtin (2018), em que o autor apresenta a ideia de cronotopo. Menciono ainda características da obra de Bakhtin sobre Rabelais, para em seguida discutir a afirmação de que cronotopo tem uma base interdisciplinar. Como mote e referência de discussão, destaco o campo político no qual editoriais da imprensa são produzidos.

de tal modo que há formas singulares de comportamento social, de linguagem e de concepção de mundo. Na visão de Bakhtin, o cronotopo é uma espécie de metáfora sobre a inseparabilidade entre o espaço e o tempo e que se desenvolve como quarta dimensão espacial.

Sobre a obra de Rabelais, Bakhtin (2018, p. 122) diz que há um processo de ruptura e de construção de mundo por meio de imagens grotescas pautadas em novos sentidos do corpo. Essa representação da corporeidade humana é o centro, que recebe vários sentidos e revestimentos, como são as séries por Bakhtin citadas, físico-anatômicos, relacionados a bebida e comida, atos sexuais, excrementos e morte. Tais imagens grotescas imprimem uma relação de espaço e tempo peculiar para produzir esse sujeito marcado pelo corpo. Os sentidos do cronotopo em Rabelais são construídos por uma linguagem demarcada pela corporeidade, isto é, as descrições e formulações espaço-temporais estão relacionadas às séries do corpo humano.

A língua tem papel fundamental, pois constitui a visão de mundo cronotópica. Não é apenas um campo lexical do corpo em uso, mas uma arquitetura pautada nessas relações de sentido entre palavras. Bakhtin (2018, p. 132) expõe que “Todas as suas combinações de palavras mesmo onde elas parecem completamente desprovidas de qualquer sentido, procuram acima de tudo destruir a hierarquia estabelecida de valores, rebaixar o elevado e elevar o baixo [...]”. Além disso, desenvolve um espectro de valor que interpreta o mundo em sentidos do corpo.

O contexto de nascimento de Pantagruel é um bom exemplo da potencialidade da língua e da corporeidade cronotópica. O episódio é marcado pela seca, em associação ao calor, suor, sal e principalmente sede. Pantagruel, *rei dos sedentos*, nasce nesse cenário em que a sede dominava. O espaço-tempo de nascimento é demarcado pela seca, que é a expressão espaço-temporal do episódio. Os nomes, a sensação e a descrição do espaço-tempo passam pelo crivo do corpo e seus aspectos.

Como Bakhtin parte de considerações de outras áreas fora das humanidades, o desenvolvimento do conceito já abriga essa peculiaridade interdisciplinar. O filósofo concebe cronotopo como uma espécie de metáfora na criação literária e, a partir disso, teoriza, sempre próximo das obras, o conceito e seus desdobramentos na literatura. Por ser uma unidade aberta, ou seja, uma metáfora conceitual que tem aberturas de interpretação, penso que cronotopo pode ir além do discurso literário ou das artes em geral.

Regida com outra lógica, não mais com o viés artístico como na literatura, a política também pode ser compreendida na interpretação de um cronotopo. Meu intuito,

porém, não é fazer um trabalho tal como Bakhtin, ao tratar minuciosamente de Rabelais. O propósito é ampliar leituras, indo de uma obra do século XX sobre literatura a questões contemporâneas na política brasileira. É, na verdade, um desafio. Quero com esse movimento de análise pensar principalmente as relações espaço-temporais na política e as implicações disso, como os juízos de valor.

Se em Rabelais o cronotopo, conforme análise de Bakhtin, é lido na dimensão corporal, isto é, o espaço-tempo é coberto pela sensação corpórea, como é na política brasileira? Primeiro, devo contextualizar melhor a questão. Não mais o campo literário, mas sim o político, movimento que busca alargar a pluralidade do conceito. É possível afirmar um cronotopo político no contexto brasileiro? É necessário ir do geral ao específico, porque a política é ampla.

Pensando em espaço-tempo e política, o Congresso Nacional<sup>45</sup> é a imagem que me cativa de imediato. Localizado na capital federal, é um cronotopo importante no sistema político brasileiro, por concentrar e ser base de relações sociais na democracia. A arquitetura feita por Oscar Niemeyer representa a institucionalidade democrática, a partir, em principal, de duas cúpulas, uma fechada, o Senado, outra aberta, a Câmara dos Deputados. Valores como justiça, democracia e legalidade, permeiam esse espaço-tempo, constituindo o ofício de parlamentares. A Constituição também é fator arquitetônico desse cronotopo, como expressão de linguagem e de uma visão de mundo compartilhada. Além disso, há ritos e convenções típicas do Congresso, a exemplo de votações de leis.

A relação que desejo tecer, entretanto, não é com o Congresso diretamente, ainda que seja um bom caminho de discussão. No contexto próximo de eleições presidenciais em 2018, há também um cronotopo, eleitoral talvez? Propaganda em ruas, campanhas e comícios, os debates na TV, a cobertura das mídias constituem, entre outros aspectos, o espaço-tempo eleitoral no Brasil. Há sujeitos específicos em constituição nesse espaço-tempo, o eleitor, os candidatos, os partidos. Tudo em prol um de valor determinado, a democracia. Entretanto, quero me deter no último aspecto que mencionei, a cobertura das mídias. De modo mais específico, os editoriais da grande imprensa sobre as eleições.

Editoriais são produções jornalísticas que levam, em geral, a assinatura do próprio veículo de comunicação. Tal fator já é extremamente importante porque é acesso ao que pensam os grandes jornais. Inseridos nesse espaço-tempo eleitoral, os editoriais

---

<sup>45</sup> Mais informações em: [Palácio do Congresso Nacional - Arquitetura e funcionamento - YouTube](#). Acesso em: 17. Out. 2022.

participam dessa dinâmica, porque também constituem sujeitos e o debate no cronotopo. Estão marcados historicamente, não apenas porque foram publicados em uma determinada data, mas sobretudo porque sintetizam as disputas de sentido nos contextos, naquele cronotopo.

Nesse cenário eleitoral, os editoriais recuperam as tensões e se posicionam diante das problemáticas enfrentadas. São, assim, fragmentos desse cronotopo, pois expressam parte dessa dinâmica social, as eleições. Por ser esse elo, o editorial possibilita recuperar na cadeia de produção discursiva os embates em torno das eleições: quem é mais preparado? As pesquisas importam? Qual o real papel do voto? São questões materializadas nesses fragmentos do discurso. Desse modo, os enunciados desse cronotopo carregam tais marcas de sentido.

Para motivo de discussão, destaco dois editoriais, de origens distintas: *Brasil à direita*, de 08 de outubro de 2018, e de autoria de *Folha de S.P.*<sup>46</sup>, e *Election présidentielle au Brésil: la démocratie menacée / Eleição presidencial no Brasil: a democracia ameaçada* de 09 de outubro de 2018, de *Le Monde*<sup>47</sup>. Os editoriais fazem um balanço da situação eleitoral, após o primeiro turno. O jornal brasileiro aponta para um ganho geral de tendências à direita, já o francês considera que a democracia está em ameaça. Isto considerado, a atenção é a dinâmica do espaço-tempo: como a política constitui essa disputa eleitoral? Como a vida política geral é sentida? Questões assim direcionam essa breve busca pela interpretação cronotópica.

No primeiro editorial, é afirmado:

*Na eleição presidencial tida como a mais imprevisível desde 1989, passaram ao segundo turno as duas forças políticas que se destacavam nas pesquisas desde o ano passado. (FOLHA DE S.P., 2018, s/p.).*

A primeira ideia apresentada é a imprevisibilidade e, assim, um certo traço de anormalidade no ambiente político, traçada a perspectiva histórica. Outros termos que demonstram tal traço são *surpresa* e *impressionante* ao se referir ao apoio a Bolsonaro. Na sequência, aponta os demais correligionários bolsonaristas à frente na disputa eleitoral, também com a ideia de *surpreender*. Outro momento importante é:

<sup>46</sup> Disponível em: [Brasil à direita - 08/10/2018 - Opinião - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.com.br/brasil-a-direita-08/10/2018-opiniao-folha). Acesso em: 06. Maio. 2023.

<sup>47</sup> Disponível em: [Election présidentielle au Brésil : la démocratie menacée \(lemonde.fr\)](https://www.lemonde.fr/brasil/article/2018/10/09/election-presidentielle-au-brasil-la-democratie-menacee). Acesso em: 06. Maio. 2023.



*Se as eleições municipais de 2016 já mostravam uma guinada conservadora do eleitorado, agora caminhou-se mais à direita — e com rejeição a líderes mais tradicionais.* (FOLHA DE S.P., 2018, s/p.).

Outra recuperação histórica demonstra um espaço-tempo com progressão à direita e ao conservadorismo, ou seja, o editorial discute um processo em curso no ambiente político. O editorial, por fim, aponta:

*Falta muito ao PT, neste momento, para liderar uma esquerda com agenda factível, assim como Bolsonaro ainda não mostrou preparo e consistência para conduzir a direita emergente. Um segundo turno radicalizado não será a melhor chance para que ambos demonstrem sua capacidade de governar.* (FOLHA DE S.P., 2018, s/p.).

A ideia final é que tanto esquerda, quanto direita caminham sem líderes de fato, característica comum entre *PT* e *Bolsonaro*. Nessa dualidade, a projeção é um segundo turno *radicalizado*, meio também de confusão e imprecisão de ideias. O editorial francês, entretanto, apresenta outra visão desse cronotopo:

*C'est un choix politique et social fondamental entre le maintien de la démocratie, que le plus grand pays d'Amérique latine pratique depuis trois décennies, et le basculement dans un régime populiste dirigé par un candidat d'extrême droite.*<sup>48</sup> (LE MONDE, 2018, s/p.).

O *Le Monde* também de uma ideia de anormalidade, mas não no sentido de previsível, mas no de problema na base. O valor democrático é tido como ameaçado e o alvo da escolha política. É um ambiente não só politicamente conturbado, mas socialmente, uma vez que a estrutura social está em perigo e sob ameaça. A diferença reside também na afirmação de Bolsonaro como extrema direita e líder de um regime populista.

*Il a fait ressurgir le souvenir d'une période sombre pour le pays, celle de la dictature militaire (1964-1985), et semblé s'en amuser*<sup>49</sup>. (LE MONDE, 2018, s/p.).

---

<sup>48</sup> Tradução nossa: “É uma escolha política e social fundamental entre a manutenção da democracia, estrutura presente há três décadas no maior país da América Latina, e a queda em um regime populista dirigido por um candidato de extrema direita.”

<sup>49</sup> Tradução nossa: Ele faz ressurgir a lembrança de um período sombrio para o país, a ditadura militar (1964-1985), e parece se divertir.”

O jornal francês também faz menções históricas ao recuperar o período de regime militar no país, sob o signo de Bolsonaro. É, assim, um espaço-tempo eleitoral com traços de totalitarismo e obscurantismo.

*Cette campagne électorale chaotique, dont un premier candidat, l'ancien président Lula da Silva, incarcéré pour corruption, a finalement été interdit de concourir, et un autre, M. Bolsonaro, a été poignardé en plein meeting, consacre sans doute le crépuscule du « lulisme », autrefois encensé.*<sup>50</sup>(LE MONDE, 2018, s/p.).

Também o jornal francês entende que há problemáticas nos concorrentes eleitorais. A caracterização constrói um cenário radical de disputa, pois é violento e está sob ameaça democrática. Aponta, ainda, para uma ruptura, a tradição “lulista” na política.

No geral, o espaço-tempo eleitoral em 2018 é anormal e caótico para os jornais, até o momento em que um aponta Bolsonaro como um extremo e ameaça à democracia. Essa concordância esboça um sentimento geral de confusão e tensão social. A discordância, porém, é o resultado do posicionamento nesse conflito eleitoral e suas narrativas. Ao tratar da situação eleitoral, os enunciados, ainda que de modo indireto, expõem as visões que possuem sobre a vida política do momento. Nesse processo, o juízo de valor é composto, e o espaço-tempo, preenchido de significações.

Da literatura, pensado nas ciências matemáticas, o conceito de cronotopo auxilia a discutir, em determinada ótica, as características do espaço-tempo e, sobretudo, a compreender que as produções de linguagem, de romances a editoriais, são sempre situadas na história. É, em verdade, um conceito interdisciplinar e aberto à análise daquelas relações cujas bases são as imbricadas disposições de espaço e de tempo.

---

<sup>50</sup> Tradução nossa: “Essa campanha caótica, cujo primeiro candidato, ex-presidente Lula da Silva, encarcerado por corrupção, foi finalmente impedido de concorrer, e o outro, Bolsonaro, esfaqueado em plena luz do dia, consagra sem dúvidas o crepúsculo do ‘lulismo’, outrora encenado.”

## 4. O AQUI E AGORA DO BRASIL E DO MUNDO<sup>51</sup>

Nesta seção, concentram-se os debates, resultados e interpretações de nossa Casa para as questões de pesquisa apresentadas. Os editoriais estão dispostos de acordo com o critério temático, em conjunto, de modo que as análises, em um primeiro momento separadas para *Folha* e *Le Monde*, unem-se para tratar da relação entre os editoriais. Dessa forma, o Público pode caminhar por esse percurso e tecer suas considerações. Nosso trabalho fica assim disposto, portanto:

### 4.1 Da crítica sistêmica ao julgo final: ato primeiro

*Figura 4 - Condenado*



Fonte: Folha de S.P.

O editorial caracteriza Lula a partir do nome *condenado*. Em seu percurso valorativo, *Folha* legitima a sentença, atribuindo aos responsáveis identificações como objetividade e racionalidade, ao passo que identifica os apoiadores e partidários de Lula como passionais.

O editorial se inicia pela negação. Além de legitimar, o enunciado argumenta e reitera a condenação, com o juízo de que Lula cometeu infrações e, por isso, é legal a pena. Há um jogo, que se estabelece ao longo do editorial, entre a veracidade dos fatos

---

<sup>51</sup> Neste breve parágrafo de introdução, permaneço no sujeito “nós”/ “Casa”, que apresenta os resultados e questões da investigação. Contudo, todas as análises estão em 3ª pessoa do singular, para dar foco ao percurso analítico. Essa mudança, de modo algum, tenta tirar minha assinatura e responsabilidade da análise.

do caso e a tentativa de inocência. Nesse contraponto, prevalece a ideia racional de que Lula condenado é fortalecimento democrático.

O título constrói a identificação de Lula como condenado, que será desenvolvida e sustentada ao longo do enunciado. Há um aspecto temporal na adjetivação/particípio que demonstra um ato iniciado e concluído no passado. Por ser um só nome, implica firmeza e síntese do caso, sem brechas para contestação. É a principal característica de Lula no enunciado, discutida e reafirmada pela argumentação do editorial. Na fotografia (preto e branco, um estilo do jornal) que acompanha o editorial, Lula está centralizado e com semblante contraído. A mão na lateral, com o dedo no rosto, reforça e implementa sentidos de tensão em torno de Lula.

A impessoalidade no início (*Não há como apontar sinais de [...]*), para tratar de possíveis fatores de desvio, traz o foco para os acontecimentos, negando-os. Espetacularização, exibicionismo e paixão política são marcas negadas, portanto, no exame do processo. O mecanismo da impessoalidade fundamenta o processo do editorial de afastar a dúvida ou o questionamento da decisão judicial, o jornal não se coloca claramente no debate, apenas foca o processo em si. Dessa forma, o enunciado tece o contraponto entre veridicidade e passionalidade. Negado qualquer elemento desviante na avaliação dos desembargadores, o processo se torna objetivo e fidedigno.

A racionalidade implícita, construída pela negação dos desvios, se contrapõe à polêmica do caso ([...] *examinaram o polêmico caso [...]*). O editorial, contudo, mais à frente, desconstrói a ideia de polêmica, argumentando que a visão é oriunda de debates políticos, não dos fatos jurídicos. No editorial, há um espaço de racionalidade e objetividade que é personalizado e identificado, denominado aqui sujeitos de razão. Os três desembargadores ocupam e personalizam, inicialmente, tal espaço, os quais se contrapõem à polêmica e às paixões. A forma para descrever o processo deixa subentendido que Lula não é o único, mas o principal, mencionado pelo partido político e pelos crimes julgados. A identidade de Lula está ligada aos crimes políticos em contraponto às leis e à legalidade, portanto.

Reitera-se a objetividade dos sujeitos de razão, agora identificados como *membros do Tribunal Regional Federal da 4ª Região*. *Atenção* é o cerne do modo como a *Folha* compreende a decisão. Os revestimentos (*longa e paciente*) intensificam e ampliam as características positivas, no campo da racionalidade, no qual o detalhamento é também atribuído ao trabalho dos sujeitos de razão. De tal maneira, a *Folha* entende que se trata

de um exame minucioso, que recebeu atenção especial, ao qual concede aval e endossa. Outra identidade, de modo indireto, que ocupa o lugar de sujeitos de razão é Sérgio Moro, devido à confirmação de sua sentença pelos *membros*. A menção a Moro ocorre, assim, pela condenação de Lula, que é lembrado pela ilegalidade de trocas de favor.

O editorial acrescenta a informação da absolvição de envolvidos ([...] *absolveram os envolvidos da acusação* [...]), mas sem nomes ou outra identificação. Em seguida, a identidade de Lula recebe outra designação, a culpabilidade, motivo do aumento de pena. Um ponto importante é o termo (*atribuída*) que liga Lula e culpa. É um processo de atribuição e, logo, de interpretação que acarreta a penalização. Dessa forma, sujeitos de razão ocupam também o estado de poder de atribuir a culpabilidade.

A *Folha* retorna à ideia de polêmica, questionando-lhe a natureza (*Chamar o caso de “polêmico”* [...]). Diz que a noção está próxima aos *debates políticos*, não aos *elementos jurídicos*. Com nova menção a detalhamento, o editorial agora distancia o caso da controvérsia e, conseqüentemente, atribui-lhe clareza e veracidade. Assim feito com os sujeitos de razão, o caso recebe características positivas, que formam uma blindagem. O caso, os sujeitos de razão, incluída a *Folha*, e os fatos jurídicos são racionais e plausíveis, na medida em que se afastam do polo passional e partidário, representado por Lula.

A sequência se mantém na exposição do editorial sobre a decisão. *Acontecimentos, testemunhos, documentação e encadeamento lógico* são citados como forma de demonstrar concretude e firmeza do caso e da condenação. Também é outro processo de convencimento, a partir do qual o editorial argumenta em prol da condenação. Ao pontuar que *difícilmente* a conclusão seria outra, *Folha* enlaça as estratégias do editorial feitas até então para firmar um conjunto de sujeitos de razão, que são objetivos e minuciosos, ao lidar com um caso cujas provas e acontecimentos são verídicos e concretos. Como se formam uma blindagem e um rol de qualificações positivas para os responsáveis, a defesa de Lula não consegue contestar ou problematizar.

A comparação entre *solidez* do TRF e *inverossimilhança* dos partidários de Lula é uma síntese do contraponto geral desenvolvido no enunciado. Com uma modalização quase asseverativa (*Parece sólido* [...]), o editorial distancia os lados e as interpretações, cada qual recebendo uma gama de características. Propenso à objetividade do caso, pelo qual argumenta, o editorial atribui à defesa de Lula inconsistência. O esforço do editorial

é tecer a imagem de um processo válido e legal, que condena um sujeito criminoso, cuja defesa é inconsistente e pouco verossímil.

*Partidários de Lula*, cuja marca é a *intensa persistência*, está em contraste em relação aos sujeitos de razão, pois o crivo do editorial reduz a lógica de defesa e lhe atribui sentidos de passionalidade e incerteza. O procedimento é simplificar e generalizar a tese dos partidários ([...] *de que tudo não passa de perseguição política* [...]), ao ponto de parecer risório e sem fundamento. Como o editorial entende que a tese é inconsistente e incabível, a insistência na defesa significa irracionalidade e imprecisão, diante do conjunto de clareza, veridicidade e solidez do caso e da condenação.

O uso de *adversários* também recebe os sentidos da passionalidade: a fúria que instaura um estado de perseguição a Lula. Com essa divisão, o editorial tanto se afasta, quanto distancia o processo envolvendo Lula dos *partidários* e *adversários*, sujeitos passionais, cuja visão dos fatos é deturpada, ocasionando pouco conhecimento do julgamento. De tal forma, a identificação do processo se torna à prova das paixões políticas de fúria e adoração, e fica estabelecido no campo da objetividade.

O editorial reforça que o processo é certo, argumentando que os *fatos resistem* à defesa. Por ser sujeito do período (*Os fatos* [...] *resistem* [...]), *fatos* realiza o ato de *resistir*, com a ideia de que não há outra interpretação ou ainda que a realidade em si só pode ser a condenação. A estratégia é a de “limpar” o caráter relacional e subjetivo da interpretação dos fatos, como se fossem neutros e inflexíveis. Conseqüentemente, Lula é responsável e o processo, legal. Os sentidos em *a todo modo* e *tentativas* centralizam a blindagem do caso e dos fatos. Nada, portanto, muda o cenário a favor de Lula. Além do reiterado detalhamento do processo, complexidade é uma característica nova para demarcação (*Os fatos, na sua minúcia e complexidade* [...]). Entendê-lo, entretanto, ainda é saber especial dos sujeitos de razão. Ao longo do editorial, a visão correta é aquela que atinge os pormenores, isto é, a dos *desembargadores*, de *Moro* e dos *membros do TRF*.

Inicia-se, com mais afinco, a argumentação em prol da penalização (*Não faria sentido, com efeito* [...]). A *Folha* se coloca como juiz que corrobora a decisão do TRF e a endossa. O editorial centraliza os acontecimentos para questionar-lhes a consistência: o ponto central é a construção *presidente de uma grande construtora atuasse como simples corretor*. Com destaque ao jogo/antítese entre simples e grande, que serve como estratégia de convencimento, a *Folha* julga e comprova o caso, pautando-se em *fatos resistentes*.

No caso Petrobrás, o editorial parte pelo sentido de *evidente*, compreendendo que houve responsabilidade de Lula na nomeação de diretores (*Evidente, por outro lado, o peso de Lula [...]*). Assim, o jornal entende que Lula tinha ciência do esquema que ocorria na empresa e, com isso, é plausível a pena. Esse percurso do editorial, iniciado na *evidência*, coloca Lula num posto irremediável de responsabilidade e de condenação. Mais uma vez, o editorial julga e reitera a decisão no processo.

Por fim, o editorial mobiliza a ideia de máscara para dar a sentença condenatória (*Não, a máscara de vítima não convence*). Como adorno posto frente à face, a máscara de vítima esconderia as ações de Lula, em uma encenação, mas logo é negada (*Não [...] não convence [...]*) pelo jornal, por meio de uma negação dupla, que reforça o posicionamento e a convicção. *Popular e líder* são adjetivações que demarcam também a identidade de Lula, mas, diante dos  *fatos que resistem*, não têm poder, na valoração do contraponto argumentativo. Como apresentado ao longo do enunciado, o processo não cede espaços a paixões, a imprecisões ou a aspectos desviantes. Situada no futuro da possibilidade, a ausência da candidatura seria empobrecimento, devido à popularidade e liderança, como apresenta a *Folha*. A concessiva que liga o período (*Ainda que a disputa eleitoral deste ano possa empobrecer-se [...] é a democracia, mais uma vez, que se fortalece*) pontua que a lição dada, por último é o fortalecimento democrático, fato maior e mais impactante que o possível empobrecimento. O valor democrático, ao final, se mantém e é reforçado.

**Figura 5** - *Au Brésil, une démocratie en déliquescence*

—  
ÉDITORIAL

Le Monde

## Au Brésil, une démocratie en déliquescence

Editorial. Les scandales, mêlant mallettes d'argent sale et tractations en sous-sol, se sont succédé à la tête du pouvoir au point d'étourdir les Brésiliens.

Publié le 27 janvier 2018 à 10h45 - Mis à jour le 27 janvier 2018 à 10h51 | 🕒 Lecture 2 min.

Fonte: *Le Monde*

Quanto ao *Le Monde*, o procedimento inicial do jornal francês é delimitar o espaço-tempo do editorial: Brasil, democracia e poder político. Não há uma remissão a Lula inicialmente, de modo que as críticas e as considerações presentes nesse momento

são destinadas ao sistema político e aos esquemas de corrupção. A narrativa até então coloca a democracia e os brasileiros em um estado negativo, devido aos casos de corrupção e crimes políticos. Assim, o título, *Au Brésil, une démocratie en déliquescence* *No Brasil, uma democracia em declínio/decadência*, esboça a posição do jornal diante do caso Lula, a fim de criticar um sistema político clientelista e decadente.

Ocorre uma demarcação espacial comum entre os demais editoriais do *Le Monde*, o termo *Brésil* está presente como norte de referência aos leitores estrangeiros. O valor em seguida elencado para o desenvolvimento é democracia, base da argumentação do jornal. *Déliquescence* (*decadência*) é a síntese valorativa do posicionamento diante das ocorrências citadas. O editorial, assim, tem por base o valor democrático como associado a tal designação, pela qual são construídos e retratados os acontecimentos políticos.

O subtítulo detalha a situação em um período, cujo sujeito é *scandales*, e trata da natureza de tais escândalos, ao mencionar *malltes d'argent sale e tractations en sous-sol* (*malas de dinheiro sujo e negócios às escuras*). A forma verbal *se sont succédé* (sucederam/aconteceram) focaliza a ação nos escândalos, de tal forma que não há uma identificação de sujeito responsável. Ocorre, entretanto, até então, uma única demarcação sobre o estado da democracia, uma marca de espaço-tempo (*la tête du pouvoir/topo do poder*). A consequência é a confusão dos brasileiros, início do percurso de apresentação das problemáticas em torno dos escândalos. Nesse momento inicial, portanto, há uma narrativa a ser desenvolvida e sustentada ao longo do editorial, que já formaliza os sujeitos, o contexto e as consequências.

O início do editorial apresenta três termos de base sobre o caso: *bravade, larmes* e *outrances*. São sentidos que, em geral, expressam emoções. Bravata, lágrimas e exagero definem, enquanto interpretação valorativa, a ação de Lula de se entregar/obedecer à condenação. Os três termos implicam que houve, nesse processo, tentativas de contorno e resistência contra a decisão. Carregam, ainda, sentidos de que a ação muito se pautou pela passionalidade. Outras demarcações referentes ao ex-presidente é o apelido Lula e o tempo de mandato, destinadas ao público não brasileiro. Na sequência, o editorial detalha a ação, intermediada pelos advogados na entrega do passaporte e menciona a decisão judicial, motivada pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

Outro termo que expressa o posicionamento do jornal sobre o caso é *humiliation* (*humilhação*). Nessa direção, Lula é identificado, em um rol de feitos, como ex-sindicalista, militante operário, importante dirigente político e pai dos pobres. Entram em



contraste, contudo, no sentido da *humilhação*, já que são feitos importantes contrapostos à condenação. O jogo de alto (boas qualificações) e baixo (condenação e na mira da justiça) constitui a identidade de Lula. Nesse jogo, o estilo e o percurso políticos de Lula são a referência ao citar o passado operário e os impactos de governo.

A identidade de Lula se torna complexa à medida em que o jornal lhe atribui tais designações. Na menção à Ditadura, concebe-o como sujeito contrário ao regime e ativo politicamente. Pela governabilidade, constrói a importância política de Lula na história brasileira e a relevância internacional, enquanto estrela e destaque de debates. *Père des pauvres (pai dos pobres)* recupera na cadeia discursiva as denominações de Lula, pautadas na narrativa de metalúrgico eleito como presidente, cuja política ajudou as classes baixas. Cita, ainda, o impacto do governo, quando menciona a mudança relacionada à miséria, fruto da política social.

As demarcações na identidade de Lula são feitas conforme uma recuperação histórica, que relaciona momentos da política brasileira, como a Ditadura. Tal conjunto é positivo, porque desenha a imagem de um sujeito trabalhador engajado, pela menção ao sindicalismo; democrático, pela luta contra a Ditadura; político importante, graças às atuações e à governança em nível nacional e internacional. Há, assim, diversos pontos (contrários, distantes, conflituosos) que coexistem e adensam a percepção sobre Lula.

O editorial francês afirma que esse relevante percurso evoca paixões. De um lado, os aliados de Lula, que o defendem a partir de um endeusamento. De outro, os inimigos, que o compreendem como bandido (*Ses alliés protestent de son innocence et le défendent tel un dieu tandis que ses ennemis le considèrent comme un bandit / Seus aliados defendem sua inocência e o defendem tal como um deus, enquanto os inimigos o consideram como um bandido.*). *Dieu* e *bandit*, respectivamente, cumprem o papel das designações. A diferença é a natureza dos termos, já que deus carrega sentidos de divindade, enquanto bandido/ladrão, de criminalidade, em uma antítese indireta. *Dieu* ainda traz sentidos relacionados a fiéis/adoradores. Já *bandit*, de ilegalidade e desvio. Na base, são pontos de referência de bem e mal, com passionalidade.

O editorial julga Lula, mas faz também apontamentos críticos sobre o processo, de modo que não é foco integral o ex-presidente. A relação entre ambos não exclui os fatores: mesmo o processo com *estranhezas* comprovadas, *Le Monde* julga possível que Lula e PT tenham sucumbido à tradição clientelista do sistema político brasileiro (*En dépit des étrangetés avérées de la procédure judiciaire [...] /A despeito das estranhezas*

*comprovadas do processo judiciário [...]*). Assim, argumenta em prol, ao citar o caso do Mensalão, em 2005, no contexto eleitoral da reeleição. A referência ao Mensalão e aos demais processos reitera a ideia apresentada (*Il n'est pas absurde d'imaginer que [...] succombé à la tradition [...] / Não é absurdo imaginar que [...] sucumbiu à tradição [...]*). O editorial então parte da ideia de que o caso ter estranhezas não exclui a possibilidade de participação de Lula nos casos. Assim, nem condena Lula no processo objetivo, nem o absolve no processo tortuoso. Faz uma crítica dupla, nem nega o processo e acusação.

Ponto importante é a caracterização do sistema político. Lido a partir de uma tradição clientelista, há uma visão negativa, em geral, porque estabelece-se o sentido de força corrosiva, que se iguala à lógica da ilegalidade. Tempo e prática são sentidos presente na fórmula de uma tradição. Assim, *Le Monde* faz uma crítica histórica e geral ao sistema político, mobilizando o caso de Lula como mote das discussões. Se o jornal apresenta a hipótese de que Lula e PT sucumbiram à tradição, é porque, antes, eram diferentes dessa lógica. Tal característica positiva implícita se junta às demais sobre Lula.

O editorial apresenta uma pequena seção, em que se discute uma *immunité dévoyée* (*imunidade desvirtuada/desvirtuada*). Nessa parte, o jornal faz uma crítica panorâmica ao sistema brasileiro, com foco na extensa corrupção. Outra característica do cenário político é *malaise* (*mal-estar/mal*). Com uma linha histórica, o editorial cita o *impeachment* (*controversé/controverso*) como ponto importante de *malaise*, e faz menção a Dilma Rousseff, que é lida não apenas como sucessora, mas herdeira política de Lula. No entendimento do editorial, o mal-estar é crescente, porque cada novo evento político significa declínio do sistema político brasileiro.

*Le Monde* critica novamente o caso de Lula: não é exemplo de ética, como era a promessa da Lava Jato. As demarcações, assim, servem de crítica ao caso e ao cenário político geral. *Disgrâce* (*desgraça*) inaugura um tom metafórico/heroico para o tratamento do caso Lula, junto a *spectacle* (*espetáculo*). São termos que, indiretamente, formulam uma crítica geral ao sistema político, uma vez que, ao final, o enunciado retoma a ideia de sistema político falho, em *vieux monde politique em déliquescence* (*um velho mundo político em decadência/em queda*). O combo de eventos históricos, como pensa o editorial, é a decadência de tal sistema e mundo políticos.

Argumento dessa interpretação e valoração do editorial é a figura de Michel Temer, cuja imagem está carregada, com intensidade em *lourdes*, de referências negativas, como corrupção passiva, formação de quadrilha e obstrução de justiça (*tendant*

*de faire oublier les lourdes accusations que pèsent contre lui [...] /tentando que esqueçam as pesadas acusações que pesam contra ele [...]*). O ponto argumentativo do jornal ao citar o caso de Michel Temer é embasar a crítica a uma democracia valorada como decadente. Para tanto, usam o termo *au moment où* a fim de relacionar temporalmente a condenação de Lula e a manobra distrativa de Temer. Assim, o argumento de decadência se reforça, já que um presidente é condenado *no momento em que* outro tenta desviar a atenção de grandes acusações contra ele.

O editorial diz que Temer, até o momento, conseguiu se desviar de processos, mediante barganha e negociações com parlamentares. Tal feito é alvo de crítica e de designações negativas, como em *marchandage éhonté (barganhas/trocas vergonhosas)*. O argumento da tese é o dado sobre o Senado. Com base no site *Congresso em foco*, o editorial aponta que mais da metade dos senadores está envolvida em investigações. A crítica, portanto, reside no fato de que sujeitos investigados tentam contornar a situação fazendo negócios com outros políticos também na mira da justiça, este fato demonstra, como pontua o editorial, a tradição decadente e clientelista no sistema político. Com menção indireta a essa tradição, o editorial retoma a ideia de tempo e prática, pois afirma não ser novo tal comportamento político. Nessa direção, cita positivamente a Lava Jato como a operação que iluminou práticas *bien antérieures (bem anteriores)* a Lula.

Na linha histórica, o editorial faz menção a um momento anterior ao *impeachment*: as manifestações de 2015 e 2016 (*Après les manifestations monstres de 2015 et 2016 réclamant au nom de la “morale” le départ de Dilma Rousseff [...] / Depois das manifestações monstruosas/grandiosas que pediam, em nome da “moral”, a saída de Dilma Rousseff [...]*). Lidas pelo termo avaliativo *monstres*, as manifestações que pediam a saída de Dilma Rousseff tinham a moral como propósito. *Morale* aparece entre aspas para demonstrar uma motivação específica de grupos envolvidos nas manifestações, de tal modo que há um distanciamento do editorial, por um questionamento sobre a natureza desta moral. As manifestações são a referência para os escândalos citados desde o início. *Dignes d’un film de série B (dignos de um filme série B)* é a forma pela qual *Le Monde* define tais escândalos, atribuindo-lhes sentidos negativos de rebaixamento. Retorna à descrição de dinheiro sujo e negociações obscuras, e à consequência de atordoamento dos brasileiros. São vários, de natureza duvidosa e frutos de um mundo político em decadência.

O sentido adversativo em *mais* pauta uma crítica ao foro privilegiado, na afirmação de que a prerrogativa protege políticos em exercício (*Mais le status de foro privilegiado [...] protège les politiciens em fonctions / Mas o status do foro[...] protege os políticos em função*). Por mais que haja menção à legitimidade, a imunidade da qual se beneficiam os políticos é *dévoyée et instrumentalisée avec le plus grand cynisme* (*desvairada/desvirtuada e instrumentalizada com o maior cinismo*). A interpretação do editorial, portanto, trata-se de uma crítica ao foro e ao uso cínico desta imunidade.

Na conclusão, o editorial faz uso de metáfora (*baigne dans un climat d'impunité/banha em um clima de impunidade*) para criticar a impunidade no sistema político. O alvo, contudo, por ser sujeito do período, é *l'élite de Brasilia* (*elite de Brasília banha em um clima de impunidade*), local específico do juízo. Na lógica da consequência, o editorial apresenta, porém, outro efeito da impunidade e corrupção, náusea/aversão/nojo nos brasileiros. Com menção às eleições presidenciais, retoma a ideia de um velho mundo político, ao apontar que o Brasil é um dos países mais desiguais mundialmente. Para tanto, utiliza os sentidos presentes em *société de castes* (*sociedade de castas*). A crítica se baseia na afirmação de que os governantes não obedecem de mesmo modo às leis, como as parcelas pobres da sociedade. Ao fim, afirma ser indigno e perigoso ao Brasil, a partir da defesa do valor democrático e referência à relevância política brasileira na América latina.

Os editoriais, enquanto enunciados concretos, estão inseridos em um contexto social, que está, por sua vez, materializado de modo singular na estrutura enunciativa. De tal modo, cada editorial particulariza o evento político da condenação, conforme uma interpretação da realidade. No caso da *Folha*, argumenta-se em prol da condenação, proveniente de um processo legal, orientada a um político considerado e julgado corrupto por sujeitos que irradiam racionalidade e objetividade, entre os quais, de certo modo, o próprio jornal. Em relação, o editorial francês usa a condenação como mote de uma crítica maior ao sistema político brasileiro, concebido, em geral, como clientelista e decadente. Em ambos, há usos de recursos de linguagem diversos para consolidar a tese e a “verdade”.

Nesse percurso de construção de real, a materialidade verbal é predominante, a partir da qual são tecidas identidades, referências, designações e valores. Na acepção de Volóchinov (2017), “O que importa para o falante é aquele aspecto da forma linguística graças ao qual ela pode aparecer em um *contexto concreto*, graças ao qual ela se torna um

sinal *adequado* nas condições de uma situação concreta.” (p. 177, destaques nossos). Já nos títulos, a materialidade está repleta de sentidos, que se conectam entre si. Para a *Folha*, um único nome, *condenado*, sintetiza a situação, criando um ser e estar específico para o sujeito julgado. No *Le Monde*, a mobilização de um valor, a democracia, que está em *decadência/declínio*, no contexto de um sistema político corrupto.

A partir dos títulos, os jornais citam os eventos políticos e posicionam cada sujeito da narrativa de modo estratégico para a finalidade requerida. No jornal brasileiro, há o trabalho de afastar qualquer fator desviante, sobretudo a passionalidade do processo, para conferir veridicidade e objetividade à condenação. Nesse percurso, o editorial cria um espaço significativo de racionalidade, ocupado por sujeitos de razão, responsáveis pelos atos legais e pelas interpretações fidedignas dos eventos. No desenvolvimento do editorial, identidades (*desembargador, Moro, membros do TRF*) preenchem os sentidos desse espaço e personalizam os sujeitos de razão, em contraste à polêmica e às paixões.

No editorial francês, o caso Lula é caracterizado, inicialmente, pela passionalidade e, em seguida, como mais uma humilhação de um ex-presidente que coleciona feitos importantes na carreira política. A base referencial desse rol é histórica. Recupera, portanto, na cadeia discursiva, eventos nos quais Lula teve forte presença, como a militância operária e a redução da miséria no país. Essa criação de identidade positiva também, em ação comum à *Folha*, é revestida de passionalidade. O caso Lula, no decorrer do editorial, é argumento e exemplo da crítica ao sistema decadente.

Mesmo em um curto espaço, os editoriais produzem realidades distintas, sob enfoques ideológicos díspares. A partir da condenação de Lula, evento já carregado de valores e quereres sociais, por envolver sujeitos concretos, *Folha* e *Le Monde* produzem, cada qual a seu modo, uma chave de leitura. No entendimento de Volóchinov (2017), “Por conseguinte, o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação -, mas também pelos aspectos extraverbiais da situação” (p. 228). Formas linguísticas constroem os sentidos e a significação, que decorrem da relação entre os signos. A expressão *père des pauvres*, no *Le Monde*, e o período, *não, a máscara de vítima não convence*, na *Folha*, são exemplos da vivacidade ideológica da linguagem, pois ganham vida discursiva somente no ato enunciativo singular de um sujeito concreto.

Tais termos, expressões e demais recursos utilizados pelos jornais formalizam uma gama viva e única de signos ideológicos, que avalia todo o cenário. Nesse

emaranhado, o editorial produz uma visão de mundo sobre o evento: “Ao separar o enunciado do solo real que o nutre, perdemos a chave tanto da *forma* quando do *sentido* [...]” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 128, destaques nossos). Como aponta Volóchinov, há uma relação intrínseca entre o enunciado e o contexto, de modo que, separando-os, a potência dialógica se perde. Cada palavra usada, em união, solidifica e concretiza uma visão complexa acerca do mesmo evento, por meio de relações tensas entre sujeito, história e linguagem.

Tanto *Folha*, quanto *Le Monde* tratam do processo de Lula nos editoriais. O primeiro compreende uma condenação legal destinada a um sujeito criminoso. Por negar no processo fatores desviantes, sobretudo a passionalidade, a razão e a objetividade, estas são marcas positivas atribuídas. A polêmica, inicialmente citada, logo é problematizada e derrubada pelo editorial brasileiro, na afirmação de que os elementos jurídicos são claros e objetivos. Por consequência, só uma interpretação é possível no processo, justamente aquela que condena Lula, mediante a blindagem do processo.

*Le Monde*, por sua vez, menciona problemáticas. No primeiro momento, localiza as *étrangées avérées /estranhezas comprovadas*, dando espaço ao questionamento. Depois, pensa que não é exemplo da ética prometida, já no contexto da Lava Jato. Em ambas as ocorrências, a dúvida é principal, tratamento diferente do visto na *Folha*. Mesmo assim, o editorial francês não exclui ideia de culpa de Lula. Realiza, pois, o julgamento, assim como o jornal brasileiro. A diferença reside no foco. Do lado francês, há possibilidade de Lula e PT terem sucumbido à tradição clientelista. Do lado brasileiro, Lula é responsabilizado e culpado em dois processos. A visão sobre o processo é importante porque envolve demais sujeitos políticos e principalmente uma concepção de justiça e de legalidade.

Tal valoração do processo demonstra a posição do jornal sobre *Folha* não admite as contradições, porque é esse seu argumento maior: um processo correto, coeso, objetivo e lógico. Não pode haver, portanto, espaço para o equívoco. Na contramão, o editorial francês deixa em aberto, isto é, não assume a postura de que os fatos são em si fatos simples de acusação. Menciona que há estranhezas no processo de Lula; que a Lava Jato é controversa em partes; que o *impeachment* é contestado; que o sistema é corrupto. São duas razões, uma fechada em suas próprias determinações. Outra, aberta a possibilidades. Ambas, porém, condenam na medida em que apresentam feitos negativos (corrupção e ciência de desvios e afins).

O trabalho editorial de lapidação da materialidade tem o propósito de construir uma verdade relativa ao contexto social. A todo momento, o editorial enquanto gênero, em sua composição particular de linguagem, responde ao evento político, pois cada sentido produzido está intimamente ligado ao contexto extralinguístico. Participam dessa construção o horizonte ideológico do jornal, em suas tensões internas, o espaço-tempo do evento político e a potencialidade responsiva do enunciado: “As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações [...]” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48). Não apenas uma mera palavra ao marcar a identidade de Lula, mas sim um signo em relação tensa com a história política brasileira, em um movimento de recuperação e antecipação discursivas.

Em ambos, ocorre a divisão entre aliado e inimigo. Na *Folha*, *partidário* e *adversário*, que interpretam o caso pela passionalidade. Insistência e argumentação inverossímil demarcam os partidários; *fúria persecutória*, os adversários. Já no *Le Monde*, os termos são *alliés* e *ennemis / aliados e inimigos*, compreendendo Lula respectivamente como *dieu e bandit / Deus e bandido*, com sentidos de divindade e criminalidade. Embora tenha, em cada jornal, um sentido particular, a dupla aliado e inimigo é entendida nos editoriais como interpretação passional da identidade de Lula, na defesa ou no ataque sem determinações racionais. Ambos, portanto, partilham dessa visão e lhes atribuem crítica e sentido negativo.

O centro é a identidade de Lula. Complexa em cada jornal, é construída mediante os valores presentes nas referências utilizadas. Na relação e na compreensão dialógicas entre os jornais, alguns pontos se assemelham, outros se destoam. Ao tratar de identidade no pensamento do Círculo, a alteridade é fulcral porque centraliza o caráter social das interações que fundamentam as identidades, que se formam no movimento social do discurso em determinado espaço-tempo. A identidade de Lula nos editoriais é construída em resposta a contexto específico e em conformidade com uma voz social determinada.

De modo dinâmico, a identidade está em relação com o “eu” e o “outro”, socialmente contextualizados. Conforme pensa Bakhtin: “O modo como eu vivencio o *eu* do outro difere inteiramente do modo como vivencio o meu próprio *eu* [...]” (2011, p. 34, destaques do autor). Bakhtin disserta que, graças ao distanciamento, a experiência do “eu” e do “outro” difere, porque são dois pontos valorativos distintos. No contato, ocorrem

processos de valor, entre os quais a formação da identidade, que, no entendimento do Círculo, é mutável e histórica, como um conjunto de visões e interpretações variáveis.

Na *Folha*, Lula é caracterizado como sujeito condenado e criminoso, cuja condenação é legal, diante do caso objetivamente dirigido por sujeitos de razão. No processo, não há brechas para contestação, como o próprio jornal julga. Liderança e popularidade são as únicas demarcações positivas, que aparecem somente ao final, após constante reiteração da sua culpabilidade nos crimes políticos. Não há, assim, sustentação positiva de Lula no editorial, cuja identidade é tecida como, sobretudo, criminoso e responsável nos casos corruptos. Tal ideia é proveniente da *Folha*, naquele contexto e em conformidade a visões de mundo específicas.

No *Le Monde*, porque o foco é o sistema político, a identidade de Lula não é a centralidade da crítica. Ainda assim, recebe revestimentos positivos e negativos no percurso. O jornal francês coloca o ex-presidente como um forte e impactante sujeito político, dentro e fora do Brasil. Traz referências históricas para formular a identidade, que recebe valores como trabalhador e pai dos pobres. O contraponto é feito pelo julgamento: corrupção e criminalidade também constituem a identidade de Lula. Em coexistência, aspectos positivos e negativos constituem, para editorial, quem é o ex-presidente naquele momento histórico.

Como é possível em um editorial, a afirmação de que o sistema é fortalecido em paralelo à ideia de que a democracia está em decadência? Porque o jornal brasileiro entende que um processo claro e objetivo como se empenha em interpretar é um exemplo da firmeza e equidade legais. Ao condenar um ex-presidente, mostra que nem mesmo os níveis mais altos da política estão à margem da legalidade. Assim, a democracia se fortalece. Entretanto, o editorial francês discute que é um processo controverso, com influências de políticos também investigados e autores de esquemas ilícitos. A condenação vem, assim, de sujeitos incapazes de julgar. Esta seria a decadência do sistema, que é clientelista e corrupto. Nessa relação, um mesmo valor, o democrático, assume composições distintas.

Os editoriais, nascidos do mesmo evento político, diferenciam-se na construção de um pensamento sobre o próprio evento, a partir de referências e relações distintas que rivalizam no signo: “Cada homem, ao conhecer a realidade, a conhece de um determinado ponto de vista;” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 198). Com base em Volóchinov, os editoriais criam pontos de vista distintos sobre o evento: os signos mobilizados por cada enunciado



se organizam de tal modo a refletir e refratar a vida social sob um determinado ângulo. Grosso modo, para a *Folha*, um processo legal; para o *Le Monde*, questionável. Trata-se ainda de um confronto de vozes sociais tenso, do qual estes enunciados são fragmentos.

Os editoriais, tratando do “mesmo” evento político, produzem interpretações distintas. A *Folha* se concentra sobre Lula. *Le Monde*, porém, usa o caso do ex-presidente como mote para uma crítica mais ampla ao sistema político brasileiro. A conclusão dos editoriais sintetizam as ideias e se chocam, principalmente pelo uso do valor democrático. Na *Folha*, o descortinar de Lula, tirando-lhe um possível traço de vítima. Ao final, a compreensão de que a democracia se fortalece. O mesmo valor democrático, todavia, é compreendido no *Le Monde* nos signos de indignidade e perigo. Em um país marcado pela desigualdade, a elite se beneficia da seletividade legal. Do início ao fim, portanto, o evento político do processo de Lula provoca interpretações distintas.

#### 4.2 Da crítica sistêmica ao julgo final: ato segundo

*Figura 6 - Cumpra-se a lei*

O QUE A FOLHA PENSA

## Cumpra-se a lei

Como em outros processos, prisão de Lula se inscreve na plena normalidade republicana

Fonte: *Folha de S.P.*

A *Folha* mantém em *Cumpra-se a lei* (07/04/2018) a visão de mundo presente em *Condenado* (25/01/2018). Reitera a legalidade do processo, mas lhe atribuindo outros valores (normalidade e neutralidade). O juízo positivo sobre o processo também continua, com uma argumentação mais apurada para contestar as teses de defesa de Lula. Ao final, mudando alguns valores, a interpretação é positiva para o Brasil, em geral, porque a condenação e o processo tido como legais representam o funcionamento institucional

democrático e, por isso, o fortalecimento do sistema político como um todo. Pautado, sobretudo, no valor da lei, o jornal mantém o posicionamento condenatório.

O título traz à cena um valor de base para o editorial, no qual a *Folha* se baseia para argumentar em prol da condenação. A forma verbal centraliza a atenção em *lei*. Na mesma direção, o imperativo afirmativo conduz a uma ordem, pelo seu cumprimento. Tais recursos focalizam e centralizam o valor maior do editorial, que dará respaldo à posição favorável ao processo. Assim, a manifestação segue o raciocínio lógico e a rigidez e objetividade do processo. De *Condenado* a *Cumpra-se a lei*, o jornal atribui ao processo valores de legalidade, objetividade e consistência, por um percurso determinado: o réu (culpado e responsável), os avaliadores (sujeitos de razão) e as provas (cabais e unilaterais). A fotografia que acompanha o editorial permanece no mesmo estilo do primeiro editorial analisado do veículo: a mão no rosto (boca) e o semblante contraído constroem o estado de tensão de Lula.

Já no subtítulo, o editorial se dedica à manutenção da blindagem objetiva do processo. Usando uma comparação em *Como em outros processos*, o jornal compara o processo de Lula a demais casos, com o intuito de mantê-los em mesmo valor, a *normalidade republicana*. Com isso, reveste o caso de novos sentidos, uma vez que está inserido em uma escala do normal, posto ao centro, devido à caracterização *plena*. *Republicana*, por sua vez, faz uma recuperação histórica e contextualiza o processo no enquadro da República. A posição do editorial, assim, é compreender o caso Lula em um percurso histórico de normalidade para, com a finalidade maior, blindá-lo e valorá-lo como processo legal sem controvérsias ou fatores desviantes. Por consequência, se inserido na normalidade, não há fatores de desvio, como argumenta ao longo do editorial.

O início do enunciado é marcado por uma ação de Lula. O sentido principal está em *preferir não cumprir*, circunstanciado pela presença de partidários e pela decisão de Sérgio Moro. O editorial constrói uma imagem negativa em um gradiente aos partidários de Lula. Quanto mais próximos, mais passionais. *Previsíveis manifestações* e *partidários mais inconformados* fazem parte de tal construção, já no início do editorial. Há um tratamento, sempre negativo, para compreender esse aglomerado, que está pautado no seguimento a Lula. O não cumprimento, na visão do editorial, ocorre nesse meio. Não só pelo uso de mesmo verbo, mas a ação de Lula está em oposição ao sentido do título, ao que prega o editorial. Assim, Lula já é um sujeito fora do diagrama legal.

Tal atitude, porém, na afirmação do editorial, não é desobediência à ordem judicial. A localidade novamente é definida junto aos partidários, agora como militância petista. Em *Sua atitude reflete um cálculo político*, o editorial pensa o ato de Lula inserido em um projeto maior, em correlação à expectativa, isto é, ao desejo e ao querer da *militância*. Em oposto, a ideia em *efeito que possa ter no conjunto da opinião pública* se destoa da manobra de Lula, concentrada, na ideia do editorial, nas próprias bases e partidários do ex-presidente. De tal modo, a *opinião pública* seria o sujeito principal e ideal de mobilização, na visão do editorial, contraposto às ações de Lula, contido em um reduto de passionalidade ausente de lógica.

Os parágrafos seguintes são destinados à blindagem do processo, ao descrédito da tese de defesa e a um novo julgamento de Lula. A demarcação inicial é a emoção em relação ao *fato*, caracterizada em força e natureza. Em um sentido adversativo (*Ainda que sejam intensas e díspares as emoções que o fato suscita, a prisão de Lula segue um protocolo republicano [...]*), logo a emoção é rebaixada diante da objetividade, da legalidade e neutralidade do processo. O uso de *fato* constrói o sentido de ato acabado e determinado, como prega o editorial, já que, de acordo com argumentações, é ilógica e inverossímil a defesa de Lula. O *fato*, assim, é consumado do início ao fim. O editorial utiliza o mesmo procedimento anteriormente analisado, o de centralizar o fato em si mesmo como agente.

O editorial, ao pontuar que *a prisão de Lula segue um protocolo republicano*, recupera os valores de legalidade e objetividade e, sobretudo agora, lhe associa à ideia de *normalidade republicana*. Os sentidos presentes em *Condenado* retornam, mas em relação a novos, como é o caso da demarcação republicana. Outra demarcação do processo é a *transcendência*, como ato de elevação ou de superação de algo. A referência do transcender é *significações ideológicas e paixões partidárias*. Nessa demarcação, o editorial tece o valor da neutralidade ao processo, em oposição às paixões e à ideologia. Colocando-o acima de questões ideológicas e julgamentos passionais, o editorial também se posta nesse nível de objetividade, isto é, a *Folha*, em certa medida, também é sujeito de razão ao dar aval ao processo e atestar sua própria racionalidade e objetividade.

*Folha* valora o processo baseando-se no fato (já determinado), nos sujeitos de razão e no condenado, em uma avaliação que nega qualquer adversidade. O editorial nem chega ao ponto de entender que há internamente *significações ideológicas e paixões políticas* no protocolo, mas trata de uma *tentativa de revestimento* (por fora, via terceiros),

retomando a noção do fato por si só, consumado, definido e sobretudo neutro (para um só lado). A demarcação negativa em *com doses negligenciáveis de provocação* faz a avaliação de tal tentativa de deturpar o *fato*.

O rebaixamento da tese de defesa ocorre em *Não se sustenta, é obvio*. Como o processo está pautado no fato em si, características como inverossímil e inconsistente trabalham no rebaixamento na mesma linha, pois recupera o fator de plausibilidade do real. Após generalizar os argumentos de defesa, o editorial argumenta em contrário, dissecando o raciocínio de defesa de Lula. Já que o ponto central é a perseguição política de um líder de origem operária, como afirma o editorial, o certame da crítica incide justamente na base: contrapõe outros sujeitos sem as características de Lula que foram atingidos. Desse modo, ao se direcionar ao cerne da tese de defesa, o jornal a desqualifica. Não faz sentido, desse modo e de acordo com essa visão, afirmar que é perseguição, se outros políticos de diversas linhas ideológicas foram condenados.

Para contra-argumentar, o editorial cita nomes de sujeitos envolvidos em investigações da Lava Jato, a qual, conseqüentemente, recebe demarcações positivas por investigar não só um “perfil” político, mas um amplo rol de personalidades. Ao fim, o editorial faz a diferenciação em *compromisso histórico com luta sindical e defesa dos excluídos*. O contra-argumento é apresentar demais sujeitos investigados para derrubar a tese de que Lula é alvo político, por estar próximo de questões sociais. Não só Lula, com histórico de luta social, mas também outros políticos sem esse perfil foram alvos da operação. Não há, portanto, como raciocina o editorial, alegar perseguição política.

Em defesa do processo, e por consequência da Lava Jato, o editorial aponta que *nem mesmo existe beneficiário claro [...] das ondas de combate à corrupção*. Tal posicionamento possui duas funções na sequência lógica do editorial. A primeira, para dar condução à imagem de um processo neutro e objetivo, sem finalidade de beneficiar ou prejudicar politicamente alguém. A segunda, para evidenciar, contra a tese de defesa de Lula, que não há sujeito privilegiado nesse processo. Essa afirmação ocorre junto a uma localidade, *meios políticos mais tradicionais*, reforçando a lógica até então. A consequência de *ondas de combate à corrupção* é a produção de *desalento e revolta no eleitorado nacional*. Tal colocação será resgatada ao final, posta ao lado da ideia de avanço, devido ao combate da corrupção.

No quinto e último parágrafo da série ([...] *confundir a derrota judicial do ex-presidente [...] com o julgamento dos valores ideológicos [...]*), o editorial retoma a

objetividade do processo, para negar a perseguição política. Nesse meio, faz uma demarcação dizendo que a derrota judicial de Lula é fundamentada em *provas consistentes de corrupção, condenações em duas instâncias e habeas corpus negados*. O vocabulário jurídico é ponto de apoio e argumento que retoma o aspecto legal e detalhado do processo (o apreço pelo fato em si, pela prova nela mesma), em oposição a questões políticas partidárias. A menção positiva de Lula, única até então, é *destaque indisputado*, em que o editorial atribui ao ex-presidente a singularidade.

O parágrafo destinado ao “lado de lá”, isto é, a tratar dos opositores de Lula não deixa, porém, de enquadrar os partidários (agora como *lulistas*) negativamente. A relação é o paralelo entre ambos (*senso de irrealidade que se configura na atitude dos lulistas e euforia persecutória, claramente seletiva, de setores [...]*). A característica de (falta de) real permanece para caracterizar o grupo dos partidários. Em contrapartida, nesse paralelo, a designação ocorre por uma irracionalidade, porém mais geral (setores). *Bandeiras vermelhas e fantasmagórico comunismo* são os locais originários dos problemas políticos. Há uma crítica aos dois lados, portanto. Para lulistas, a retomada da irracionalidade e falta de senso. Para opositores (setores), a má interpretação e perseguição políticas. O editorial rejeita ambos, com mais atenção ao campo dos partidários.

Iniciando a conclusão, a *Folha* estabelece a relação (*disputa*) entre *liberais e estadistas, redistributivismo e competitividade, dispêndio e austeridade*. O foco é se afastar do cenário passional descrito anteriormente, já que em *num campo distinto do que, agora, ocupa as emoções gerais* o editorial manifesta uma crítica ao exagero e um apreço pela contenção. *Democracia, debate e alternância de poder* têm relação com a lei, valor central no editorial. Prosseguir e aperfeiçoar-se são sentidos empregados na ligação entre o estabelecido da lei e a punição ao desvio. O editorial cita pontos positivos em torno do valor democrático, estes provenientes da condição da lei. O caso de Lula, assim, nessa lógica e visão, é exemplo de tais pontos positivos.

Ao final, o editorial faz uma diferenciação (*Afora uma pequena parcela de militantes [...]*) para demarcar um progresso da sociedade. *Militantes* engloba partidários e opositores pelo *inconformismo e ódio*, em contraponto à *sociedade*, madura e serena. As designações negativas são ligadas ao exagero e à passionalidade, enquanto as positivas, à contenção e ao equilíbrio. *Sociedade*, nesse conjunto, recebe atribuições positivas diante dos *conflitos e problemas*, gancho para elencar a corrupção e demarcar

um avanço. Agora, *progresso brasileiro* é o mote final de sensibilização, diante das questões citadas.

*Figura 7 - Brésil : la disgrâce d'un président*

## ÉDITORIAL

Le Monde

# Brésil : la disgrâce d'un président

Editorial. Après la condamnation de Lula, la justice brésilienne doit faire preuve de la même attention envers les dirigeants du centre ou de la droite soupçonnés de corruption.

Publié le 07 avril 2018 à 11h08 - Mis à jour le 07 avril 2018 à 13h12 | 🕒 Lecture 2 min.

Fonte : *Le Monde*

Com o mesmo tom metafórico/heroico, *Le Monde* trata do caso de Lula como mote para uma crítica geral ao contexto. O sentido de *humiliation* / *humilhação* presente em *Une démocratie en déliquescence* / *Uma democracia em declínio/decadência* permanece, mas agora em relação a outras referências. A imagem de Lula é construída como um grande e importante político que agora está em uma situação tensa, assim como a nação por ele governada. Esse movimento brusco (entre *grandeur* e *décadence* e entre *grâce* e *disgrâce*/ *grandeza* e *decadência* – *graça* e *desgraça*) perpassa a constituição tanto de Lula, quanto do cenário político e social, portanto. Apontando críticas sobre a Lava Jato, *Le Monde* implica um *dever* à justiça brasileira: investigar políticos de outros espectros ideológicos. Por fim, o editorial adquire um tom otimista em *révolution*/revolução.

O procedimento de identificação no editorial permanece no uso de *Brésil* (*Brasil*) que confirma o tom generalista das críticas. Ainda que no título o foco seja Lula, o editorial faz o movimento comum de crítica panorâmica. *Disgrâce d'un président* / *Desgraça de um presidente* faz remissão e avaliação da situação de Lula, cujas demarcações ao longo do editorial reforçam a ideia heroica de um sujeito político importante, mas agora em *disgrâce*. A fotografia no editorial também reforça a ideia de um herói político: são eleitores segurando, em um ângulo de baixo para cima, uma bandeira com uma foto de Lula. Cria-se a imagem de um político adorado pelo público. O subtítulo já encaminha também os sentidos ao contexto, implicando um dever. No contexto da condenação, o editorial concebe um *doit faire preuve de la même attention* /

*deve fazer prova/provar de modo igual* para a justiça brasileira, que, por ser sujeito, recebe o peso da modalização feita pelo jornal.

*O doit faire preuve / deve provar* estabelece uma posição de igualdade do jornal diante do cenário. O dever é também uma prova de imparcialidade à justiça brasileira, já que o jornal pontua que seja dada atenção igual aos suspeitos de corrupção do centro e da direita. O título e o subtítulo constroem o movimento de crítica no jornal, em uma direção pontual e em posição geral.

No primeiro parágrafo, o editorial relaciona o percurso de Lula e do Brasil (*La tentation est grande de confondre le sort [...] / É grande a tentação de confundir o destino*). Demarca o país como nação emergente, que, com Lula, mudou índices sociais. Identificado como ex-sindicalista, Lula é responsável por tal subida social brasileira, entre 2003 e 2010, devido ao petróleo, à soja, cana e café. A forma (*enivrée de pétrole, gorgée de soja, de canne à sucre et de café / bêbado de petróleo, abarrotado de soja, cana-de-açúcar e café*) de citar demonstra excesso e um tom metafórico para caracterizar a alavanca econômica brasileira à época. Os impactos são a redução drástica da desigualdade, a melhora da educação e o destaque internacional. O editorial destaca feitos positivos, então, demarcados na relação entre Lula e Brasil, mas logo muda a referência de espaço-tempo para contrastar o antes e o agora (*aujourd'hui, le pays renoue avec l'extrême violence [...]*). O termo insere outra realidade, agora negativa, sobre o Brasil: extrema violência, miséria e escândalos de corrupção.

O primeiro momento do texto constrói, assim, uma relação particular entre Lula e Brasil. Ambos, nesse período citado (2003 a 2010) foram estrelas, devido ao desenvolvimento social e impacto internacional. Mas caem juntos. O editorial faz uma construção específica (*Grandeur et décadence d'une nation. Grâce et disgrâce d'un homme d'Etat / Grandeza e decadência de uma nação. Graça e desgraça de um homem de Estado*), a fim de tecer tal relação entre Lula e Brasil. Os termos de ascensão para ambos vivem um mesmo campo lexical, assim como os de declínio. A semelhança de termos e a construção alto-baixo-sujeito torna a relação e a narrativa entre os dois próximas e indissociáveis.

Na sequência, o editorial vê Lula como ícone da esquerda e o insere nas problemáticas de corrupção no país, por meio da imagem em *est aujourd'hui aux portes de la prison / está hoje nas portas da prisão*. *Le Monde* apresenta então o cenário político de Lula: a condenação, a causa e o argumento de defesa. Nesse percurso, caracteriza-o

como *ancien gamin du Nordeste / antigo garotinho do Nordeste* e o descreve como *rechigne à se plier à justice / relutante em se submeter à justiça*, construindo a ideia de resistência e de regionalidade. A tese de defesa, apresentada com distanciamento, está em *s'estimant victime d'une machination / colocando-se como vítima de uma maquinação*, na qual Lula possui traços de passividade (porque não se trata de feitos de Lula, mas de ações da *maquinaria*), em relação à força de *machination orchestrée par les « elites » / maquinação orquestrada pelas “elites”*. O objetivo das elites, nessa visão, é *virar a página* da esquerda e do lulismo.

O editorial em seguida apresenta a linha de razão da defesa de Lula, que se apoia nas problemáticas do caso e na condução de Sérgio Moro. Ao mesmo tempo, porém, critica a Lava Jato e lhe atribui um fator positivo, por evidenciar uma realidade de sistema de corrupção em grande escala na política brasileira. A imagem da Lava Jato é positiva e negativa, isto é, complexa a partir dos termos e demarcações feitas. O editorial também, nesse momento, atribui (*Cette conviction...s'appuie sur les polémiques et critiques suscitées [...] / Essa convicção [...] se apoia nas polêmicas e críticas suscitadas [...]*) razão à tese de defesa. Em um sentido adversativo (*Malgré les failles, les excès parfois / Apesar das falhas e dos excessos por vezes*), o editorial menciona os problemas, mas foca no ato de trazer à luz uma realidade problemática. *Investigations/investigações* é o sujeito responsável na ação de *trazer à tona a réalité que personne n'oser nier / realidade que ninguém ousa negar*. A ação verbal implica a existência de tal realidade anteriormente “escondida”, “às escuras”. Ao caracterizá-la, pontua a impossibilidade de negação, como algo escancarado e grande, como em *grande échelle / grande escala*.

A realidade é a grande corrupção do sistema político brasileiro, que recebe, assim, a crítica e as designações negativas. O editorial cita vários cargos políticos (o que reforça o caráter profundo e de grande escala), de prefeitos, passando por deputados, até chefes de Estado para dizer que se aproveitaram de dinheiro público e que participaram de esquemas corruptos com empresas para financiamento de campanha eleitoral. *Le Monde* mobiliza nesse momento a crítica comum ao sistema político brasileiro, reiterado na corrupção e na desigualdade.

Ao final do parágrafo, o editorial faz uma citação direta de um procurador de Curitiba. A citação reforça e é, portanto, um argumento de autoridade, a ideia de um esquema sistêmico de corrupção no Brasil, não pertencente a Lula ou ao PT, mas aos partidos no poder. Não há identificação do procurador mencionado, cuja referência



destacada é a localidade em *cidade onde nasceu a Lava Jato*, Curitiba, e *esquerda* para o PT. Demarcações estas destinadas para um público estrangeiro, o qual também entra em contato com uma negativa imagem do sistema político brasileiro, muito caracterizado no editorial em análise pela corrupção.

O editorial atribui um dever (*doit démontrer / deve demonstrar*) à Lava Jato em relação ao país. A operação, assim, deve demonstrar que a prisão de Lula não é ato político, posição presente desde o início do editorial. Assim, reitera em seguida que a prisão de Lula não pode ser o fim das investigações. Nesse percurso, Lula é demarcado como *l'un de dirigeants les plus remarquables du pays e leadeur historique / um dos dirigentes mais memoráveis do país e líder histórico* (do PT), atribuindo-lhe importância histórica. Há um teor de “igualdade” (*doit s’attaquer avec la même sévérité [...] / deve se preocupar com a mesma severidade [...]*) no posicionamento do *Le Monde*, porque demanda da Lava Jato a investigação não apenas de políticos do PT e em principal de Lula, mas também de sujeitos importantes do centro e da direita. Pautado pelo dever, o posicionamento do editorial coloca em questionamento a credibilidade e legalidade da operação.

Em *Obstruction à la Justice / Obstrução da justiça*, o editorial cita nomes de políticos investigados a fim de criticar o sistema político de forma ampla. No primeiro caso, o início é marcado em *la société en doute / a sociedade em dúvida* para contrapor a condenação. Nomes (ambos relacionados ao MDB) de Eduardo Cunha, lembrado como ex-presidente da Câmara, e de Sérgio Cabral, identificado como ex-governador do Rio de Janeiro, são citados para personificar a condenação. O termo *toutefois/todavia* inicia uma oposição, em referência ao movimento *em bastidores* de políticos de se esquivarem da Lava Jato. O editorial faz menção à expressão *estancar essa sangria*<sup>52</sup>, presente na conversa (gravada sem conhecimento, como pontua o editorial) de Romero Jucá e um *dirigeant d’une filiale / dirigente de uma filial*. Como não há o nome do dirigente (Sérgio Machado), apenas a descrição da função, o foco recai em Jucá e na fala citada.

Ainda sobre Jucá, o editorial o identifica como sucessor de Temer (lembrado como atual presidente) na chefia do MDB. Tais relações, centralizadas pelo partido político, demarcam negativamente os sujeitos envolvidos, pelo fator dos crimes políticos. Jucá, para o editorial, apresenta *volonté claire de fair obstruction à la justice /*

---

<sup>52</sup> Disponível em: [G1 - Ouça trechos dos diálogos entre Romero Jucá e Sérgio Machado - notícias em Política \(globo.com\)](#). Acesso em: 10. Set. 2022.

*vontade/intenção clara de obstrução à justiça* e é identificado junto aos processos em que é alvo. Em *mais/mas*, termo que traz a oposição e concentra o sentido da crítica, o editorial opõe o que foi citado até então a uma tranquilidade (*sans se sentir inquieté / sem preocupação/sem se preocupar*) pelo fato de Jucá estar no Senado.

No segundo caso, Aécio Neves é o foco, identificado como candidato presidencial em 2014 contra Dilma Rousseff, e como suspeito de corrupção passiva e obstrução da justiça. Como ocorre em Jucá (*De la même façon e mais*), há uma oposição. No caso de Aécio Neves, o processo não foi examinado pelo STF. Michel Temer também é citado, cujos processos se somam à lista, mas estão parados no Congresso. O editorial, ao citar casos como os de Jucá, Neves e Temer, critica o caráter corrupto e desigual do sistema político brasileiro, caminho pelo qual se alinha para concluir a existência de uma revolução em curso.

Ao final, *Le Monde* retoma a Lava Jato, dizendo que a prisão de Lula significa (*dans la douleur / dolorosamente*) que ninguém está acima da lei, nem mesmo, como aponta o editorial, um sujeito político tão popular. Nesse sentido, há teor positivo que recobre a ação da Lava Jato, como precursora de tal investigação que revelou um sistema corrupto. A revolução, como pensa o editorial, está em curso e longe do fim. A prisão de Lula, portanto, significa mudança política dentro de um sistema corrupto, narrativa em que a lei aparece como valor maior.

Como analisado, as posições dos jornais se mantêm, mediante novas construções de linguagem. O juízo da *Folha* favorável à condenação, concebendo que seja positivo ao país, recebe outros traços de sentidos, como a normalidade republicana. No *Le Monde*, a visão da crítica sistêmica implica, no sistema político corrupto, um dever à justiça brasileira e à Lava Jato. Os jornais, assim, se mantêm alinhados aos valores ideológicos presentes nos primeiros editoriais analisados. Mesmo com mudanças nas estruturas, a visão de mundo entre eles ainda é de contraste, ou seja, são díspares e discordam em pontos como o foco da crítica e a imagem do processo.

A visão de mundo crítica ou condescendente (em escalas complexas) ao processo e à situação política é construída por uma organização singular de materialidades: “Porque o poeta não escolhe suas palavras de um dicionário, mas do contexto da vida no qual as palavras se sedimentam e se impregnam de valorações.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 88). As palavras, enquanto signos ideológicos, tecem o sentido nos editoriais, conforme uma posição valorativa do jornal. Não de modo separado, mas o conjunto organizado

formaliza uma dada interpretação da vida social. A crítica geral do *Le Monde*, cujo mote é o caso de Lula, e o direcionamento único da *Folha* sobre o caso, que se torna “legal”, são posições baseadas em palavras, pensadas a fim de construir um tom ideológico específico.

A narrativa, assim, se inicia no título. *Folha* evoca o valor da lei, como base de interpretação do caso, que recebe uma densa identificação de legalidade, objetividade e normalidade. Já *Le Monde* apresenta tom metafórico e heroico na construção de Lula, para, depois, dedicar-se à crítica sistêmica. O título, portanto, é síntese da posição díspar dos jornais. Na *Folha*, ao final, a prisão de Lula é valorada como um progresso democrático, em associação a outros valores como debate e alternância de poder. Já para o jornal francês, com base no valor da lei, aponta uma revolução em curso, com tom positivo, já que significa justiça, mas com um dever implícito de investigação.

A imagem do processo no editorial brasileiro é semelhante por conter sentidos como objetividade e racionalidade, mas se difere pois agrega outros valores como normalidade republicana. A finalidade de todos, porém, é a construção de um processo sobretudo, normalmente “neutro” ([...] *prisão de Lula se inscreve na plena normalidade republicana / [...] que transcende as significações ideológicas e as paixões políticas.*). Normal, pois não há fator de desvio, já que se opera com base em fatores jurídicos legais. Como todos os pormenores estão em um espectro de normalidade, é incabível problematizá-los. Ainda é “neutro”, pois se retrata o processo como acima de questões ideológicas e passionais.

No lado francês, o editorial constrói a imagem do processo de modo peculiar por meio da atribuição de sentidos positivos e negativos. No primeiro caso, a Lava Jato é responsável por colocar em cena uma realidade de corrupção no sistema político. Por tal motivo há uma designação e responsabilização da Lava Jato positiva diante do cenário. Os pontos negativos são as polêmicas e críticas ao desenvolvimento do processo e da ação de Sérgio Moro. Falhas/imperfeições e excessos são outros termos valorativos que moldam o lado negativo. Ambos coexistem em um sentido de *apesar do negativo, o positivo*.

Ainda no *Le Monde*, o jornal utiliza o discurso direto do procurador de Curitiba para dar argumento de autoridade à crítica que desenvolve. Outro caso, agora de discurso indireto com o “estancar essa sangria”, serve ao editorial como exemplo dos mecanismos e acordos de fuga entre políticos investigados. A palavra alheia entra em contato com a

palavra minha, nesse cenário específico de comunicação. Faz uso, pois, da palavra alheia para construir verdade: “O ‘discurso alheio’ é o *discurso dentro do discurso*, o *enunciado dentro do enunciado*, mas ao mesmo tempo é também o *discurso sobre o discurso*, o *enunciado sobre o enunciado*.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249, destaques do autor). Inserida nesse contexto editorial, o discurso outro torna-se palavra minha, do *Le Monde*, pois entra no processo de avaliação e de costura da verdade.

Essa construção de verdade passa pela voz social partilhada pelos jornais. “A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina as escolhas dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.” (BAKHTIN, 2011, p. 289). Como pontua Bakhtin (2011; 2017), a relação do sujeito com o objeto ou evento político determina a construção enunciativa. Desse modo, *Folha* e *Le Monde* mantêm relações distintas com o processo e com a responsabilidade de Lula. Tal visão compõe uma diferença de foco, como já apontado. *Folha* sobretudo em Lula; *Le Monde*, no sistema político.

A força argumentativa do jornal brasileiro nos editoriais analisados é reforçar a condenação, por meio de um processo avaliado como legal e objetivo. Nesse percurso, coloca-se como sujeito de razão que também julga Lula. Em contrapartida, esse espaço do processo é ocupado pela crítica à operação. “Todas as enunciações se construirão precisamente com base em sua visão; suas possíveis opiniões e valorações determinarão a ressonância interna ou externa da voz – a *entonação* – e a *escolha* das palavras e sua *composição* numa enunciação concreta.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 166, destaques do autor). Assim, não só a construção enunciativa, mas também o foco, o espaço e o tempo destinados a cada referência do evento político são determinados pela visão social que os jornais possuem e representam nos editoriais.

Fruto dessa diferenciação de visão social é o exemplo dos políticos diversos. No editorial brasileiro, uma sequência ([...] *figuras como Paulo Maluf, Eduardo Cunha* [...]) cita nomes de políticos para atestar a objetividade do processo e desqualificar a defesa de Lula. No *Le Monde*, ([...] *comme Eduardo Cunha* [...] ou *Sergio Cabral* [...]), a menção a políticos na mira da justiça faz outro movimento, o de criticar o sistema político em geral. Desse modo, “Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113). Um mesmo processo de argumentação, ainda que materializado com referências distintas, serve aos jornais em suas construções de verdade.

Nessa direção, porque o enunciado é social e sempre responsivo, os jornais se posicionam. A *Folha* na medida em que dá aval ao processo, blinda-o e o defende, e também se torna parte imprescindível dessa condenação, por ser um sujeito de razão avaliador do caso. Entretanto, não se posiciona de modo direto. Um dos mecanismos de posicionamento e de interpretação é a ideia de que o fato em si é inflexível e consistente, negando que haja outra possibilidade de leitura, senão a condenatória. Isto porque a *Folha* assim pensa sobre o caso, manifestação concretizada no editorial.

Já *Le Monde* se coloca crítico ao sistema e aponta problemáticas da operação. O jornal se posiciona atribuindo à operação um dever, o de investigar com a mesma seriedade líderes políticos do centro e da direita, para provar que a prisão de Lula não é partidária. A reincidência da crítica ao sistema político, nos dois editoriais analisados, torna-se um lugar-comum do jornal francês nos apontamentos, com as demarcações de que se trata de uma jovem democracia, e de um sistema frágil e corrupto.

Os jornais partilham de uma visão positiva da prisão de Lula, porém com razões distintas. Na *Folha*, a prisão é o resultado de um processo límpido e objetivo. No *Le Monde*, avanço da Lava Jato sobre o mote da crítica, a corrupção sistêmica. Entretanto, essa mesma visão positiva leva a outros caminhos de interpretação, como pontuado. A ideia de mudança é presente em ambos, mas revestida de visões distintas. Nesse sentido, Bakhtin diz que: “A vontade discursiva do falante se realiza antes de *tudo na escolha de um certo gênero de discurso.*” (2011, p. 282). O editorial é o gênero que concentra a opinião e o projeto de dizer/vontade discursiva dos jornais. Assim, a posição é materializada concretamente na linguagem.

Os editoriais têm pontos em comum e divergentes, que vão da imagem do processo, passando pela construção de Lula, ao posicionamento final. “Cada produto ideológico carrega consigo a marca da individualidade do seu criador ou de seus criadores, mas essa marca é tão social quanto todas as demais particularidades e características dos fenômenos ideológicos.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 129-130). Os editoriais são posições dos jornais, enquanto sujeitos sociais que interagem na comunicação discursiva. A visão que defendem e que expressam, contudo, não lhes é particular, mas fruto de um conflito entre vozes sociais.

Por tal razão, os quatro editoriais estudados até aqui pouco mudam em sua raiz social, alterando-se somente por algumas referências e valores mobilizados. Mantêm-se alinhados de um para outro, reiterando a posição do anterior. Esse movimento está

inserido, assim, em um jogo dialógico maior: o confronto de visões sobre o mesmo evento político. Vozes sociais que se coadunam e interpretam o processo como válido, representadas pelo editorial brasileiro. Demais vozes, já com tendências ao questionamento e a polêmica, direcionam-se a outro foco no evento político. Não se trata, contudo, de vozes dispostas como linhas paralelas que não se cruzam. Ao contrário, como foi apontado, há pontos em comum. Isso é a tensão de vozes sociais na dinâmica de forças sociais de centralização e descentralização. Isto é a constituição tensa e síntese dialógica do gênero editorial.

## 5. SEÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, meu objetivo foi discutir as significações, valorações e juízos sociais sobre os processos em torno, à época, do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, abordados em editoriais de *Folha de S.P* e *Le Monde*. Com base nos conceitos bakhtinianos de enunciado, ideologia e cronotopo, a seleção privilegiou o contato temático principalmente, em consonância aos critérios temporal e genérico, para discutir como os jornais compreenderam esse momento tenso da política. Por ser síntese de tensões sociais, o editorial foi um gênero produtivo para a proposta, já que é a assinatura institucional. Como agente social, a imprensa movimenta a vida social, não meramente refletindo, mas refratando questões sob óticas e narrativas diversas.

Escrita em primeira pessoa, a presente dissertação é fruto de um entendimento teórico sobre a linguagem. Todo enunciado é produzido por algum sujeito, ainda que haja a tentativa de neutralizá-lo. Assim, com o tema jornalístico e editorial, os pronomes se modificam para jogar com a estrutura do gênero dissertação e lhe empregar um sentido novo. Cada espaço da dissertação, com o objetivo definido, possui o uso de pronome próprio, mas todos a mim se referem. O “eu”, todavia, não é um sujeito isolado, mas carregado da alteridade e das relações com o “outro”.

Ao final, a análise debateu que os jornais mantêm uma relação de tensividade interpretativa. Os editoriais analisados tratam do processo de Lula: a *Folha*, condenando-o integralmente como juíza terceira na questão; *Le Monde*, ainda que faça apontamentos positivos ao processo/Lava Jato, mantém-se crítico ao sistema político brasileiro, principal alvo das suas considerações. A crítica, no jornal brasileiro, centralizada em Lula e no rigor objetivo do processo se torna difusa no lado francês, quando mencionam não apenas os casos de Lula, mas todo o sistema político.

Ainda que partilhem referências, a construção de sentido e o contexto de valor em que são compostos os enunciados alteram a posição entre um e outro. Desse modo, há diferenças entre os posicionamentos, não somente por se tratar de dois sujeitos singulares, mas porque partem de vozes e concepções sociais distintas, que são materializadas na estrutura enunciativa. *Folha* com tendência à manutenção do ocorrido, como na condenação de Lula; *Le Monde*, à crítica seguida, tecendo um lugar-comum de problematizações. Outro exemplo é a consolidação do valor democrático nos editoriais.

Ainda assim, porque a visão de mundo modifica o signo, esse mesmo valor passa por crivos diferentes: do fortalecimento à decadência.

Os jornais mantêm a posição entre os editoriais. Na análise comparada, distanciam e se aproximam em partes. *Folha* se coloca em um lugar de equilíbrio e afastado ao analisar o caso como normal e objetivo, sem excessos partidários, políticos ou ideológicos. O sentido geral do jornal brasileiro se apoia em afirmações centradas no próprio ato, a exemplo dos títulos dos editoriais (*Cumpra-se a lei* e *Condenado*). Esse lugar equilibrado não permite a exaltação ou o oposto, por isso também apoia e condena Lula. *Le Monde*, por sua vez, insere-se na controvérsia, elencada em principal pela concessão. *Apesar de* ou *embora* algo negativo ou polêmico, algo bom ocorre. Nesse espaço coabita a graça e a desgraça da nação e do político.

Os editoriais também se assemelham, quando mencionam a radicalidade da figura de Lula: amor, ódio, deus, partidários, inimigos, bandido, termos presentes para caracterizá-lo. A igualdade, porém, é levada a outro momento, este de diferença, quando a identidade de Lula é debate nos editoriais. Na *Folha*, culpado, cuja defesa inócua e irreal é parte dessa sensação ideológica. No *Le Monde*, é a história dramática de um sujeito político. Esse movimento de aproximação e logo distanciamento (e vice-versa) é típico da tensão social construída por tais vozes destoantes. Não há conciliação exata, tampouco discrepância total, porque esse movimento é o diálogo infindo.

Para tanto, o editorial é importante, uma vez que esse gênero é a categoria primordial da opinião institucional. Partimos da ideia de que nessa unidade enunciativa se encontram e se chocam aspirações distintas, por esse motivo é congregação. É, ainda, síntese porque, além de reunir, tensiona vozes conflitantes sobre o cenário político e lhes é resposta na produção discursiva. Com o editorial, portanto, concluo essa função social do gênero, extremamente relevante nos embates contemporâneos (após 2013) da política.

A imprensa não é neutra, afirmação que abre e finaliza a dissertação, pois insisto em pontuar que nada é alheio ao valor, do simples cumprimento a um gênero tensivo e complexo, como o editorial. A justificativa social, então, é voltar ao debate de neutralidade e de responsabilidade dos meios de comunicação. Se não há um ponto neutro ao qual chegar, cada palavra dita deve ter o peso devido na comunicação social. Nesse sentido, meu trabalho contribui com os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*<sup>53</sup>,

---

<sup>53</sup> Disponível em: [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável | As Nações Unidas no Brasil](#). Acesso em: 01. Maio. 2023.



especialmente aqueles que tratam de reduzir diferenças, melhorar a educação e fortalecer instituições. Pois a análise em minúcias de discursos é capaz de compreender as vozes e forças sociais que almejam a manutenção de estruturas desiguais.

A justificativa também é teórica, ao mobilizar conceitos do Círculo de Bakhtin e os afirmar diante de questões contemporâneas de linguagem: a noção de enunciado é eficaz para enxergarmos a malha de falas e posicionamentos políticos; ideologia, por sua vez, para compreendermos o que tais malhas pretendem impactar socialmente; cronotopo, por fim, para discutirmos que, se não há neutralidade, o dito é oriundo de um lugar, que esboça uma imagem de sujeito e visão de mundo. Assim, confrontando o conceito naquilo que lhe é próprio, a reflexão crítica e pertinente, ocorre o avanço e a abertura de pensamento.

A ideia inicial do projeto era discutir os enunciados editoriais do *Le Monde* e da *Folha* sobre a política brasileira. Ao longo dessa trajetória, muitos pontos e intenções mudaram, movimento natural em qualquer pesquisa com foco em materiais sociais como são os textos. Acrescento que, embora não seja o foco, a dissertação pode ser uma contribuição para a educação, visão que somente nos momentos finais adquiri. A análise de textos, especialmente os jornalísticos, além da formação da opinião são conteúdos previstos em documentos e currículos educacionais.

Como nenhum enunciado é o término absoluto daquela direção enunciativa, meu trabalho seguiu rumos de produção e também os aponta. É possível discutir, com resultados profícuos, a relação entre jornais distintos e de culturas diferentes, porque esse contato é produtivo para compreender o evento e o contexto social. Com editoriais ou demais gêneros, o enriquecimento teórico-analítico com teorias da comunicação, que dividiriam a base com o Círculo, também é caminho possível. Quanto mais a discussão sobre imprensa e política avançar, mais compreenderemos a história brasileira. Desse modo, compreendemos quem é o Brasil nas linhas da imprensa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estudos CEBRAP*, v. 38, p. 185–213, 2019.

AZEVEDO, Fernando. PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014). *Opinião Pública*, 24(2), p. 270-290, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.

BENITE, Anna. #28 - *É possível descolonizar a ciência?*. Decoloniza! O podcast da Ocareté, 2020. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/5GgpVeIrCaTlf7q6TvHMFJ?si=CclMirOpQeeFUv06-zmHw&utm\\_source=copy-link](https://open.spotify.com/episode/5GgpVeIrCaTlf7q6TvHMFJ?si=CclMirOpQeeFUv06-zmHw&utm_source=copy-link). Acesso em: 08. Out. 2022.

BIANCH, Alvaro. *Golpe de Estado: o conceito e sua história*. In: PINHEIROMACHADO, R; FREIXO, A. (Org.) *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

BOITO JUNIOR. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. 2020. *Crítica marxista*, v.50, p.111-119, 2020.

CASADO ALVES, Maria da Penha. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. *Signótica*, v.24, n.2, p. 305-322, 2012.

CASADO ALVES, Maria da Penha. *O cronotopo pandêmico: sujeitos em tempo de crise*. 2020. Canal Abralim YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/kHqzNW5Ok3s?t=228>. Acesso em: 23. Out. 2022.

CRISTÓVÃO, Assunção. *Fazendo gênero em jornalismo: os projetos editoriais da Folha de S. Paulo em Perspectiva dialógica*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOURADO, Tatiana. *Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil*. Tese de doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia, 2020.

EVENO, Patrick. *Histoire du journal Le Monde*. Paris: Michel Albin. 2004.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GEGe - Grupo de estudos dos gêneros do discurso (Org.) *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GERALDI, João. *Heterocientificidade nos estudos linguísticos*. In: GEGe - Grupo de estudos dos gêneros do discurso (Org.) *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v.31, n.1, 2016.

GUILBERT, Thierry. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ªed. Rio de Janeiro:DP&A, 2005.

JINKINGS, Ivana.; DORIA, Kim.; CLETO, Murilo. (Org.) *Por que gritamos golpe?: Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARQUES, Francisco; MONT'ALVERNE, Camila. A opinião da empresa no Jornalismo brasileiro: um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 12, n. 1, p. 121–137, 2015.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Montes, 1998.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, v. 2, n. 32, p. 122–151, 2016.

MEDVIEDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.

MEDVIÉDEV, Iúri; MEDVIÉDEVA, Dária. O Círculo de M.M Bakhtin: sobre a fundamentação de um fenômeno. *Bakhtiniana*, v. 9, p. 26-46, 2014.

MELO, Demian. Bolsonaro, fascismo e neofascismo. *Anais do Marx e o Marxismo 2019: Marxismo sem tabus - Enfrentando opressões*, v. 1. p. 1-11, 2019.

MELO, José. Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 39, n. 1, 2016.

MENDONÇA, Marina. *Desafios metodológicos para os estudos bakhtinianos do discurso*. In: GEGe - Grupo de estudos dos gêneros do discurso (Org.) *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

MOLINA, Matias. *Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional*. São Paulo: Globo, 2007.

PAJEÚ, Hélio; MIOTELLO, Valdemir. A compreensão da cultura pelo ato responsável e pela alteridade da palavra dialógica. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, n. 3, p. 775–794, 2018.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, v. 27, n. 49, 2020a.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos*, v. 8, n. 3, p. 132–151, 2020b.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, v. 33, n. 3, p. 105–134, 2020c.

PAULA, Luciane de; SIANI, Ana Corolina. Uma análise bakhtiniana da necropolítica brasileira em tempos de pandemia. *Revista da ABRALIN*, p. 475–503, 2020.

PIAIA, Victor; NUNES, Raul. *Política, entretenimento e polêmica: Bolsonaro nos programas de auditório*. 2018. Disponível em: *Política, entretenimento e polêmica: Bolsonaro nos programas de auditório – IESP nas Eleições*. Acesso em: 21. Out. 2022

PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2012.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta, 2019.

PINHEIRO- MACHADO, ROSANA; FREIXO, Adriano de. *Introdução: Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso*. In: PINHEIROMACHADO, R; FREIXO, A. (Org.) *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

RÊGO, Ana Regina; AMPHILO, Maria Isabel. *Gênero opinativo*. In: MELO, José. Marques de; ASSIS, Francisco de. (Org.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

ROCHA, Camila. *"Menos Marx, mais Mises": uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)*. Tese de doutorado em Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2018.

ROLNIK, Raquel. *Apresentação: as vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações*. In: MARICATO, Ermínia et al. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Rafaela; LEITE, Silvia. "Toda a fonte do mal é a Folha de São Paulo": a relação entre Bolsonaro e Folha pelas ombudsman. *Ámbitos, Revista Internacional de Comunicación*, n. 52, p. 87 -101, 2021.

SIANI, Ana Carolina. *Raça, gênero e classe na obra Harry Potter: uma análise dialógica do discurso*. Tese de doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Universidade Estadual Paulista, 2022.

SINGER, André. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos Estudos CEBRAP*, (85), p. 83–102, 2009.

SOUZA, Flávia de. A campanha que começa antes da campanha: a prisão de lula e sua interferência na agenda pública no período das eleições presidenciais de 2018. *Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 4, n. 2, p. 79–96, 31, 2019.

SOUZA, Jesse *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro, Brasil: Estação Brasil, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLOCHÍNOV, Valentin. *A construção da Enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & Joao, 2013.

**ANEXO****CONDENADO/Folha S.P.****25 de janeiro de 2018****Crédito: Mauro Pimentel/AFP****O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva participa de reunião em teatro no Rio de Janeiro.**

Não há como apontar sinais de espetacularização, exibicionismo ou paixão política na atitude dos três desembargadores que, ao longo desta quarta (24), examinaram o polêmico processo envolvendo o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro.

Com longa e paciente atenção aos detalhes do caso, os membros do Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmaram a sentença do juiz Sergio Moro, que condenou Lula por receber da OAS um apartamento tríplice no Guarujá, em troca das facilidades obtidas pela construtora em contratos com a Petrobras.

Como na primeira instância, absolveram os envolvidos da acusação concernente ao depósito do acervo presidencial, em que o Ministério Público também identificara sinais de corrupção.

Decidiram, ainda, majorar a pena aplicada ao ex-presidente –dos nove anos e seis meses, passa-se a 12 anos e um mês, em razão da elevada culpabilidade atribuída a seu comportamento.

Chamar o caso de "polêmico" atende mais à realidade dos debates políticos que suscitou do que ao detalhe dos elementos jurídicos de que se compõe.

Os acontecimentos, os testemunhos, a documentação e o encadeamento lógico do que se narra nos autos dificilmente conduziriam a conclusão diversa daquela a que chegaram os desembargadores. Parece sólido o entendimento do TRF, e inverossímil a argumentação dos partidários de Lula.

Sem dúvida, estes irão persistir, com intensidade redobrada, na tese de que tudo não passa de perseguição política –e de tentativa de impedir, a partir da Lei da Ficha Limpa, que o líder nas pesquisas dispute a eleição presidencial.

Do lado dos adversários, registra-se com frequência uma fúria persecutória que tampouco terá exigido o conhecimento detalhado das circunstâncias em que o julgamento se baseou.

Os fatos, na sua minúcia e complexidade, resistem de todo modo às tentativas da defesa no sentido de inocentar o ex-presidente.

Não faria sentido, com efeito, que o presidente de uma grande construtora atuasse como simples corretor de imóveis na venda de um apartamento em Guarujá. Muito menos que alguém, sem se julgar dono do apartamento, dispusesse sobre sua reforma.

Evidente, por outro lado, o peso de Lula na nomeação de diretores da Petrobras. Difícil crer, pois, que desconhecesse por inteiro o esquema instalado na empresa.

Não, a máscara de vítima não convence. A popularidade e a liderança de Lula não o colocam acima da lei. Ainda que a disputa eleitoral deste ano possa empobrecer-se na eventual ausência de sua candidatura, é a democracia, mais uma vez, que se fortalece.

## **AU BRESIL, UNE DEMOCRATIE EN DELIQUESCENCE/Le Monde**

**27 de janeiro de 2018**

**Les scandales, mêlant mallettes d'argent sale et tractations en sous-sol, se sont succédé à la tête du pouvoir au point d'étourdir les Brésiliens.**

« **Editorial du Monde.** » Après les bravades, les larmes et les outrances, Luiz Inacio Lula da Silva, dit « Lula », président du Brésil de 2003 à 2011, a obtempéré. Vendredi 26 janvier, ses avocats sont venus remettre le passeport de l'ancien chef d'Etat aux autorités policières de Sao Paulo. Cette mesure était réclamée par un juge de Brasilia, au lendemain de sa condamnation à douze ans et un mois de prison pour corruption passive et blanchiment d'argent.

Une humiliation de plus pour l'ex-syndicaliste, figure de la lutte ouvrière sous la dictature militaire (1964-1985), qui fut l'un des plus grands dirigeants politiques du pays

et la star des sommets internationaux au temps de sa splendeur. Le sort de Lula, « père des pauvres » dont la politique sociale a sorti des millions de Brésiliens de l'indigence, déchaîne les passions.

Ses alliés protestent de son innocence et le défendent tel un dieu tandis que ses ennemis le considèrent comme un bandit. En dépit des étrangetés avérées de la procédure judiciaire, il n'est pas absurde d'imaginer que l'ancien métallo et son Parti des travailleurs aient, à l'instar de leurs prédécesseurs, succombé à la tradition clientéliste du système politique brésilien. Déjà, en 2005, le scandale du « mensalao » (l'achat de voix de parlementaires) avait failli lui coûter sa réélection. Et, au-delà de cette première condamnation, Lula fait également l'objet de huit autres procédures judiciaires.

### **Immunité dévoyée**

Mais le malaise grandit depuis l'« impeachment » controversé, en 2016, de la présidente Dilma Rousseff, héritière et successeuse de Lula. Loin de servir la cause de l'éthique promise depuis le déclenchement de l'opération anti-corruption « Lava Jato » (« lavage express »), la disgrâce de Lula offre le spectacle affligeant d'un vieux monde politique en déliquescence.

Au moment où les juges prononçaient la sentence contre l'ex-métallo, l'actuel président, Michel Temer, participait au sommet de Davos, tentant de faire oublier les lourdes accusations qui pèsent contre lui : corruption passive, participation à une organisation criminelle et obstruction à la justice.

Jusqu'à présent, le chef de l'Etat est parvenu à suspendre les procédures qui le visent au prix d'un marchandage éhonté avec des parlementaires, eux-mêmes en délicatesse avec la justice. Au Congrès brésilien, pas moins de 45 sénateurs sur 81 doivent répondre d'accusations criminelles, pointe le site *Congresso em Foco*, qui scrute l'activité parlementaire. Rien de neuf. « Lava Jato » n'a fait que mettre en lumière des pratiques bien antérieures à l'arrivée au pouvoir de Lula.

Après les manifestations monstres de 2015 et 2016 réclamant au nom de la « morale » le départ de Dilma Rousseff, les scandales, dignes d'un film de série B, mêlant mallettes d'argent sale et tractations en sous-sol, se sont succédé au point d'étourdir les Brésiliens. Mais le statut de *foro privilegiado* (« citoyen privilégié ») protège les politiciens en fonctions ; l'immunité dont ils bénéficient, légitime dans son principe, est dévoyée et instrumentalisée avec le plus grand cynisme.



L'élite de Brasilia baigne dans un climat d'impunité de nature à écœurer le peuple. A quelques mois de l'élection présidentielle, le Brésil, pays parmi les plus inégalitaires au monde, renvoie l'image d'une société de castes où les dirigeants n'obéissent pas aux mêmes lois que les miséreux. C'est indigne et dangereux pour la plus grande démocratie d'Amérique latine.

### **CUMPRA-SE A LEI/Folha S.P.**

**Como em outros processos, prisão de Lula se inscreve na plena normalidade republicana**

**07 de abril de 2018**



**O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na CUT (Central Única dos Trabalhadores), em São Paulo, em janeiro deste ano - Nelson Almeida/AFP**

Em meio às previsíveis manifestações de seus partidários mais inconformados, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) preferiu não cumprir o prazo que lhe foi concedido pelo juiz Sergio Moro para apresentar-se à sede da Polícia Federal em Curitiba.

Sem constituir desobediência a ordem judicial, sua atitude reflete um cálculo político que corresponde mais, nesta altura, à expectativa da militância petista do que ao efeito que possa ter no conjunto da opinião pública.

Ainda que sejam intensas e díspares as emoções que o fato suscita, a prisão de Lula segue um protocolo republicano que transcende as significações ideológicas e as paixões partidárias de que se tenta revesti-lo, com doses negligenciáveis de provocação. Não se sustenta, é óbvio, a versão lulista de que tudo se reduz a uma perseguição política contra um líder de origem operária.

Também foram atingidos por decisões judiciais e ordens de prisão, nestes anos de Lava Jato, figuras como Paulo Maluf, Eduardo Cunha, Sérgio Cabral, Marcelo Odebrecht, Valdemar Costa Neto ou Geddel Vieira Lima, a quem não se podem atribuir compromissos históricos com a luta sindical ou a defesa dos excluídos.

Nem mesmo existe beneficiário claro, nos meios políticos mais tradicionais, das ondas de combate à corrupção que produziram, nos últimos anos, desalento e revolta no eleitorado nacional.

Tampouco é o caso de confundir a derrota judicial do ex-presidente — fundamentada em provas consistentes de corrupção, condenações em duas instâncias e habeas corpus negados nos tribunais superiores— com o julgamento dos valores ideológicos que ele representou com destaque indisputado.

De outro lado, o senso de irrealidade que se configura na atitude dos lulistas encontra paralelo na euforia persecutória, claramente seletiva, de setores que identificam nas bandeiras vermelhas e num fantasmagórico comunismo as únicas origens da indecência nos costumes políticos do país.

A disputa entre liberais e estatistas, entre redistributivismo e competitividade, entre dispêndio e austeridade, se dá —e continuará a dar-se, não importando os candidatos que se apresentem em outubro— num campo distinto do que, agora, ocupa as emoções gerais.

A democracia, o debate, a alternância de poder prosseguem e se aperfeiçoam quando a lei é respeitada e seus infratores, depois de exercerem seu pleno direito de defesa, são punidos.

Afora uma pequena parcela de militantes, tomados pelo inconformismo ou pelo ódio, a sociedade tem maturidade, e se mostra serena, para resolver os seus conflitos e problemas. A corrupção é um deles —e o progresso brasileiro, neste ponto, se confirma mais uma vez.

## BRESIL : LA DISGRACE D'UN PRESIDENT/Le Monde

Après la condamnation de Lula, la justice brésilienne doit faire preuve de la même attention envers les dirigeants du centre ou de la droite soupçonnés de corruption.

07 de abril de 2018



Dans une manifestation de soutien à Lula, à Belo Horizonte (Brésil), le 6 avril. Douglas Magno / AFP

**Editorial du « Monde ».** La tentation est grande de confondre le sort de Luiz Inácio Lula da Silva avec celui du Brésil. Une nation émergente qui, sous la présidence de l'ancien syndicaliste, entre 2003 et 2010, enivrée de pétrole et gorgée de soja, de canne à sucre et de café, a réduit drastiquement ses inégalités, amélioré l'éducation, tout en brillant sur la scène internationale. Aujourd'hui, le pays renoue avec l'extrême violence, la misère persiste, tandis que les scandales de corruption ponctuent l'actualité politique.

Grandeur et décadence d'une nation. Grâce et disgrâce d'un homme d'Etat. Lula, icône de la gauche, est aujourd'hui aux portes de la prison. Condamné à plus de 12 ans de détention pour des faits de corruption, l'ancien gamin du Nordeste rechigne à se plier à la justice, s'estimant victime d'une machination orchestrée par les « élites » afin de tourner définitivement la page de la gauche et du « lulisme ».

Cette conviction, à laquelle adhère une partie du pays, s'appuie sur les polémiques et critiques suscitées par le déroulement de l'opération anticorruption « Lava Jato » («

lavage express ») et l'attitude du juge Sergio Moro. Malgré les failles, les excès parfois, ces investigations à grand spectacle ont pourtant mis au jour une réalité que personne n'ose nier : l'existence d'une corruption à grande échelle du système politique brésilien. Maires, gouverneurs, députés, sénateurs, ministres et même chefs d'Etat ont pioché dans les caisses publiques et reçu des pots-de-vin de la part d'entreprises, pour financer leur campagne ou leur train de vie. « *La corruption au Brésil, ce n'est pas Lula, ce n'est pas le PT* [Parti des travailleurs, gauche], *ce sont tous les partis au pouvoir* », explique un procureur de Curitiba, ville où est née « Lava Jato ».

Quatre ans après son déclenchement, l'opération doit démontrer au pays que l'emprisonnement de Lula n'est pas un acte politique. Que l'arrestation de celui qui restera l'un des dirigeants les plus remarquables du pays ne signe pas la fin des procédures. Après avoir touché les figures du Parti des travailleurs jusqu'à atteindre son leader historique, « Lava Jato » doit s'attaquer avec la même sévérité aux autres caciques des partis du centre ou de la droite.

### **Obstruction à la justice**

La société en doute, même si certains d'entre eux, comme Eduardo Cunha, l'ex-président de la Chambre des députés, ou Sergio Cabral, l'ancien gouverneur de Rio, tous deux membres du Mouvement démocratique brésilien (MDB), ont été condamnés pour corruption. Toutefois, d'autres, inquiétés par « Lava Jato », manœuvrent en coulisse afin de « *stopper l'hémorragie* ». La phrase est extraite d'une conversation entre le sénateur Romero Juca et le dirigeant d'une filiale du groupe public pétrolier Petrobras, enregistrée à leur insu. Le parlementaire, qui a succédé à la tête du MDB à Michel Temer, l'actuel président brésilien, laissait ainsi entendre une volonté claire de faire obstruction à la justice. Romero Juca est visé par plus d'une dizaine de procédures, mais il continue de siéger, sans se sentir inquiété, au Sénat de Brasilia.

De la même façon, Aécio Neves, candidat à la présidence en 2014 face à Dilma Rousseff, est suspecté de corruption passive et d'obstruction à la justice. Mais son dossier n'a toujours pas été examiné par la Cour suprême, malgré la demande de la procureure générale de la République. S'ajoutent à cette liste diverses demandes de mise en accusation formulées à l'encontre de Michel Temer. Mais celles-ci restent bloquées par le Congrès.

En envoyant Lula en prison, « Lava Jato » démontre dans la douleur que personne, pas même un ancien président, si populaire soit-il, n'est au-dessus des lois. Une révolution est en marche, mais elle ne doit pas s'arrêter là.